



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O ENSINO DA CIDADE PARA CRIANÇAS EM PERSPECTIVA:
OLHARES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS POR
PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS**

Emanuele Dias Lopes

Orientadora prof^a.
Dr. Vânia Alves Martins Chaigar



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O ENSINO DA CIDADE PARA CRIANÇAS EM PERSPECTIVA:
OLHARES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS POR
PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS

EMANUELE DIAS LOPES

Orientadora – Professora Dr^a. Vânia Alves Martins Chaigar



RIO GRANDE
2018

EMANUELE DIAS LOPES

**O ENSINO DA CIDADE PARA CRIANÇAS EM PERSPECTIVA: OLHARES SOBRE
MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS POR PROFESSORAS DOS ANOS
INICIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Espaços e Tempos Educativos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vânia Alves Martins Chaigar

Rio Grande
2018

Ficha catalográfica

L864e Lopes, Emanuele Dias.
 O ensino da cidade para crianças em perspectiva: olhares
 sobre materiais didáticos utilizados por professoras dos anos
 iniciais / Emanuele Dias Lopes. – 2018.
 130 p.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande,
 Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS, 2018.
 Orientadora: Dra. Vânia Alves Martins Chaigar.

 1. Ensino da cidade 2. Crianças 3. Anos iniciais 4. Materiais
 didáticos 5. Professoras I. Chaigar, Vânia Alves Martins II. Título.

CDU 37

EMANUELE DIAS LOPES

**O ENSINO DA CIDADE PARA CRIANÇAS EM PERSPECTIVA: OLHARES SOBRE
MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS POR PROFESSORAS DOS ANOS
INICIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Espaços e Tempos Educativos.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Vânia Alves Martins Chaigar (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof^a. Dr^a. Ivana Maria Nicola Lopes
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof. Dr. Orlando Ednei Ferretti
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Rio Grande
2018

*A minha filha Lauren Lopes que me inspira,
Aos meus pais Noedi Lopes e João Lopes pelo amor incondicional,
Ao Luca, meu parceiro de vida,
Meus irmãos Luis Carlos e Marco Antonio,
tenho a sorte de ter todos vocês em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Pensar sobre os agradecimentos é algo que me deixa extremamente feliz e grata, esse processo me faz lembrar de todo o meu percurso nesta investigação e obviamente em todas as pessoas que ajudaram a tornar esse momento possível.

Agradeço eternamente a Deus e aos guias espirituais que estiveram sempre ao meu lado e claro aos meus pais que são fundamentais na minha vida e grata os sou por tê-los, aos meus queridos irmãos “manão” e “maninho” que mesmo longe torceram por mim, a minha sobrinha afilhada, ao meu grande amigo, parceiro e marido, obrigada pelo teu apoio, obrigada por tudo!!! Principalmente nos momentos que mesmo presente fiquei ausente...

Meu obrigada mais que especial a minha filha, que muitas vezes sem compreender minha ausência, questionava quando o “projeto” iria terminar. Lauren, fostes muitas vezes fonte de inspiração em minha pesquisa e em minha escrita.

Vânia, para ti meu muito obrigada!!! Sempre disposta a me ajudar e a contribuir no meu percurso, tenha certeza que aprendi muito contigo e sou grata por cada conversa acolhedora que tivemos. Aos colegas do grupo RECIDADE, vocês foram show e em especial ao meu querido amigo e irmão Luiz Paulo da Silva Soares, que muito me ajudou, deixando esse caminho mais leve, te tenho para vida.

Ao ilustre poeta e membro do Recidade, João Vitor Xavier, que gentilmente cedeu seus poemas deixando essa dissertação mais leve, continue esse garoto incrível e querido.

Aos professores Ivana Maria Nicola Lopes e Orlando Ednei Ferretti, que muito contribuíram para essa dissertação, tenham a certeza que vocês fazem parte dela!

Agradeço as escolas/parceiras através de suas coordenadoras e diretoras foi possível uma aproximação com nossas professoras, a vocês parceiras, meu enorme agradecimento por terem confiado em nossa pesquisa e terem aberto a sala de aula.

Agradeço também as professoras que fizeram parte de minha caminhada no mestrado, tendo minha orientadora Vânia Chaigar também como minha professora, à Fernanda Hammes, à Kamila Lockmann, à Karin Ritter, à Maria Renata Mota, à Raquel Quadrado e Vanise Gomes, através de suas disciplinas que muito me acrescentaram.

Também agradeço a minha amiga e professora Kelley Duarte, pelo carinho na etapa final.

Agradeço também aos técnicos em educação Sr. Gilmar Conceição e ao Pedro Bersch, sempre dispostos a ajudar.

E a equipe diretiva da escola São Luiz Gonzaga, que me liberou para reuniões com minha orientadora e também as colegas da Educação Infantil pelo apoio, vocês moram no meu coração.

As pessoas que me auxiliaram dentro das secretarias da SeCult, SMEd e SMTEL em Rio Grande.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram nesta caminhada.

Obrigada, obrigada e obrigada!

[...] Descobri que vivo na cidade, mas não vivo a cidade. Descobri que vejo a história, mas nunca me botei muito nela [...]. Descobri que isso tudo, essa linha fina chamada tempo, é arte. É arte saber reconhecer o outro, saber respeitá-lo. É arte perceber que o cachorro da frente da minha casa é tão parte daquela rua quanto a própria casa e as pessoas que vivem nela. É arte enxergar. Descobri que fazer isso tudo é também trabalho, desafio. Assim, seguimos, no desafio e na arte de (com)viver na cidade.

João Vitor Xavier de Lima (2018, p. 16).

RESUMO

Esta dissertação apresenta análises da investigação intitulada “O ensino da cidade para crianças em perspectiva: Olhares sobre materiais didáticos utilizados por professoras dos Anos Iniciais”, que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc, pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, na linha espaços e tempos educativos. Esta investigação foi construída no Núcleo de Pesquisa e Extensão Educação e Memória - EDUCAMEMÓRIA, na linha de pesquisa “Redes de Cultura, Estética e Formação na/da cidade – RECIDADE”. O problema de pesquisa buscou compreender qual cidade foi apresentada às crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em escolas municipais da cidade do Rio Grande, RS no ano de 2016. Tendo como objetivo principal compreender a concepção de cidade trabalhada em sala de aula com as crianças. Nesta investigação articulamos com seis (06) escolas e com oito (08) professoras parceiras da rede de ensino. Chegamos aos dados empíricos através de um olhar dirigido para os materiais didáticos utilizados e disponibilizados pelas professoras da pesquisa. Para complementar a estrutura da empiria utilizou-se como instrumentos de coleta os questionários abertos pautados nos escritos de Hill e Hill (2005) e também o registro de notas proposto por Ludke e André (1986). Para realizar a apreciação das fontes, utilizamos como metodologia a análise de conteúdo de Bardin (2012). A investigação está fundamentada nos escritos de Certeau (1998), sobre os “espaços praticados” na cidade e suas “bricolagens”; em consonância com esse autor, utilizou-se Chaigar e Redin (2013), para teorizar sobre os construtos das crianças acerca da cidade e suas relações com o espaço cidadão. Também nos valemos de Lopes (2007, 2011), para discorrer sobre as territorialidades infantis e em Tuan (2013), para ponderar sobre os lugares, espaços e territórios construídos. E para contextualizar com o ensino na/da cidade, nos apoiamos em Freire (2001), com o intento de abordar o contexto da sala de aula, a *leitura de mundo* das crianças, e, por conseguinte, os lugares de afetividade e conhecimento por elas construídos. Como principais descobertas, apontamos a ênfase dada à cidade turística e na sua história de natureza positivista, assim como se sobressaiu o uso de apostilas entre os materiais didáticos. As crianças praticamente não apareceram nesses materiais, mas foram observadas algumas saídas de campo em que interagiram mais diretamente com a cidade e fizeram descobertas sobre lugares, até então não vivenciados por elas. Ratifica-se, portanto, que, em sala de aula, seus espaços praticados são pouco considerados como parte da cidade, tendo contato mais amíuê com a cidade ancorada na história positivista e no turismo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino da cidade; Crianças; Anos Iniciais; Materiais Didáticos; Professoras.

ABSTRAIT

Ce mémoire de maîtrise présente des analyses de la recherche intitulée “L’enseignement de la ville pour les enfants en perspective: regards sur les matériels didactiques utilisés par les enseignants des premières années” , qui a été développée dans le cadre du Programme de Postgrade en Éducation – PPGedu, Université Fédérale du Rio Grande – FURG, sur la ligne des espaces et des temps éducatifs. Cette recherche a été construite au Centre de Recherche et d’Extension Éducation et Mémoire - EDUCAMEMÓRIA, dans la ligne de recherche “Réseaux de Culture, Esthétique et Formation en/de la ville – RECIDADE”. Le problème de recherche a essayé de comprendre quelle ville a été présentée aux enfants des premières années de l’enseignement primaire dans les écoles municipales de la ville de Rio Grande – RS, en 2016. Ayant comme objectif principal celui de comprendre le concept de ville travaillée en classe avec des enfants . Dans cette recherche, nous avons articulé avec six (06) écoles et avec huit (08) enseignants partenaires du réseau d’enseignement. Nous sommes arrivés aux données empiriques à travers un regard dirigé sur les matériels didactiques utilisés et mis à disposition par les enseignants de la recherche. Pour compléter la structure empirique, nous avons utilisé, comme instruments de collecte, les questionnaires ouverts basés sur les écrits de Hill et Hill (2005), et le registre des notes proposé par Ludke et André (1986). Pour évaluer les sources, nous avons utilisé comme méthodologie l’analyse de contenu de Bardin (2012). La recherche est basée sur les écrits de Certeau (1998), à propos des “espaces pratiqués” dans la ville et leur “bricolages”. En accord avec cet auteur, nous avons utilisé Chaigar et Redin (2013) pour théoriser sur les constructions des enfants par rapport à la ville et ses relations avec l’espace citadin. Nous avons utilisé également Lopes (2007, 2011), pour discuter des territorialités des enfants et Tuan (2013), pour pondérer les lieux, les espaces et les territoires construits. Et pour contextualiser avec l’enseignement dans la ville, nous nous sommes appuyés sur Freire (2001), avec l’intention d’aborder le contexte de la salle de classe, la lecture de monde des enfants, et, par conséquent, les lieux d’affectivité et de connaissance construits par eux.

MOTS-CLÉS: Enseigner la ville; Les enfants; Premières années; Matériel didactique; Les enseignants.

Índice de Imagens

Imagem 1: Fase da coleta de dados	33
Imagem 2: Arte que representou a III Edição do evento Seminário Interfaces - 2015	37
Imagem 3: Organização e sistematização dos dados através da Análise de Conteúdo	40
Imagem 4:Primeira via pública da vila do Rio Grande/RS	51
Imagem 5: A península da cidade do Rio Grande	53
Imagem 6: Materiais didáticos disponibilizados pela Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer	78
Imagem 7: Livro digital e sumário	79
Imagem 8: Foto do <i>folder</i> turístico da cidade do Rio Grande	84
Imagem 9: Imagem de excertos da agenda pessoal da professora <i>Adhara</i>	85
Imagem 10: Caderno comemorativo aos 250 anos do Rio Grande – Jornal Agora (1987).....	86
Imagem 11: Exercícios da apostila: Caderno de Estudos Sociais – A cidade do Rio Grande .	89
Imagem 12: Livros do PNLD fornecidos pela mantenedora na Escola Marte	90
Imagem 13: Apostila informativa – Escola Mercúrio	91
Imagem 14: A cidade através dos materiais didáticos e alguns aportes citados.....	93
Imagem 15: Material didático produzido (desenho e texto) pela professora <i>Kastra</i>	95
Imagem 16: Cartografia tátil do bairro – feito de papelão	97
Imagem 17: Mapa tátil do Rio Grande do Sul – feito com papelão	99
Imagem 18: Mapa tátil da América do Sul – feito com papelão	100
Imagem 19: Os vagoneiros através dos olhos de uma criança	101
Imagem 20: Desenho da cidade trazendo em destaque a hidrografia e a península.....	103
Imagem 21: Trabalho realizado por uma criança após a aula passeio.....	104
Imagem 22: Imagem do atelier do Érico Gobbi	105
Imagem 23: Miniatura das vagonetas produzida pelas crianças.....	106

Imagem 24: Passeio na Ilha dos Marinheiros.....	107
Imagem 25: Texto elaborado por crianças da E.M.E.F Renascer – Ilha dos Marinheiros.....	108
Imagem 26: Mapa da Ilha dos Marinheiros.....	108
Imagem 27: Maqueta construída por crianças alusiva ao passeio a Reserva Ecológica do Taim	115
Imagem 28: Maqueta construída por crianças sobre outra perspectiva do passeio a Reserva Ecológica do Taim.....	116

Índice de Tabelas

Tabela 1: Participação das escolas no Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo – 2013/2016	36
Tabela 2: Trabalhos das escolas no Seminário Interfaces Pedagógicas – 2013/2016.....	36
Tabela 3: Professores e respectivas instituições e ano em que lecionam	38
Tabela 4: Revisão da literatura – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – 2013/1016.....	42
Tabela 5: Cronologia da cidade do Rio Grande (1737 - 1835)	50
Tabela 6: Objetivos para o 3º ano do Ensino Fundamental Municipal	64
Tabela 7: Objetivos para o 4º ano do Ensino Fundamental Municipal	65
Tabela 8: Quando ocorre o ensino sobre a cidade do Rio Grande	74
Tabela 9: Os conteúdos que constam no programa escolar.....	75
Tabela 10: Sobre os materiais didáticos que são fornecidos pela Secretaria de Educação	76
Tabela 11: Sobre as fontes e materiais que são selecionados e utilizados	82
Tabela 12: Sumário das apostilas utilizadas	88
Tabela 13: O que pensam as professoras sobre a sua produção de materiais didáticos	94
Tabela 14: As contribuições das crianças no trabalho com a cidade.....	110
Tabela 15: Aspectos importantes de ensinar sobre a cidade	111

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Formação acadêmica das professoras (2016).....	71
Gráfico 2: Tempo docência em sala de aula (2016)	72
Gráfico 3: Carga horária semanal de trabalho na(s) escola(s).....	73

Lista de Abreviaturas e Siglas

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAIC	Escola Municipal Cidade do Rio Grande
CDH	Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande
DVD	<i>Digital Versatile Disc</i>
EA	Educação Ambiental
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EP	Educação Patrimonial
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GEECAF	Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia
HQ's	História em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IE	Instituto de Educação
LABEC	Laboratório Independente de Pesquisa de Ciências Humanas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério de Educação e Cultura
NEMA	Núcleo de Educação e Monitoramento
NEPEGeo	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia
OVA's	Objetos Virtuais de Aprendizagem
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIB	Produto Interno Bruto

PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PME	Projeto Municipal de Educação
PNLD	Programa Nacional Livro Didático
PPGEdu	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PT	Preparação para o Trabalho
RECIDADE	Redes de Cultura, Estética e Formação da/na Cidade
SEAD	Secretaria de Educação a Distância
SeCult	Secretaria de Município da Cultura
SMEd	Secretaria de Município da Educação do Rio Grande
SMTEL	Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer
TICEDU	Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal de Tocantins
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	19
1. DELINEANDO A PROPOSTA INVESTIGATIVA.....	24
1.2 Caminhos percorridos e trajetória da pesquisa	24
2. PROPOSTA DE PESQUISA	29
2.1 Problemas de pesquisa	29
2.2 Objetivos.....	30
2.3 Metodologia.....	30
2.3.1 Escolas e professoras/parceiras	34
2.4 Revisão da literatura	41
3 NASCE UMA CIDADE.....	45
3.1 O Que é cidade.....	45
3.2 Nasce uma cidade/ Localização de Rio Grande.....	49
3.3 Eu praticante desta/nesta cidade	54
4 PRIMEIROS PASSOS NO ENSINO MUNICIPAL	56
4.1 Ensino em Rio Grande.....	56
4.2 Cidade como conteúdo programático nos anos iniciais.....	58
5 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	67
5.1 Sobre os procedimentos da investigação	67
5.1.1 <i>Questionário aberto, registro de notas e material didático</i>	67
5.1.2 <i>Registro de notas: Algumas reflexões</i>	112
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICES	127

APRESENTAÇÃO

“Estamos ligados a este lugar pelas lembranças...”.

Michel de Certeau

N

a cidade dos meus sonhos, imaginava uma cidade igual à que via nos filmes. As casinhas com o mesmo formato, mas com cores diferentes, com muros bem baixos e livres de grades! Nada de casas enjauladas.

Todos os meus vizinhos seriam gentis, minha rua seria limpa e sem buracos, só escutaríamos o barulho das crianças na pracinha e o *tio* na esquina vendendo algodão doce.

Na cidade dos meus sonhos, haveriam muitas crianças, muitas brincadeiras, muitas flores e árvores cheias de frutas que poderíamos arrancar na hora, haveriam também muitos animais, ou melhor, haveria um espaço para todos os animais do mundo! Também iria querer uma enorme sombra para poder ler e continuar a sonhar com a cidade dos meus sonhos...

E foi assim que fui¹ percebendo o quanto a cidade dos meus sonhos ia me constituindo e o quanto ia me percebendo como “praticante” (CERTEAU, 1998), da cidade que eu via/lia. Através das memórias de infância e de minhas leituras no mestrado (re)lembrei a cidade que vivi na infância, os domingos na casa das primas brincando no meio da rua, o barulho do balanço que soava nos meus ouvidos em plena Praça Tamandaré² e o formato diferente do balão vendido ali, o jogo da amarelinha na calçada do vizinho, o brincar de esconde-esconde até a mãe chamar para tomar banho... E hoje percebo que estes locais fazem parte de outras histórias, em outros tempos, mas memórias estas que preenchem o meu Rio Grande de muitas outras lembranças.

Com estas lembranças e reflexões comecei a pensar e a questionar se esta cidade era a mesma vivida por meus alunos em 2015 quando então atuava numa comunidade periférica da cidade, e comecei a perceber que meus pontos de referência (e de vista), eram totalmente

¹ A pesquisadora optou em fazer uso da 1ª pessoa do singular e do plural, por entender que está escrita faz parte de seu processo construtivo da pesquisa, mas, também, é o resultado de todo um grupo de colaboradores que ajudaram nesta construção.

² Fundada na década de 1820. “Chamada Praça dos Quartéis e depois Geribanda. Constituída por alagadiços que chegaram a provocar mortes por afogamento, assumiu os contornos de praça a partir da década de 1860. Recebeu o nome de Tamandaré em 1865, em homenagem ao almirante” (TORRES, 2008, p. 12).

diferentes dos deles, que vivíamos na mesma cidade, mas falávamos de cidades diferentes. Haveria, então, várias na mesma cidade?

Descobri que o “campinho” do bairro que eles tanto me falavam era parte de suas existências, que nesse espaço estavam constituindo e construindo os seus lugares de afeto e pertença, porque ali viviam e construíam a sua cidade. Compreendi que nossos lugares de afeto são, na verdade, parte de nossas vivências e dizem muito sobre nós, que o (nosso), lugar vai sendo construído com um sentimento de segurança (TUAN, 2013), pois ele nos representa e diz muito sobre nós, e era, justamente naquele campinho que sentiam segurança, mesmo sem saber, aquele espaço fazia parte deles, sendo ali, o lugar deles!

Através da fala daquelas crianças, que em determinado momento me narravam uma cidade tão distante da minha, fui percebendo a importância que nossos lugares têm sobre nós e o quanto narram nossa vida, questões como estas me remetiam aos meus propósitos e anseios, do começo da minha história e como estes lugares me fizeram ser quem sou.

E ao ingressar como aluna regular no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, minha inquietação não estava no “pânico da folha em branco” como pondera Mario Osorio Marques (2001), muito pelo contrário, minha vontade de devorar livros, conceitos, artigos científicos, tudo que pudesse ajudar no processo de escrita e na orientação do projeto me deixavam ainda mais ansiosa. Mas como organizar tudo? Pensava nos prazos, nas leituras, na metodologia, nos objetivos, no problema de pesquisa, possuía muitos questionamentos e poucas respostas, mas conforme o semestre foi passando, as orientações foram ocorrendo e com as doces palavras da querida orientadora fui conseguindo organizar os pensamentos, definindo apenas um tipo de sujeito para investigar, tarefa está até então muito difícil, pois não conseguia visualizar o quanto minha ansiedade estava interferindo neste processo. Com o final do primeiro semestre no curso e toda a organização e envolvimento do Seminário Interfaces³, como parte das atividades da linha de pesquisa Redes de cultura, estética e formação na/da cidade, do Núcleo de Pesquisa e Extensão Educação e Memória, do Instituto de Educação, foi possível compreender esse processo, e a partir disto definir o que queria investigar e colocar as “mãos na massa”, para começar a dar forma a esta investigação.

O início do processo, ao qual era preciso definir o(s) problema(s) de pesquisa, os objetivos e o sujeito, foi algo muito complexo, pois muitas ideias surgiam e não me ajudavam

³ O Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo é um espaço de socialização de investigações produzidas nas Licenciaturas e de aproximação entre campos de conhecimentos distintos, promovendo intercâmbios discentes e docentes e escolas de educação básica. Ocorre anualmente desde 2013. Fonte: Seminário Interfaces Pedagógicas. Disponível em: <<http://seminariofurg.wixsite.com/interfaces>>.

a identificar o que realmente eu queria saber. Em um primeiro momento, pensei em pesquisar sobre as crianças e suas relações com a cidade, também pensei em pesquisar sobre o olhar dos professores sobre ela, mas também queria saber quais os materiais didáticos disponibilizados na rede municipal de ensino para discutir sobre a(s) cidade(s) nas escolas.

Comecei a ter um olhar aos possíveis sujeitos e com isto a procurar por algumas informações, de âmbito informal⁴. Através de conversas que partiram de grupos de colegas professores que faziam parte tanto do convívio acadêmico quanto pessoal, percebi que não havia nenhum material oficial e atual ofertado aos professores (pelo menos que fosse de conhecimento desses grupos), a partir disto optei em procurar a Secretaria de Município da Cultura – SeCult, órgão responsável pela divulgação e criação de projetos culturais e turísticos sobre a cidade do Rio Grande, acreditando que a mesma teria informações relacionadas a meus questionamentos. Após uma rápida conversa, fui encaminhada para a Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer. – SMTEL. A Secretária responsável, na ocasião, me informou que havia uma apostila que tinha o objetivo, segundo ela, de auxiliar os professores dos anos iniciais sobre o ensino da cidade, conduzindo-os para a história da cidade e para a cidade turística e que todas as escolas do município tinham estes exemplares, só não sabia informar se os mesmos haviam sido encaminhados para os professores.

Fui percebendo a partir dessas primeiras imersões que a proposta de pesquisa poderia ser dentro de uma linha que me levasse ao contato direto com os professores, para que pudesse entender um pouco sobre essas informações e, posteriormente, a um contato com os materiais didáticos que eles utilizavam no ensino às crianças ao abordarem a cidade do Rio Grande, considerando também a linha de pesquisa desta investigação *Espaços e Tempos Educativos*, dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc, que objetiva compreender o ensino através de suas diversas formas, seus espaços e tempos.

Após estes questionamentos, acerca do que me inquietava como pesquisadora, mas também como professora, consegui compreender todo o processo de amadurecimento e entendimento que foi preciso passar até o momento para definir com propriedade o que eu, de fato, queria saber e com isso perceber o quanto nossa formação é o resultado de experiências significativas.

Durante o processo para fundamentar esta investigação, foi necessário fazermos leituras voltadas ao campo da Geografia e da História (áreas que não tenho formação), para compor

⁴ Esta conversa, de cunho informal, aconteceu com a responsável pela Secretária de Município de Turismo, Esporte e Lazer, no mês de julho de 2016.

esta investigação, podendo afirmar, ou não, a existência de informações que orientem os professores a trabalharem sobre a cidade nos anos iniciais. Para completar esta investigação também recorreremos a leituras de documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Estatuto da Cidade, Plano Municipal da Educação – PME, leis, artigos, incisos que orientam o professor a trabalhar com o tema Cidade e/com a criança.

A partir das leituras que sulearam⁵ questões mais teóricas, foi possível perceber o quão complexo é trabalhar a cidade com as crianças, não só pelo fato de cada um de nós possuímos uma percepção de cidade, mas o quanto abordar este tema acaba, muitas vezes, ficando longe da cidade que a criança (re)conhece, vive e pratica, ao escamotear questões do cotidiano infantil, sejam relativos à classe social, cultural de gênero, etc.

Refletindo sobre estes lugares e respectivamente sobre as crianças, nossa investigação começou a problematizar a cidade, seus significados e o modo como é ensinada em espaços escolarizados, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental da rede municipal⁶ de ensino da cidade do Rio Grande, RS, pois é nesta etapa de escolarização que o tema é abordado.

A dissertação está dividida em cinco partes: a parte I é um apanhado de minha caminhada pessoal e como esta dissertação foi surgindo, como a cidade e toda sua pluralidade despertaram algo que não imaginava, como meu olhar para a cidade e toda sua incompletude me instigou a falar dela por outros paradigmas que desconhecia.

Na parte II, o leitor irá descobrir o problema que rege esta dissertação e entender sobre o processo da investigação e conhecer quem são nossas escolas e professoras parceiras e como foi o caminho até chegarmos nelas.

A parte III tem o intuito de apresentar, além do conceito de cidade ao leitor, o quanto ela faz parte de cada um de nós, seus lugares dizem sobre nós e, claro, o como nós influenciamos e escrevemos sua história, independente do espaço que ocupamos. Nesta parte, evidencio ao leitor além da cidade e toda sua grandeza, a cidade do Rio Grande, RS, porque é nela que esta investigação fundamenta-se, faço um breve apanhado sobre sua história, pois ela conta com 280 anos, contemplando, assim, algumas informações, a meu ver, importantes para o corpo desta dissertação.

⁵ Sulear neste trabalho segue princípios propostos pelo educador Paulo Freire (amparado pelas ideias do físico Márcio Campos), em contraposição ao nortear e a ideologia que atravessa o vocábulo. Ver nota n. 15 da obra Pedagogia da Esperança.

⁶ A escolha pela rede municipal recai porque é ela a responsável pelo ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A rede estadual progressivamente se retirou dessa obrigação a partir da LDB 5694/1996.

A parte IV tem por objetivo, mostrar ao leitor, de forma sucinta, como o ensino começou em Rio Grande e logo exponho informações, pautadas principalmente nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia e História e nos objetivos municipais para o ensino fundamental no que tange o ensino sobre a cidade como conteúdo programático ou a implicam.

Já a parte V é destinada as análises dos questionários que foram respondidos por nossas parceiras, dos materiais didáticos por elas disponibilizados, sobre os registros de notas que muitos nos ajudaram a compor nossa escrita e as devidas teorizações, para finalizar, este relatório de pesquisa me utilizo das considerações finais, para elucidar o que concluímos ao longo dessa investigação.

PARTE I

1. DELINEANDO A PROPOSTA INVESTIGATIVA

“Os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si [...]”.

Michel de Certeau

1.2 Caminhos percorridos e trajetória da pesquisa

Os primeiros ensaios como professora começaram desde pequena, não lembro ao certo a idade, mas imaginava meus alunos e repassava no quadro de casa o que havia aprendido em sala de aula e sem perceber me fazia professora. Também recorro de usar o quadro de giz para estudar, repassando todo o conteúdo que a professora iria cobrar para a prova, dizia que era uma forma de revisar o conteúdo, mas além de estudar “brincava e praticava” à docência.

A primeira experiência como professora (com alunos reais), foi algo incomum, pois na época estava com 14/15 anos, estudava na antiga 8ª série do 1º grau e por falta de uma professora, a diretora nos perguntou (eu e uma colega), se poderíamos dar aula por um período em uma turma da 4ª série. Lembro-me da vergonha e do pânico que senti ao entrar na sala de aula sem nenhuma bagagem e sem nenhuma atividade pré-definida, mas acabei “curtindo” a sensação de dar aula e de ter sido chamada de professora. Não recorro também qual foi o peso que me fez optar pelo magistério, mas não queria cursar Preparação para o Trabalho (PPT), e nenhum outro curso técnico oferecido em Rio Grande, tendo, assim o Magistério. Sei que não foi um simples acaso “sobrar” este curso, como diz minha orientadora “o acaso é um deus brincalhão”⁷, e hoje mais do que nunca sei que não foi.

Fiz meu curso como aluna padrão e desejando ser professora, mas uma profissional que fizesse a diferença, que pudesse proporcionar, a eles, momentos mais do que especiais e significativos em sala de aula. O desejo, de fazer a diferença, ficava mais forte a cada capítulo lido, estudado e discutido em sala de aula sobre “Pedagogia da Autonomia”, obra de Paulo Freire (2001), durante o último ano do curso de Magistério. Eu tinha certeza sobre a professora

⁷ Livre associação ao arquétipo de Hermes.

que não desejava ser, não queria fazer com que meus alunos fossem “depósitos” de informações, mas queria despertar neles um sentimento verdadeiro de estar em sala de aula, despertar o desejo em aprender e o meu, como professora, era de ajudá-los a serem críticos, éticos, políticos. Não sabia, entretanto, naquele período do meu estágio, o que e como fazer para me tornar essa professora.

No semestre anterior ao estágio visitei a escola em que seria estagiária, no caso, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora Medianeira em que havia estudado até o ensino fundamental e ensaiado minhas primeiras aulas como professora anos atrás. Fui informada que meu estágio começaria no primeiro semestre de 2002 com uma turma de 2º série e com essas poucas informações preparei todo o material lúdico necessário em sala de aula, mas dois meses antes do início das aulas soube que isso havia mudado e seria professora de uma turma de 1º série, hoje 2º ano do ensino fundamental.

Comecei meu estágio em março de 2002, com uma média de 22 alunos e na época havia retenção⁸, o aluno precisava saber ler para avançar. A regente da turma trabalhava com a teoria do construtivismo, me informaram sobre o método que deveria usar e, de início, adorei, pois no magistério líamos textos sobre a teoria e com isso acreditava que tais informações seriam suficientes para minha prática, mas quando fui para o chão da sala de aula percebi que pouco sabia e que se tratava de uma teoria complexa, sendo necessário um embasamento maior além das discussões propostas no curso do magistério.

O desafio foi enorme, havia dias que chegava em casa chorando, contando para que o semestre terminasse o quanto antes, mas, também, havia dias que tinha a certeza de que estava no caminho certo. O fim do estágio chegou e descobri que amava as crianças e ser professora, mas que, naquele momento desejava atuar nos anos finais e acredito que este sentimento surgiu por que não me via como a professora que almejava ser, no trabalho com crianças pequenas e este sentimento, naquele momento acabou me frustrando bastante.

Após aquela fase, que foi muito cansativa decidi que deveria dar aula para adolescentes, algo que na época eu também era, mas apesar dessa intenção segui para o ramo vidreiro (que pertencia a família). Mesmo estando em um setor bem diferente da educação, prestei alguns vestibulares para Pedagogia sem conseguir ingressar, mas em 2005 entrei para o curso de Letras Português/Francês. Comecei a cursá-lo, mas, entre outros motivos como a carga horária do meu serviço, no início do 3º ano do curso solicitei a transferência para Letras Português, formei-me

⁸ Retenção era o termo utilizado anteriormente nos anos iniciais do ensino fundamental para aqueles alunos que não atingiam a média/nota mínima final do ano e com isso acabavam repetindo o período letivo.

em 2010 como aluna padrão⁹ e no mesmo ano (re)ingressei, como portadora de diploma no curso de Letras Português/Francês para terminar o que anteriormente começara e provar a mim mesma que era capaz de *je parle français*.

Junto com o retorno ao curso de Francês, já em 2010, veio minha desejada e sonhada gravidez e ao me tornar mãe, (re)descobri meu lado professora de crianças. Junto com a maternidade concluí minha graduação de língua francesa e uma especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais. Meu retorno ao magistério se deu com a primeira especialização e uma vontade de trabalhar, trocar, multiplicar com as crianças.

Meu estágio de francês foi com uma turma de 4º ano, na Escola Municipal Cidade do Rio Grande – CAIC, dentro do Programa Mais Educação¹⁰. Durante o período de estágio fizemos uma viagem fictícia à Paris, o que tornou possível introduzir além de alguns conhecimentos sobre a cultura francesa, conteúdos gramaticais da língua, experiências e vivências, até aquele momento, únicos naquela comunidade, pelo que pude observar.

Em 2014 defendi minha monografia com o título “A importância da música como material pedagógico para o desenvolvimento do aluno na Educação Infantil” e fui, cada vez mais, me aceitando como professora, algo que, até então, não assumia como profissão. Logo comecei a cursar outra especialização – Psicopedagogia Clínica e Institucional, a qual concluí em 2015 e minha monografia foi titulada como: “É só brincar? O que vem com o brincar?”. Nesse mesmo ano, fiz alguns cursos de extensão voltados à educação e ofertados pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e soube, “ao acaso” que estava aberto o edital para aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Educação, dessa instituição.

Como não conhecia os professores do Instituto de Educação - IE, li as ementas das disciplinas disponíveis e a linha dos professores, e em função disto, acabei escolhendo a disciplina cuja denominação era: “A cidade, as crianças e os animais”, ofertada pela, hoje minha orientadora. Para minha surpresa consegui uma das vagas como aluna especial. Lembro que ria sozinha, um riso que me completava e que me preenchia por completo, algo que imaginava estar muito distante de mim, agora estava tão perto e era real!

Ao início das aulas, que ocorreram no 2º semestre de 2015, estava muito ansiosa para conhecer a professora, os colegas e, claro, descobrir o que era o mestrado. A partir das aulas da professora Vânia Chaigar fui conhecendo autores, até então desconhecidos, como Ítalo Calvino,

⁹ Aluno padrão é aquele que cumpre seu quadro de disciplinas dentro do tempo mínimo do curso e sem repetência em alguma delas.

¹⁰ É uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes. Fonte: Ministério da Educação e Cultura - MEC.

Boaventura de Sousa Santos, Luiz Carlos Restrepo e fui pensando em um projeto sobre a cidade, um projeto que respondesse as minhas indagações ocasionadas na época. No final de 2015, com muito estudo, esforço me tornei aluna regular do quadro de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação – FURG. Hoje percebo, que todas as idas e vindas para o magistério serviram para o meu processo de amadurecimento e com isso posso dizer como Cora Coralina (1983) “[...] todas as vidas dentro de mim [...]”.

E com essa certeza de que deveria voltar para o magistério, meus movimentos através de cursos de formação, leituras, eventos e a própria sala de aula começaram a acontecer e junto com eles algumas perguntas frente a esta investigação.

Os primeiros questionamentos que surgiram, referente a uma possível pesquisa foram a partir das aulas que participava como aluna especial no programa de Pós-Graduação em Educação e aos enfrentamentos que tinha, como professora em uma escola da rede municipal de ensino fundamental na periferia da cidade do Rio Grande, além de indagações que fazia como mãe e cidadina sobre a cidade e os lugares para as crianças.

A cada encontro na Pós-Graduação e com as crianças da escola, percebia que a cidade abrangia representações bem diferentes daquelas das nossas discussões na pós e o quanto a minha concepção de cidade era diferente e indiferente às crianças. Naquele momento, mais especificamente, nos meses finais de 2015, queria compreender o quanto a minha cidade era real, o quanto ela pertencia a outras pessoas que também faziam parte, mas em diferentes lugares. Começava a divisar outras cidades!

Em meio a tantos desafios diários enfrentados pelos professores desde o baixo salário, há falta de estrutura física, problemas de formação, segurança, carga horária alta, entre outros pontos importantes para a instituição escola, começamos a refletir no grupo RECIDADE¹¹ como os professores abordavam a cidade para com/as crianças dos anos iniciais? Como eles se apropriavam dos materiais didáticos e os exploravam? Essas entre outras questões foram pensadas ao longo da construção da pesquisa.

Esses questionamentos, por assim dizer, faziam parte de momentos diferentes que estava vivenciando, o da Academia, o da escola, do meu papel como mãe, ao apresentar a cidade e seus espaços, espaços estes que considerava adequados ou não para minha filha. Dentro desses contextos fui percebendo que a cidade era e é construída por cada um e que cada um constrói

¹¹ Sobre o grupo na página 32.

esta concepção a partir de suas vivências, experiências, paradigmas, representações e principalmente das relações no coletivo e que se apresentam de maneira complexa.

[...] cidade como espaço educativo e protagonista das relações sociais travadas no cotidiano, cujo desvelamento, entretanto, não é assim tão fácil e espontâneo como poderia dar a impressão numa primeira vista. Temos fatias da cidade e a compreendemos em doses homeopáticas, muito em função da organização capitalista do espaço que a secciona em territórios, ligados por corredores como avenidas e bairros de travessia, restringindo-nos de percebê-la como um todo. O habitual, provavelmente, é vivenciar apenas algumas de suas porções desconectadas das demais. [...] A cidade, destarte, é portadora de significados distintos que se modificam conforme os sujeitos e o tipo de interação/leitura produzida. Repetem-se, no entanto, as surpresas em relação ao que a cidade é capaz de nos ensinar e proporcionar no campo das experiências humanas. (CHAIGAR e REDIN, 2013, p. 3).

A cidade, portanto, ao mesmo tempo em que se banaliza ao olhar *acostumado* do cidadão, oculta sentidos que necessitam interrogações para serem desvelados. Acerca dos questionamentos e reflexões comecei a pensar em uma possível proposta de projeto que tivesse relação com a cidade, com as muitas cidades que a habitam e de como ela(s) chega(m) até as crianças nos anos iniciais e foi assim que o projeto de pesquisa ganhou força e foi qualificado.

Após a qualificação, que ocorreu nos primeiros dias de maio de 2017, os desafios foram maiores, tinha as contribuições da banca, que muito completaram e contemplaram para essa escrita, tinha a análise dos materiais com uma grande responsabilidade, desde a categorização a própria leitura deles, mas, acima de tudo, um compromisso com as professoras que abriram seus materiais de trabalho para esta pesquisa e foram fundamentais para a investigação.

O processo de transformar o projeto de pesquisa em relatório de dissertação ocorreu no decorrer de 2017, e nesse período dividi minhas leituras do mestrado, com uma Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação/TICEDU, pela FURG – Secretaria de Educação a Distância – Sead, e como monitora na educação infantil, em uma escola da rede privada, que muito me ajudou, mesmo não tendo uma relação direta com o tema desta dissertação, acrescentou em meu processo profissional e pessoal. Havia também outros afazeres que necessitavam de minha presença, para isso foi preciso muita disciplina para organizar todas as tarefas, e tive como pano de fundo as canções de *Adele*¹², que incrivelmente me ajudaram com a escrita desta dissertação, acredito que essa conexão ocorreu porque a música nos conecta e nos toca de diferentes formas...

¹² Adele é cantora e compositora londrina conhecida e reconhecida mundialmente por seu timbre de voz.

PARTE II

2. PROPOSTA DE PESQUISA

Além das intencionalidades já narradas anteriormente, trago o processo sobre o desenvolvimento desta investigação na escolha dos sujeitos e escolas e tendo por marco seus problemas e objetivos desdobrando-se na metodologia escolhida para a coleta de material empírico, sua análise e sua interpretação. O capítulo V abrange detalhadamente essas questões.

2.1 Problemas de pesquisa

Levando em conta, a importância de trabalhar o tema Cidade nos anos iniciais do ensino fundamental e por ser um conteúdo programático desse período escolar, se faz necessária uma pesquisa que pretende buscar, a partir do material didático utilizado por professores da rede municipal de ensino que cidade é essa.

Uma rápida prospecção no rol de disciplinas que compõem o currículo dos anos iniciais do ensino fundamental indica que conteúdos relacionados à cidade aparecem entre o terceiro e o quarto ano e pautados nisso indagamos de forma ampla:

Qual/is cidade/s é/são apresentada/s às crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

A amplitude do questionamento desdobrou na necessidade de seccioná-lo em outros para melhor capturá-lo como:

- 1. Quais são os materiais didáticos que professores dos Anos Iniciais utilizam na rede municipal para ensinar a cidade? Que critérios são usados nessa escolha?*
- 2. Que fontes e concepções permeiam esses materiais didáticos?*
- 3. As crianças aparecem como sujeitos de suas geografias e histórias? Como produtoras de territórios? Seus espaços vivenciais são considerados como parte da cidade?*

2.2 Objetivos

Os objetivos foram pensados, com o intuito de nos auxiliarem a definir um foco tanto na coleta de dados, quanto na análise e na escrita de nosso relatório final, com isso destacamos:

Objetivo Geral:

- Compreender a concepção de cidade que é apresentada em sala de aula às crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

Objetivos Específicos:

- Identificar os materiais didáticos que professores da rede municipal utilizam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que abordam a cidade do Rio Grande.
- Levantar critérios para seleção desses materiais e concepções presentes.
- Identificar fontes que abastecem os materiais didáticos selecionados pelos professores.
- Inferir sobre o lugar das crianças nesses materiais didáticos.

2.3 Metodologia

Toda pesquisa que vai a campo apoia-se em material empírico, resultado de um levantamento de dados e isto se faz necessário para conhecermos informações e fontes relevantes para a investigação. Considerando este fato, após definirmos nossos problemas de pesquisa, nossos objetivos, professores e escolas que participariam do processo investigativo, começamos a articular com as coordenadoras e diretoras das escolas envolvidas, via e-mail e telefone, uma agenda de visitas. Com cada uma delas explicamos o processo investigativo e a participação das mesmas na pesquisa.

Ao traçarmos a trajetória desta investigação, entendemos a importância em conhecer nossos sujeitos, por isto elaboramos um questionário aberto, dividido em quatro categorias: Dados para contato; Informações profissionais; Dados da escola e Dados sobre a seleção e uso de materiais no ensino da cidade (APÊNDICE III). Nesta última categoria elaboramos oito questionamentos que versavam sobre o ensino da cidade, para que pudéssemos de alguma forma compreender, um pouco, sobre a(s) circunstância(s) que os materiais didáticos foram

selecionados pelos professores e agregamos a esta ferramenta os registros de notas¹³. Os registros foram realizados quando as professoras apontaram informações ou comentários que não eram totalmente ou parcialmente incorporados pelo questionário.

Nossos problemas foram analisados através da pesquisa qualitativa que preenche muitas lacunas nesse campo, posto à dificuldade da Educação estabelecer relações de causa e efeito, por exemplo. Temos que

Com a evolução dos próprios estudos na área da Educação, foi-se percebendo que poucos fenômenos nessa área podem ser submetidos a esse tipo de abordagem analítica, pois em educação as coisas acontecem de maneira tão inexplicável que fica difícil isolar as variáveis envolvidas e mais ainda apontar claramente quais são as responsáveis por determinado efeito. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 3).

Toda uma complexidade que envolve questões de ordem subjetiva e objetiva, epistemológica, cultural, social, política atravessa a definição de critérios e escolha de materiais didáticos pelas professoras, bem como a sua utilização. Assim aspectos quantitativos, ainda que importantes, não respondem sozinhos às perguntas em/sobre educação. A escolha pela pesquisa qualitativa ocorreu pela ampliação de percepções, por uma abordagem que fosse além de entendimentos quantitativos sobre as questões que queremos investigar, tendo em vista as inúmeras variáveis e constantes em cada situação. Optamos por questionários e com um grupo específico de professores da rede básica de ensino da cidade do Rio Grande, pois na perspectiva qualitativa, cada interlocutor representa o coletivo do qual faz parte.

Valemo-nos do uso de um questionário como parte dos instrumentos investigativos e entendermos que seu papel nesta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois as perguntas abertas possibilitam “uma resposta construída e escrita pelo respondente” (HILL e HILL, 2005, p. 93). Maria Cecília Minayo corrobora para o entendimento da abordagem qualitativa

[...] permite desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo em estudo. (MINAYO, 2008, p. 57).

O questionário, portanto, teve o papel de desvelar aspectos referentes aos materiais didáticos e as professoras. Além dele, foi solicitada a autorização das professoras sobre o uso/estudo e divulgação de imagem dos materiais sobre a cidade por elas utilizados e/ou

¹³ Os registros de notas, para Ludke e André (1986, p. 37), “representam um trabalho inicial de seleção e interpretação das informações omitidas”, podendo completar as respostas dos questionários.

confeccionados para o ensino nos anos iniciais, assim como a autorização de seus nomes em escritas que versem sobre o trabalho em questão. Os materiais didáticos fornecidos tiveram seus registros através de fotos e/ou foram recebidos por e-mail em formato *word* e fotocópia. Valemo-nos da análise documental para esses artefatos e vale ressaltar que esta análise inclui os materiais didáticos por eles utilizados no período letivo de 2016, logo, só consideramos os documentos que nos foram cedidos.

Para Marina Marconi e Eva Lakatos (2003, p. 174), “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não” e para Minayo (2008, p. 51), “a pesquisa documental valendo-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Partimos dessas premissas para analisar os documentos cedidos pelas professoras, para tentarmos responder as nossas indagações frente à cidade que é apresentada as crianças em sala de aula. Vale ressaltar a importância nesse processo de analisar/identificar o tipo de material didático utilizado, adaptado, confeccionado pelo professor e também por seus alunos, pois por material didático compreendemos

Todo objeto, quer seja de origem material, natural, industrializado ou produzido pelo professor ou pelo aluno, criado para fins pedagógicos ou simplesmente criado para outros fins e apropriado pela escola, ao receber uma ação educativa pode proporcionar um conhecimento e estruturar o nosso pensamento acerca do mundo que nos rodeia. Não somente os objetos, mas as expressões humanas como a música, o teatro, o cinema, com suas características artísticas próprias, também são utilizadas em nossas escolas como materiais didáticos, na busca de melhor transmissão dos conteúdos que deve ser ensinados aos alunos. (FISCARELI, 2008, p. 19).

Rosilene Batista de Oliveira Fiscareli só reforça a ideia de que o saber e o aprender estão em tudo que é utilizado com finalidade pedagógica, em produções que expressam a presença humana na construção das cidades e da sua vida social, política e cultural.

O conceito de material didático ultrapassa a ideia do livro didático, vai além do livro como resultado de uma obra editorial, mas, sim, foca na construção de um todo para proporcionar as crianças conhecimento de/do mundo. O professor ao fazer uso do material didático como recurso pedagógico propicia a criança ou jovem, além do processo cognitivo referente ao conteúdo ao qual está trabalhando outras habilidades que poderão ser exploradas em sala de aula, mobilizadas pelo artefato. O material didático deve explorar os sentidos dessas crianças e jovens, deve instigar a aprendizagem e a curiosidade por mais saberes.

Rosane Possamai (2010), afirma o quanto a cidade está para além da sala de aula, o quanto não deve ser vista, pelas crianças sob um prisma fechado, o que gera a necessidade de

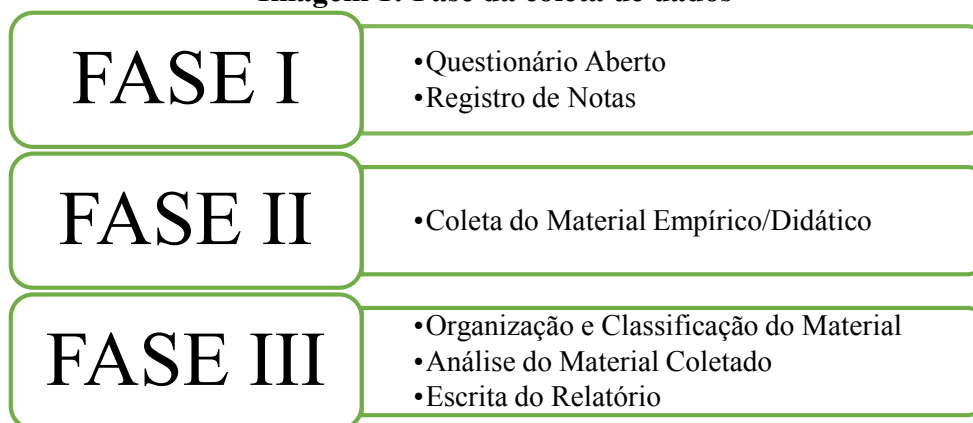
trabalhá-la e compreendê-la para além dos muros, testando e vivenciando novas experiências fora e dentro do ambiente escolar. A cidade, nessa perspectiva, é um “material didático” tridimensional e vivo para ser lido, explorado e vivido pelas crianças e pelos jovens estudantes

O estudo da cidade geralmente restringe-se exclusivamente ao espaço da sala de aula e os recursos pedagógicos utilizados limitam-se aos materiais didáticos bidimensionais. E, no entanto, a cidade é um caleidoscópio de imagens, cores, sons, vivenciada pelos educadores e pelos educandos, mas alheia a sua própria investigação quando se deseja melhor conhecê-la. (POSSAMAI, 2011, p. 2977).

A autora apresenta o paradoxo de vivermos cotidianamente a cidade, porém sem a investigarmos, sem torná-la um espaço de estudo para melhor entendê-la.

Como síntese do processo metodológico tivemos uma pré-coleta de dados, que denominamos de fase I, isto ocorreu por meio de questionário aberto, ao qual pretendíamos conhecer um pouco sobre as professoras e suas realidades em cada sala de aula das escolas parceiras (número de alunos, tempo semanal de trabalho, acesso a materiais institucionais e/ou confeccionados, tempo de experiência no magistério, entre outros pontos). A pesquisadora fez registros de notas com a finalidade de coletar o maior número possível de informações que colaborassem ao acervo desta pesquisa. Na fase II, ocorreu a coleta dos dados empíricos, ou seja, os materiais didáticos, que ocorreram por meio de fotos tiradas desses documentos pela pesquisadora e/ou enviadas pelas professoras, via *email*, e também foram coletados alguns materiais através de fotocópia. Na fase III, foi organizado e classificado o material empírico, através da análise documental e atrelado a essa fase fizemos uso da proposta de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2012). Podemos visualizar como ocorreu cada fase da pesquisa na imagem 1 abaixo

Imagem 1: Fase da coleta de dados



FONTE: Elaborado pela pesquisadora.

As pesquisas na Educação contribuem com dados importantes para a área, ajudando a compreender sobre a realidade em sala de aula e os desafios que professores enfrentam ao elaborarem seus trabalhos docentes, como o de ensinar sobre a cidade, sem o aporte de materiais pensados especificamente para as crianças do local onde constroem suas existências, seus lugares, suas territorialidades. Acreditamos que esta pesquisa, poderá colaborar com a problematização sobre os materiais didáticos utilizados e sua pertinência em sala de aula sobre Rio Grande, possibilitando aos professores refletirem sobre a cidade em que vivem e atuam além de significarem e compreenderem os lugares e territorialidades das crianças.

2.3.1 Escolas e professoras/parceiras

Para realizar esta investigação, optamos em definir uma amostragem, colhida de uma pré-seleção, que se deu a partir das escolas da rede municipal e com isso discutimos critérios sobre quais fariam parte desta pesquisa. Em um primeiro momento pensamos em pesquisar todas as escolas com ensino fundamental da rede municipal, que correspondem a um total de sessenta e sete (67) escolas¹⁴. Percebemos ser inviável levantar dados de todas estas escolas, além, é claro, do número final de professores envolvidos, mais de 300 professores atuando nos anos iniciais (Fonte: Secretaria do Município da Educação – SMEd).

Fizemos uma segunda seleção, que seriam todas as escolas participantes/colaboradoras do Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo, levamos em conta que a investigação está vinculada ao grupo de pesquisa “Educação e Memória – Educamemória”, na linha de pesquisa “Redes de Cultura, Estética e Formação na/da Cidade – RECIDADE”, articulado em parceria com licenciandos, escolas públicas e grupos de pesquisa e extensão da FURG, como já foi mencionado. A pesquisadora é integrante do grupo de pesquisa que organiza o evento e entende o quanto o seminário tem contribuído para aproximações com a cidade que rompem com hierarquias epistemológicas e relacionais.

O evento ocorre desde 2013, na cidade do Rio Grande, tem o apoio de grupos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG como Nós do Sul, Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental (NEMA), Laboratório Independente de Pesquisa de Ciências Humanas (LABEC), Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF), PIBID – Geografia, entre outros que se renovam a cada ano. O Seminário Interfaces, conta

¹⁴ Neste número final não incluímos a Escola de Belas Artes Heitor de Lemos, pois é uma escola voltada exclusivamente para atividades relacionadas a dança e música.

também com a parceria de várias universidades como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (NEPEGeo), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA/São Borja), Universidade Federal de Tocantins (UFT), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade Federal de Pelotas (UFPel), além de escolas públicas da região.

Ao final do levantamento de dados sobre a participação das escolas, que ocorreu no ano letivo de 2016, chegamos ao número de dezenove (19) escolas da rede municipal de ensino, número este ainda elevado, considerando o curto período de coleta de dados e análise dos mesmos no mestrado.

Por fim, definimos as escolas contempladas, como aquelas que mais participaram/colaboraram com o Seminário Interfaces, ao longo de suas quatro edições.

E por que relacionar esta pesquisa com o Seminário Interfaces? O Seminário Interfaces vem crescendo a cada edição e propõe o “diálogo entre as Licenciaturas e as Escolas”¹⁵. Em 2017 comemorou seu quinto ano com o tema – Cidade e Escola: Formação, Transformação e Cidadania, mantendo seu formato com cirandas, mesas, exposições, mostras, conversas com a cidade, entre outras formas de falar com/da cidade. O Seminário Interfaces, atualmente ganha força, não só pelo seu grupo de pesquisa e extensão – RECIDADE e por publicações reflexivas sobre o evento, mas por que ele não é estanque, pois não acontece somente em uma data anual; surge a cada encontro do grupo, a cada trabalho escrito, a cada lembrança do que aconteceu... Temos entendido e proposto que não é apenas um evento, mas um movimento¹⁶ que pertence a cada um de nós – licenciandos, pós-graduandos e professores - que o construímos no cotidiano da universidade e das escolas.

Conseguimos chegar a um número final de seis (6) escolas participantes e colaboradoras nesta investigação por terem se destacado nas primeiras quatro edições do evento. Todas as escolas que foram convidadas a participar da pesquisa aceitaram. Apesar da autorização para usar os verdadeiros nomes das escolas e das professoras parceiras, optamos em utilizar nomes fictícios e nos valem para a identificação das escolas de nomes alusivos à planetas do sistema solar e de nossas parceiras, nomes alusivos à estrelas.

Na tabela 1, podemos conferir

¹⁵ Disponível em: <http://seminariofurg.wixsite.com/interfaces5> Acesso em agosto de 2017.

¹⁶ Desde 2016 o RECIDADE promove o Movimento Interfaces: Conhecimento para além dos Muros, ação de extensão desdobrada do Seminário, cujo objetivo maior é dialogar diretamente com a produção cultural e a educação da cidade.

Tabela 1: Participação das escolas no Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo – 2013/2016

ESCOLA	2013	2014	2015	2016
Escola Saturno	X	X	X	X
Escola Netuno			X	X
Escola Mercúrio			X	X
Escola Marte			X	X
Escola Vênus			X	X
Escola Júpiter			X	X

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora – Ano de participação.

Através da tabela acima, podemos perceber a participação das escolas ao longo das primeiras quatro edições do Seminário Interfaces e observamos maior ênfase em 2015 e 2016, ratificando o aumento do interesse dos professores e suas instituições em relação ao evento e a uma formação em colaboração com a universidade.

É possível identificar o quanto as seis (6) escolas parceiras/colaboradoras do Seminário Interfaces: Licenciaturas em Diálogo contribuíram com seus trabalhos, oficinas, arte, ajudando a compor, ao longo das primeiras quatro edições o evento como vemos na tabela 2

Tabela 2: Trabalhos das escolas no Seminário Interfaces Pedagógicas – 2013/2016

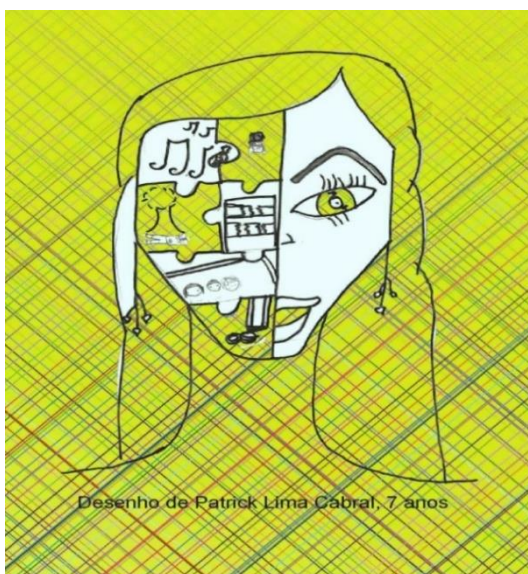
Escola	Título/ Modalidade	Ano
Escola Saturno	Contando e ensinando os temas transversais por meio da literatura infantil: práticas e vivências em uma Escola de Ensino Fundamental de Rio Grande/Pôster	2013
	Práticas de Acolhimento na Educação Infantil/ Ciranda	2014
	Programa de Formação de Professores – CAIC/ Oficina	2016
	Estimulação Sensorial para a primeira infância/ Oficina	
Escola Netuno	Percepções Infantis em relação aos animais do Taim: um estudo construído com crianças dos anos iniciais/ Ciranda	2015
	Estudo do meio: um olhar crítico sobre a cidade/ Ciranda	2016
Escola Mercúrio	Roda da “sua” história/ Ciranda	2015
	Arte do III Seminário Interfaces	2015
	Sugestões de atividades pedagógicas sobre a Lei 10.639/03/ Oficina	2015

Escola	Título/ Modalidade	Ano
Escola Vênus	A África em nós/ Ciranda	2015
	Projeto Interdisciplinar sobre o Balneário Cassino: História, Arte e Literatura resgatando a memória local/ Ciranda	2016
Escola Júpiter	O cego e/na cidade: ressignificando saberes nas experiências com o outro/ Ciranda	2015
	O cego e a cidade: Uma memória narrada em fotografias/ Ciranda	2016
	Eu-e-nós, o cego e a cidade/ Oficina	2016
Escola Marte	Projetos de aprendizagem: as crianças como protagonistas na escola e na comunidade/ Ciranda	2015
	A influência da família e o trabalho com adaptações/ Ciranda	2016
	Vivenciando a rotina escola da E.M.E.F em tempo integral Prof. Valdir Castro/ Oficina	2016

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Através da tabela 2, identificamos que os trabalhos e oficinas apresentados ao longo de quatro anos do evento representam um recorte da sala de aula e que cada um representa o que é o Seminário Interfaces; afirmamos também que nossos atores, além dos professores, inclui também as crianças das escolas citadas, exemplo disso temos o menino Patrick Lima Cabral na época com sete anos e responsável pelo desenho abaixo que representou a imagem do evento no ano de 2015.

Imagem 2: Arte que representou a III Edição do evento Seminário Interfaces - 2015



FONTE: Arquivo RECIDADE.

Essa imagem foi alusiva ao tema do III Seminário Interfaces: Licenciaturas em Diálogo, que ocorreu no ano de 2015. No mesmo ano, Patrick foi aluno da professora Priscila Wally que era integrante do grupo RECIDADE. Na ocasião ela perguntou as crianças o que entendiam por “interfaces”, desse questionamento e debates surgiu o desenho que representou o evento. Trouxemos aqui, esse processo para confirmar o quanto o Seminário Interfaces preocupa-se em romper “muros”, valorizar o trabalho da escola e o quanto almejamos que Universidade e Escola possam ampliar esse diálogo, visto que a escola, muitas vezes, alimenta e subsidia com dados de empiria para pesquisas no campo da Educação que ocorrem nas universidades. Entretanto, nem sempre a escola é reconhecida e tão pouco valorizada como produtora de conhecimentos.

As escolas investigadas localizam-se na área central da cidade na península, no Balneário do Cassino e bairros próximos ao Campus da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como optamos em usar pseudônimos, nos atemos a localizar as escolas de forma mais ampla, não as retratando, através de uma cartografia.

Ao chegar ao número das seis (06) escolas, foi possível efetivar o contato com as professoras dos anos iniciais dessas instituições. Algumas intermediações ocorreram através das coordenadoras das escolas, e todas as professoras convidadas aceitaram em fazer parte desta pesquisa. Esse primeiro contato ocorreu a partir de e-mail e/ou telefone, após, cada parceira escolheu uma data para receber a visita da pesquisadora na escola e assim responder as perguntas através do questionário, além de fornecer eventuais esclarecimentos.

As professoras parceiras receberam a carta de apresentação da pesquisa (APÊNDICE I) e, posteriormente, a carta de aceite como participante/colaboradora consciente (APÊNDICE II). Abaixo segue a tabela 3 com o nome das professoras e suas respectivas escolas.

Tabela 3: Professores e respectivas instituições e ano em que lecionam

ESCOLA	NOME	ANO QUE ATUA
Escola Júpiter	<i>Jih</i>	4º
Escola Marte	<i>Kastra</i>	4º
Escola Mercúrio	<i>Adhara</i> <i>Mayara</i> <i>Polaris</i>	4º
Escola Netuno	<i>Lucida</i>	4º
Escola Saturno	<i>Electra</i>	3º
Escola Vênus	<i>Nashra</i>	4º

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

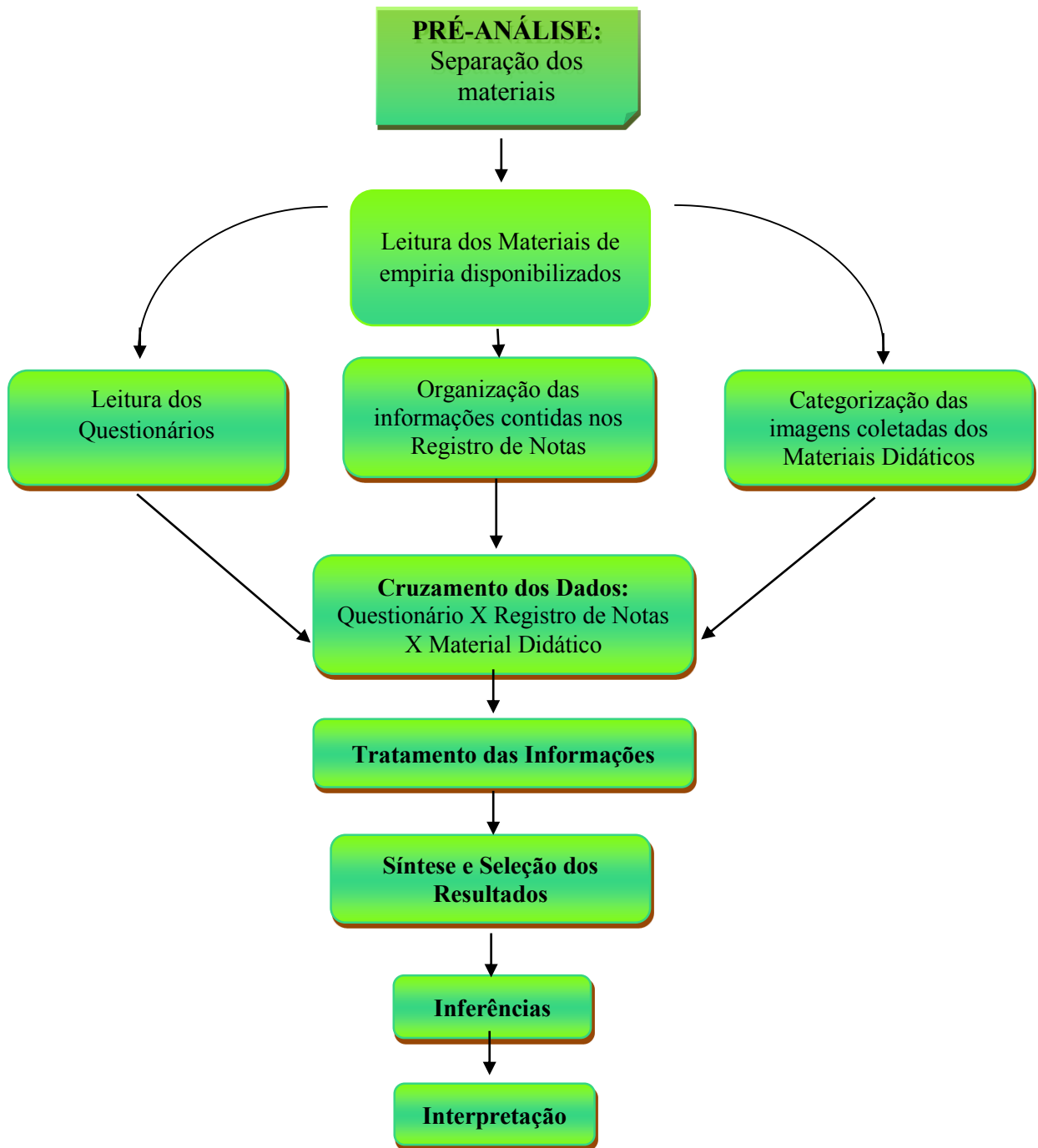
O grupo composto pelas oito professoras parceiras representa uma mostra em particular, de professoras que atuam no ensino dos anos iniciais na rede pública municipal de ensino e, em especial, com turmas de terceiro e quarto ano, nas quais é previsto o ensino da cidade ou do município, como muitas vezes consta nos conteúdos programáticos. Este grupo representa os sujeitos desta pesquisa, mas que entendemos que, na verdade, são nossas professoras parceiras.

Abaixo, iremos abordar, sucintamente, questões tanto da parte II como da parte V desta dissertação, optamos em trazê-la aqui, com o intuito de explicitar nosso processo metodológico, por fazerem parte dele.

Na parte II da dissertação, nos voltamos a descrever nosso processo metodológico, desde nosso artifício em entendermos e definirmos o que, de fato, queríamos saber a definirmos nossa pergunta central e com ela percebermos a necessidade em desmembrarmos em mais três questionamentos, também definimos nossos objetivos, chegamos nas escolas, em nossas professoras e conseqüentemente a coleta de dados empíricos, o percurso até os materiais empíricos foi dividido em três fases, informações essas já relatadas na página 31 conforme imagem 1.

Na parte V referente à organização e análise dos dados, nos utilizamos da proposta de análise de conteúdo de Bardin (2012), para detalhar nossa caminhada, no que tange um olhar para os materiais didáticos. Com o auxílio do organograma iremos explicitar como procedemos desde a primeira leitura dos materiais até a interpretação dos mesmos, vemos a seguir

Imagem 3: Organização e sistematização dos dados através da Análise de Conteúdo



FONTE: Esquema adaptado de BARDIN, 2012.

Este organograma marca nosso processo de organização frente à pré-análise dos materiais didáticos, nele é possível perceber nosso passo a passo até chegarmos a interpretação dos dados e com isso respondermos as perguntas que sulcaram essa investigação.

No final de novembro de 2016 já havíamos feito toda a coleta de materiais didáticos nas seis escolas e a partir disso começamos uma pré-análise. Nesse primeiro momento nosso olhar foi mais amplo, pois tínhamos que organizar em três categorias/fontes dos materiais para consulta e com isso nos atermos a cada fonte com muito cuidado, pois ali constavam as respostas para as perguntas que regiam esta pesquisa.

Como grande parte dos registros deu-se por meio digital, todas as escolas tiveram seus materiais didáticos guardados em pastas digitais identificadas e a partir disso fomos catalogando os tipos de materiais por elas utilizados; nesse momento descobrimos que as escolas faziam uso de apostilas, imagens, vídeos, jornal, *folders*, textos informativos e livros, após essa breve categorização, partimos para uma triagem aos questionários, essa fase contribuiu muito para nosso relatório final e nosso registro de notas abordou informações que até então não imaginávamos, pois obtivemos dados que nos subsidiaram a compreender nossas professoras. Através deste recurso levantamos outros dados, que iremos abordar mais detalhadamente na parte V desta dissertação, esta parte denominamos como “leitura dos materiais de empiria”.

Conforme lemos os materiais, percebemos que algumas das informações, quando entrelaçadas, não dialogavam. Conseguimos identificar isto, pois tínhamos as respostas através dos questionários e, contrapondo, tínhamos também os materiais didáticos apresentados por elas, essa fase nomeamos de “cruzamento de dados”, que consideramos uma das fases mais importantes, pois nem tudo que havia sido respondido e mencionado como usual estava presente na prática das professoras.

Após esse processo, fomos para a fase do “tratamento das informações”, sendo possível desmembrar nossas categorias e com isso compreender o processo sobre a escolha dos materiais escolhidos.

Chegamos então na fase das “sínteses e seleção dos resultados”, nesse momento conseguimos perceber mais detalhes que nos sulcaram no processo final da escrita, sendo possível então irmos para as “inferências” e, conseqüentemente, para a “interpretação”, calcados nos materiais fornecidos.

2.4 Revisão da literatura

Os dados aqui apresentados foram coletados a partir de buscas na plataforma *online Biblioteca Digital de Teses e Dissertações*¹⁷ –BDTD, no período de 2013–2016, durante os

¹⁷ Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Último acesso em março de 2017.

meses de outubro e novembro de 2016.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, foram utilizadas as palavras-chaves “cidade, anos iniciais, material didático”, encontrando assim dez trabalhos e com as palavras-chaves: “cidade, anos iniciais, material didático, professor”, encontramos no total sete trabalhos, mas trouxemos para esta pesquisa apenas dois, pois consideramos além das contribuições dos mesmos o campo/tópicos que ambos demarcam. Sendo assim encontramos no tópico da “Geografia” um trabalho e no tópico do “Ensino Fundamental” outro relacionado. Como segue a tabela 4 abaixo

Tabela 4: Revisão da literatura – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – 2013/1016

TABELA	PALAVRAS-CHAVE: “cidade, anos iniciais, material didático, professor”	
TÍTULO / ANO	RESUMO	AUTOR
<p>O LUGAR DO MUNICÍPIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA (2013)</p>	<p>A presente dissertação aborda o estudo do lugar nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, no intuito de refletir sobre a realidade da escola, principalmente sobre os aspectos geográficos do município, sendo Francisco Beltrão o campo da pesquisa com foco no 4º ano do Ensino Fundamental. O fator substancial para o desenvolvimento da pesquisa foi o problema enfrentado enquanto professora, por dezessete anos, em encontrar material de apoio para trabalhar a Geografia do município. O material existente e cedido pela Secretaria Municipal de Educação não é suficiente para embasar o educador. Há grande dificuldade em encontrar mapas que demonstram a Geografia de Francisco Beltrão, seja nos aspectos físicos, econômicos ou ambientais. Este estudo teve como objetivo pesquisar as possibilidades e os limites para trabalhar os aspectos geográficos do município de Francisco Beltrão no ensino de Geografia no 4º ano do Ensino Fundamental I. Para tal, foi proposto levantar e analisar o material didático existente nas escolas para trabalhar a Geografia do município e, a partir disso, utilizar como procedimentos metodológicos: pesquisa sobre os dados histórico-geográficos do município com a análise do material didático nos anos de 1986, 2002, 2007; entrevista com os sujeitos professores do 4º ano e os sujeitos professores que ajudaram na elaboração dos livros didáticos num total de vinte e cinco; análise da pesquisa/entrevista; elaboração da sequência didática; apresentação de material didático para os professores e avaliação deste material; sistematização da análise dos professores; e elaboração de material. A Geografia, nas séries iniciais, tem como função contribuir para alfabetizar geograficamente os alunos, possibilitando desenvolver a compreensão para observar, ler entender o espaço geográfico. O estudo da linguagem cartográfica, no início da escolaridade, contribui para que os alunos desenvolvam capacidades relativas à compreensão da representação do espaço. É de suma importância que a criança desenvolva, desde as séries iniciais, as habilidades de ler e interpretar mapas, para melhor</p>	<p>Bernadete Bussolaro, UNIOESTE</p>

TÍTULO / ANO	RESUMO	AUTOR
O LUGAR DO MUNICÍPIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA (2013)	compreender as relações que se estabelecem no social. Os mapas, além de localizarem, possibilitam várias interpretações, problematização e análise crítica, e também levantam hipóteses reais sobre a origem de uma paisagem. A leitura do espaço vivido busca criar significados para espaço e questionamentos que possibilitam o saber. O mapa É um meio de comunicação que possibilita o estabelecimento da articulação do conhecimento empírico com o que contempla análises integradoras do particular com o universal e vice-versa. Os alunos aprendem, com as análises geográficas, a conhecer o seu mundo, o lugar onde vivem, e passam a compreender o que são os processos de exclusão social e a seletividade dos espaços. Estudando a sua cidade, o aluno conhecerá o processo de formação e transformação. Para o ensino de Geografia, uma maneira de contemplar o conhecimento da realidade local a representação cartográfica, pois os mapas desenvolvem, quando compreendidos, a visão crítica do que é representado.	Bernadete Bussolaro, UNIOESTE
CIÊNCIAS NATURAIS NOS ANOS INICIAIS EM JATAÍ- GO : DO CURRÍCULO PRESCRITO AO CURRÍCULO MODELADO PELOS PROFESSORES (2015)	Neste trabalho, buscamos analisar o currículo de Ciências Naturais dos anos iniciais do ensino fundamental, modelado pelos professores da cidade de Jataí-GO, a partir do que é proposto oficialmente pelos órgãos governamentais e dos veículos que fazem a tradução destas propostas. Tomamos como referência a concepção processual de currículo de Gimeno Sacristán (2000), cuja objetivação, no processo de seu desenvolvimento compreende diferentes níveis (prescrito, apresentado aos professores, modelado pelos professores, em ação, realizado e avaliado). Na pesquisa, de natureza qualitativa, foram usados procedimentos de análise documental, para o exame dos seguintes materiais escritos: os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências dos anos iniciais do ensino fundamental; a Reorientação Curricular de 1.º a 9.º ano - "Caderno 5" do estado de Goiás; os "Direitos de Aprendizagem - 5.º ano" da cidade de Jataí; os planos de aula de nove professores do 5.º ano da rede municipal de Jataí referentes ao primeiro bimestre letivo do ano de 2014. A partir da leitura dos documentos foram elaboradas as seguintes categorias de análise: conteúdos, objetivos, procedimentos, avaliação. Da análise das informações, inferimos que: os órgãos políticos prescrevem diretrizes de funcionamento que acabam se comportando como obrigações e não orientações; como consequência os conteúdos contidos nas prescrições oficiais se tornam conteúdos mínimos; os professores utilizam o livro didático como o principal meio de tradução da prescrição; o documento municipal é o que exerce maior influência no planejamento dos professores de Jataí; na modelação do currículo, o tópico referente aos procedimentos metodológicos é o que revela maior grau de autonomia frente às prescrições. Por meio deste estudo foi possível elaborar considerações sobre o impacto da prescrição dos documentos na modelação do currículo pelos docentes.	José Hilton Pereira da Silva, UNICAMP

FONTE: BDTD - Período 2013/2016. Tabela elaborada pela pesquisadora.

Apesar deste levantamento de dados, resolvemos no período de novembro e dezembro de 2017, refazermos as buscas, com o intuito de acrescentarmos outras pesquisas que poderiam

ter surgido desde a data da última coleta até o presente momento, mas a plataforma BDTD alterou sua interface, e, para nossa surpresa ao fazermos a busca utilizando as mesmas palavras chaves, outros trabalhos foram encontrados, mas sem uma relação direta com esta dissertação, apesar dos filtros, que poucas opções nos deram, e para completar, os trabalhos que aqui mencionamos, não aparecem nessa nova busca.

Assim sendo, optamos em continuar com esses dados encontrados no período de outubro e novembro de 2016 e através da revisão da literatura, conseguimos perceber que existem trabalhos científicos no campo das palavras-chave. Os que foram encontrados, através da plataforma da BDTD, são dissertações a nível nacional e estão voltadas a pesquisa na educação. Entendemos que esta investigação poderá contemplar futuros pesquisadores na compreensão sobre o processo da educação no que tange ao ensino da cidade às crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

PARTE III

3 NASCE UMA CIDADE

“O espaço é um lugar praticado”.

Michel de Certeau

3.1 O Que é cidade

A palavra cidade é de origem latina “civitas” e tem por significado “condição de cidadão” e a partir da mesma temos outros derivados, como civil, civilização, civismo, cidadania, tendo *cives* como sua origem (ROLNIK, 2009). Em relação a sua semântica encontramos a seguinte definição, segundo o dicionário Aurélio¹⁸ da língua portuguesa

1. Povoação que corresponde a uma categoria administrativa (em Portugal, superior a vila), geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infraestruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços.
2. Conjunto dos habitantes dessa povoação.
3. Parte dessa povoação, com alguma característica específica ou com um conjunto de edifícios e equipamentos destinados a determinada atividade.
4. Vida urbana, por oposição à vida no campo.
5. Território independente cujo governo era exercido por cidadãos livres, na Antiguidade grega.
6. Sede de município brasileiro, independentemente do número de habitantes.
7. Vasto formigueiro de saúvas dividido em compartimentos a que chamam panelas.
8. Parte dessa povoação, com alguma característica específica ou com um conjunto de edifícios e equipamentos destinados a determinada atividade.
9. Vida urbana, por oposição à vida no campo. (AURÉLIO, 2016).

Em nossos estudos possivelmente, encontraremos significados não necessariamente, fieis aos mencionados acima, mas outros conceitos e concepções que vão ao encontro da realidade da/na sala de aula, através da investigação que foi desenvolvida com o apoio dos materiais didáticos disponibilizados pelas professoras das escolas selecionadas da rede

¹⁸ Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/cidade> Acesso em setembro de 2016.

municipal de ensino. Quem sabe desvendar conceitos abordados sobre a cidade do Rio Grande, não só pelas professoras, mas pelas próprias crianças e que surgiram através de desenhos, textos, fotos, maquetes entre outros materiais didáticos, como iremos perceber na parte V dessa dissertação, através do trabalho das escolas Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno que nos abordaram algum desses elementos.

Desde cedo somos capazes de definir o que é cidade, e isso se dá através da leitura que fazemos dela, como esta *Cidade é uma cidade, tu sabes o que é, deixa eu lembrar... é uma rua que tem um monte de coisas que se chama cidade*. (Lauren Lopes, 5 anos – Moradora do bairro Cidade Nova – Rio Grande, RS - transcrição da fala).

Em Vânia Chaigar e Marita Redin (2013), encontramos outras definições que acrescentam a esta pesquisa, através do olhar das crianças, o que elas identificam, consideram como cidade

Cidade é ter carros, passar pessoas perto da gente, é onde tem vendedor de picolé e tem que ter poste pro cachorro fazer xixi senão eles fazem no chão e as pessoas sujam os sapatos. Gosto dos lugares onde tem florzinhas para dar para a minha mãe; ela coloca num vaso e o quarto dela fica bem bonito. O lugar que também gosto é a casa da minha avó, lá tomo iogurte e ganho abraços. [Não gosto] De carros porque eles podem atrapalhar a gente. (Vitória, Porto Alegre, 5 anos).

O lugar onde as pessoas moram... assim vive, aprende. Tem casas, animais, escolas, empresas. (Dérick, 8 anos, São Leopoldo).

Cidade é um lugar onde as pessoas moram. As pessoas caminham nela, constroem prédios, casas, avenidas. Isso era um lugar normal onde, aos poucos, pessoas começaram a habitar e depois de um tempo se tornou uma cidade. Uma cidade que têm carros, pessoas e muita agitação. (Liane Maria, 12 anos, Tupandi). (CHAIGAR e REDIN, 2013, p. 5).

Os construtos das crianças sobre os lugares variam conforme a idade, local de moradia, grupo social, vivências, etc., mas indicam pluralidade de paisagens, sensibilidades e sociabilidades, visto que “à medida que a criança cresce, vai se apegando a objetos, em lugar de se apegar a pessoas importantes, e finalmente a localidades. Para a criança, lugar é um tipo de objeto grande e um tanto imóvel.” (TUAN, 2013, p. 43). Isso é o que pode ser constatado nas representações das crianças sobre cidade, destacadas anteriormente.

Falar sobre cidade é algo simples no senso comum, mas, ao mesmo tempo, é algo complexo por conter, a cada um de nós, um conjunto de representações. Ela é local de moradia, trabalho, lazer, troca, deslocamentos e também de apartações, ela tem vida própria. A cidade vai além das edificações, dos bairros, dos distritos, das escolas, das indústrias, dos espaços públicos e dos lugares de afeto, porque ela interage com todos os seus gentílicos, ela é parte viva de cada um, ela faz parte da história de cada habitante.

Podemos observar o quanto a cidade faz parte de cada cidadão, pois são seus “espaços praticados” (CERTEAU, 1998), os caminhos percorridos, os relatos em suas lembranças, todas suas memórias em “bricolagens” (CERTEAU, 1998), que unidas ganham uma significação sobre a cidade e a sua história, visto que muitas vezes esquecemos de nos colocar em sua história, como mencionado no poema que abriu esta investigação de João Vitor Xavier de Lima “[...] Descobri que vivo na cidade, mas não vivo a cidade. Descobri que vejo a história, mas nunca me botei muito nela [...]”.

Em James Hillman (1993), é possível perceber o quanto um detalhe da cidade, pode ganhar uma profundidade e uma significação diferente a cada um de nós, pois

As ruelas da cidade, enquanto lugar da profundidade são a parte obscura da cidade, o mistério da cidade, o coração. Tenho certeza de que ninguém defende as ruelas hoje em dia. Estou convencido de que elas devem ser alargadas e iluminadas, mas essas ruelas e vielas, curvando-se e dobrando-se, são um dos modos de intensificar e de se adicionar uma dimensão profunda. [...]. Os significados mais profundos, as complexidades mais profundas de alguma coisa – de forma que, toda vez que você olhá-la ou adentrá-la, ela assume um outro nível de significado. (HILLMAN, 1993, p. 39).

Muitas vezes as histórias de vida e coletivos se escondem nos becos e vielas, ocultando parte das memórias de cidadãos, que são passadas entre gerações, como em uma colcha de retalhos, sendo tecidas por pessoas que nela habitam, construindo, moldando e criando o conceito de cidade que, em alguns casos, ainda é tão patrimonialista.

Em Rio Grande, não é diferente, e é possível encontrar prédios que contam seu passado, ou seja, um pouco de sua história, mas Rio Grande não vive de um passado tão distante, cada prédio, cada casa, cada rua e grupo social completa e (re)escreve a história desta, porque ela tem vida(s) própria(s) e uma diversidade cultural, de caras, cores, tribos, etnias. Nela encontramos várias outras cidades que também são a Rio Grande, isto porque “a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza” (ROLNIK, 2009, p. 8), e sempre se refaz.

O professor Vinicius Netto em sua obra “Cidade e Sociedade – As tramas da prática e seus espaços” discorre sobre a sociedade e seus lugares, e nela podemos encontrar maneiras para a cidade dialogar

Cidades são formas extraordinárias de vida coletiva – meios para nossas interações em intensidades talvez impossíveis de serem alcançadas sem sua espacialidade particular. Elas expressam nossa natureza profundamente comunicativa, habitam nosso imaginário, amparam e ampliam nossa capacidade de produzir as ideias, artefatos e técnicas que viabilizam nossa continuidade; e o fazem em uma escala sempre crescente – uma escala cujo limite não conhecemos. As cidades são sistemas de referências para guiar e

mediar nossas práticas o tempo todo; são sistemas mnemônicos que articulam atos passados, presentes e futuros. Ricas em suas estruturas e formas são um modo único de dobrar a extensão rígida do espaço e colocá-la ao lado da fluidez das nossas práticas e interações. Elas representam a possibilidade da associação dos nossos atos em tramas e emaranhados absolutamente complexos, dos quais reconhecemos apenas uma parte – aquela que nos aproxima em nossos afazeres e permite nossa vida em grupos, e que desaparece no tempo e no espaço tão logo atuemos juntos e sigamos adiante. Cidades também mediam nossa experiência do mundo e do Outro. [...] Podemos dizer que, para a maioria de nós, as cidades são a primeira natureza. (NETTO, 2014, p. 19).

O excerto apresenta uma concepção de cidade em que passado, presente e futuro estão articulados, são parte da mesma *trama*, mas difícil de ser reconhecida em seu todo. Na contemporaneidade assume grande importância posto que a maioria dos habitantes do mundo vive em cidades, em Rio Grande, por exemplo, mais de 90% da sua população é urbana, o que, provavelmente, justifica a opinião do autor que “para a maioria de nós, as cidades são a primeira natureza”, daí nossa apartação com a vida orgânica e a primeira natureza.

São inúmeros os desdobramentos que uma cidade assume, seus “praticantes” pertencendo a ela como se fossem um, trajetórias paralelas, ou não, mas carregadas de acontecimentos. E conforme discorrem Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert a cidade e a memória coletiva contribuem, nas escolhas e na forma de nos percebermos (ou não), como praticantes deste espaço

Imagens da cidade vivida povoam nossas memórias. Caminhamos pela cidade e percebemos, em nós, sentimentos diversos sobre pessoas de nossa rede de pertença (e outras que estranhamos), sobre ruas que nos são familiares (evitamos outras), sobre espaços frequentados (ignoramos outros) [...]. São nessas formas de perceber a cidade que tecemos nossas rotinas, traçamos nossos percursos, planejamos nossos afazeres, enfrentamos nossos temores e constrangimentos. A cada dia, cidadãos perfazem seus deslocamentos para o trabalho, para o lazer, para seus compromissos ou suas desocupações. (ROCHA e ECKERT, 2010, p. 85).

E é nessa forma de viver a cidade que vamos fazendo nossas escolhas possíveis, nem sempre os caminhos que desejamos são os mais indicados ou nos são permitidos, mas são nesses percursos, entretanto, que constituímos nossas existências.

Na sequência trataremos de focar a cidade do Rio Grande, local onde acontece a vida da pesquisadora e das demais pessoas envolvidas na investigação.

3.2 Nasce uma cidade/ Localização de Rio Grande

RIO GRANDE

Rio Grande que nasce,/ Das águas que beijam/ As dunas da praia.../ No clarão do luar.

Rio Grande dos sonhos, /Do cheiro à maresia, /De encanto e alegria,
Da Lagoa e do Mar.

Rio Grande dos ventos, / Uivantes ou suaves.../ Nas quatro estações,
Vivem sempre a soprar.

Rio Grande onde o rei sol, /Vem debruçar-se à tardinha, /Esperando a lua
rainha, /Dar lume à noite a brilhar.

Rio Grande dos casarios, /Das praças e monumentos, /Dos museus e dos
heróis, / Orgulho de nossa gente.

Rio Grande onde sua história, /Confunde-se com a do Estado,
Pois, foi aqui iniciada, /a colonização Rio-grandense [...].

Autor: Wilson Rosa da Fonseca

O autor nos apresenta uma cidade que desliza em versos poéticos e exprime a Rio Grande que muitos de seus cidadãos (re)conhecem. Em cada verso identificamos a cidade que faz parte de memórias que são apresentadas desde cedo através da família, mas também através da escola. Essa cidade é identificada porque os lugares mencionados no poema retratam, em vários aspectos, uma cidade, independente da que eu perceba, que eu tenha como afeto, pois a descrita acima é comum a todos nós, seus gentílicos, pois em cada canto que eu vá eu percebo seus ventos uivantes ou suaves, a cada canto que eu vá eu sinto seu cheiro...

“A cidade, então, é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela” (HILLMAN, 1993, p. 39), e à medida que nos tornamos praticantes de seus lugares (que são nossos), vamos identificando esta cidade em nossas escolhas. Mas será essa a cidade que se apresenta para a maioria dos riograndinos? Ela é mesmo assim tão “encantadora e alegre”? Para quem? São questionamentos que nós fazemos apesar dela ser em alguns aspectos a mesma para todos.

Vejamos: No ano de 1736 surgiram os primeiros registros sobre a primeira povoação em terras riograndenses, mas em fevereiro de 1937 o Brigadeiro José da Silva Paes¹⁹ fundou oficialmente nossa cidade, inicialmente como freguesia do Rio Grande de São Pedro. Em 1751 elevou-se a vila, e em 1760, Rio Grande, que na ocasião estava sujeita à Capitania de Santa Catarina, passou a ser a Capital da nova Organização Administrativa - Capitania do Rio Grande de São Pedro. Somente em 1835, devido a uma lei provincial nº5 tornou-se cidade (CESAR, 2015, p. 32).

Trouxemos uma cronologia, elaborada por Luiz Henrique Torres (2015), mas por nós adaptada, no sentido de abordar alguns fatos que marcaram Rio Grande nesse percurso de “freguesia” (1737), até sua elevação como “cidade” (1835), abaixo vemos

Tabela 5: Cronologia da cidade do Rio Grande (1737 - 1835)

ANO	ACONTECIMENTO	OBSERVAÇÕES
1737	Fundação oficial do município do Rio Grande	Chegada em 19 fevereiro da esquadra de guerra pelo Brigadeiro José Silva Paes.
1737	Construção do forte Jesus-Maria-José	Primeira fortificação militar, assegurando a presença portuguesa no Rio Grande do Sul.
1737	Ilha dos Marinheiros	[...] o local onde se retirava madeira para construção e posteriormente forneceu a melhor água potável da região. No século 19 tornou-se um grande centro produtor de hortifrutigranjeiros.
1740	Rafael Pinto Bandeira	Nasceu em Rio Grande destacando-se na luta contra espanhóis. Foi considerado a “maior espada continentina do século 18”.
1747	Criação da vila do Rio Grande de São Pedro	A vila foi oficialmente instalada em 16 dezembro 1751, junto com a Câmara de Vereadores.
1751	Câmara de Vereadores da vila de São Pedro	Primeira Câmara de Vereadores do Rio Grande do Sul tendo jurisdição, até o ano de 1763, sobre todo o território sob controle de Portugal
1763	Ocupação espanhola da vila do Rio Grande	[...] Militares e população civil atravessam desordenadamente a Barra do Rio Grande para o Norte com a chegada das tropas espanholas.
Décadas de 1800-1810	Revolução Industrial	Muitos comerciantes instalam na vila do Rio Grande filiais de casas comerciais existentes no Rio de Janeiro e outras localidades.
1803	Antonio de Souza Neto	É batizado no Povo Novo o General Farroupilha que proclamou a República Rio-Grandense em 1836.
1811	Segundo vilamento	Na reorganização administrativa da Capitania são criadas quatro vilas no Rio Grande do Sul: Rio Grande, Porto Alegre, Rio Pardo e Santo Antonio da Patrulha.

¹⁹ Segundo Carta Régia datada de 24 março de 1736, uma frota comandada por José da Silva Paes partiu do Rio de Janeiro e tem três objetivos: desalojar os espanhóis de Montevideú, levantar o bloqueio espanhol a colônia do Sacramento e fundar uma colônia na margem do sul do Rio Grande de São Pedro. (TORRES, 2015, p. 16).

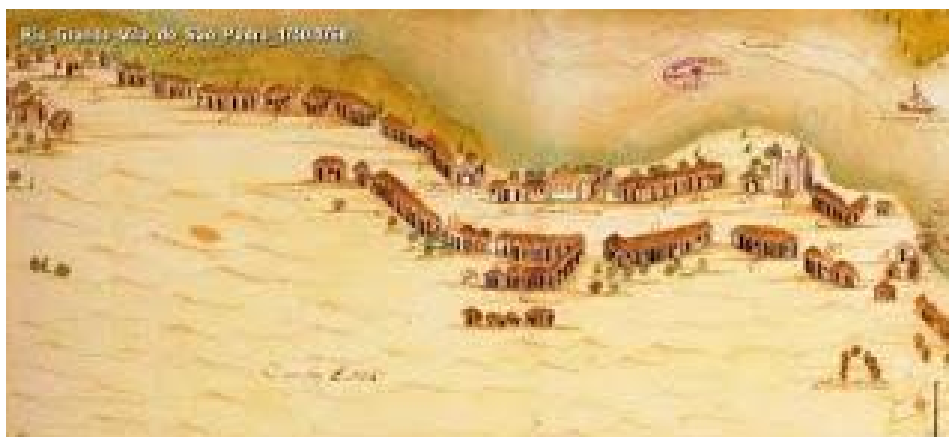
ANO	ACONTECIMENTO	OBSERVAÇÕES
Década de 1820	Praça Xavier Ferreira	Em 1820, o botânico Auguste Saint-Hilaire descreveu um amplo espaço junto à rua da praia. [...] a praça é o epicentro do centro histórico da cidade estando cercada por prédios do século 19 e nas imediações do Porto Velho.
Década de 1820	Praça Tamandaré	Denominada de Praça dos Quartéis e Geribanda, possuía, conforme relato de Auguste Saint-Hilaire, poços de captação de água utilizados pela população.
1835	Criação da Cidade do Rio Grande	Por lei provincial foi criada a cidade do Rio Grande. Francisco Xavier Ferreira teve decisiva participação nesta efetivação.

FONTE: TORRES, 2015. (Adaptado - Grifos da pesquisadora.).

Esta tabela foi um apanhado, cronológico, de alguns fatos que marcaram a história de Rio Grande, através dele, identificamos o início de fatos e pontos que hoje nos são históricos e turísticos, cabe ressaltar que optamos em trazer alguns elementos que ocorreram entre 1737 a 1835.

Na imagem 4 temos um desenho da primeira via pública da então vila do Rio Grande, e ao fundo a Laguna dos Patos. O sítio arenoso pode ser observado na imagem.

Imagem 4:Primeira via pública da vila do Rio Grande/RS



FONTE: SUDOESTESP. Disponível em: <<http://www.sudoestesp.com.br/file/colecao-imagens-periodo-colonial-rio-grande-sul/688/>> Acesso em março 2017.

A via marca o início da urbanização da cidade do Rio Grande em 1760. Na época era conhecida como Rua “Direita” e atualmente é nomeada por Rua “General Bacelar” e fica situada no centro comercial da cidade. Uma das peculiaridades de Rio Grande são os fortes ventos, sendo motivo para os primeiros moradores apelidá-la de “papareia” pelo fato de “comerem” muita areia, como bem pode ser suposta pela imagem arenosa exposta

anteriormente e podendo ser constatado neste relato de Auguste de Saint-Hilaire²⁰, no século XIX

Há ventania durante todo o ano, os ventos mais frequentes no inverno levantam redemoinhos de uma areia fina que penetra nos móveis mais bem fechados, enche ruas e já encobriu grande número de casas [...] os escravos trabalham sem cessar desobstruindo as portas das residências soterradas pela areia. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 59).

Também encontramos outro relato sobre suas areias, como uma das principais características rio-grandenses em outro trecho da obra

[...] esta cidade é construída à extremidade de uma faixa de terra muito estreita, de cerca de duas léguas de comprimento leste a oeste [...] não há nos arredores nenhum local de sombra [...] um areal de finura extrema que fadiga a vista pela cor esbranquiçada forma montículos que avançam até as casas situadas atrás da cidade, elevando-se tanto que ameaçam soterrá-las a cada instante. [...] os diversos passeios que tenho feito pela faixa de terra onde está construída a cidade do Rio Grande provam-me que ela é inteiramente coberta de areia, salvo nas margens do Rio Grande e nas de Mangueira. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 62 - 63).

O relato de Saint-Hilaire consta em seu diário datado entre 1820-1821, que virou o livro “Viagem ao Rio Grande do Sul” quando veio à Região Sul e apesar do tempo passado desde estes escritos, ainda podemos encontrar esses locais da cidade citados por ele como a “faixa de terra”, através da Rua Henrique Pancada ou o Rincão da Cebola e no próprio Balneário do Cassino, além do “areal de finura” em dias de vento pelos bairros da cidade.

A história de Rio Grande está marcada, portanto, a sua peculiar geografia, cercada por laguna, lagoas e banhados e em meio a areais. Ela está situada no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul, entre a Lagoa Mirim, a Laguna dos Patos e o Oceano Atlântico. A imagem 5 mostra a cidade do Rio Grande e em especial a região peninsular.

²⁰ Auguste de Saint-Hilaire botânico francês que fez viagens pelo Brasil, muitas de suas anotações/observações viraram livros que narravam essas expedições.

Imagem 5: A península da cidade do Rio Grande



FONTE: Internet/ 2017. Disponível em: <http://praiacassino.com.br/blog/vista-aerea-da-cidade-de-rio-grande>
Acesso em agosto 2017.

A cidade que, em 2017 teve estimativa de possuir mais de 200 mil habitantes (IBGE, 2017)²¹, localiza-se na planície costeira do litoral sul do Rio Grande do Sul e

[...] para os padrões do interior do Rio Grande do Sul, é considerada de porte médio. Faz parte do conjunto das cidades mais antigas do estado que, juntamente com Porto Alegre, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha, surgiram de povoações que remontam ao século XVIII. A cidade portuária, com altíssimo índice de urbanização, que alcançou os 96% em 2010, vive desde meados deste século uma etapa diferenciada na sua ocupação. Está em marcha um processo de reurbanização, muito em decorrência da instalação de um polo naval e pela concorrência de pessoas de distintas regiões brasileiras que chegam a Rio Grande, em busca de trabalho e estudo, principalmente. Do ponto de vista macropolítico e econômico, a cidade do Rio Grande tem grande importância geopolítica para reorganização do capital no Brasil meridional: porto, hidrovias, ferrovia, proximidade de minérios localizados no Uruguai – país vizinho etc., convergem para destacá-la no cenário nacional e nos projetos (neo)desenvolvimentistas do atual governo brasileiro. (CHAIGAR, 2015, p. 299).

²¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/panorama>. Acesso em: 29 setembro de 2017.

O cenário apresentado no excerto em que foi colocado na vitrine do “crescimento econômico” gaúcho, chegando a alcançar o quarto PIB do estado²², está hoje em franca crise, motivada pela desarticulação do polo naval na cidade e a crise de acumulação capitalista.

3.3 Eu praticante desta/nesta cidade

Estava sentada a beira do cais, de olhos fechados sentindo o sol penetrar por minhas pálpebras, sentia o vento tocando meu corpo e me transportando para outro tempo, um tempo que não vivi, mas um tempo que vivia em mim. Em meus sonhos, conseguia imaginar os primeiros navios chegando em terras papareias, conseguia imaginar o “Forte Jesus – Maria – José”²³ sendo construído, conseguia imaginar a cidade ganhando forma, as ruas ganhando vida, as mulheres desfilando com seus lindos vestidos pelas Rua da Praia, sentia o cheiro do café fresquinho que vinha do Mercado Público, ouvia o apitar dos navios zarpando e os gritos das crianças felizes brincando nos balanços da praça. Escutava de longe a banda animando os famosos bailes de carnaval na Câmara do Comércio. Minha imaginação, naquele momento, me proporcionava algo incrível, viajar pela história de minha cidade... Claro que isso tudo em vários saltos no tempo histórico.

Mas, não tão de repente assim, algumas buzinas e vozes me trouxeram para 2016, nesse exato momento olhei para trás e vi que a cidade ao qual acabava de sentir, estava atrás de mim, uma cidade real. Fazia parte da minha história, uma cidade cheia de sutilezas, de cheiros, de silêncios e barulhos, uma cidade que renascia a cada lembrança, a cada instante...

Quando penso na cidade, muitas vezes a sinto como algo distante de mim, mal percebo o quanto ela me constitui e o quanto eu a constituo, este jogo de pertença ainda é quase imperceptível, reflito que só “nos” percebemos quando saímos da localidade. A cidade, em mim, está em movimento, através dos lugares de afeto, dos momentos, das pessoas, das memórias. Essa cidade faz parte das minhas primeiras lembranças como criança, faz parte dos meus passeios aos finais de semana em seus (que são meus), pontos turísticos, faz parte do meu jeito de ser e até mesmo do meu jeito de vestir, do meu corpo, de minhas atitudes.

²² Em 2011, ocupava a 4ª colocação com R\$ 8.194,552; três anos depois estava em 8º lugar com R\$ 7.357,959. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/pesquisa/38/47001?tipo=ranking> Acesso 31 outubro de 2017.

²³ O “Forte Jesus - Maria - José”, foi erguido para dar início à primeira povoação na cidade do Rio Grande. (ALVES, 1999, p. 14).

Para Cassio Hissa e Maria Luísa Nogueira (2013, p. 56), “o corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo”, ela com suas características peculiares, fazendo parte de cada um que a habita e sem perceber se deixa pertencer, se deixa misturar, pois é isto que a cidade faz, ela nos mistura, nos torna cidadãos pluralizados.

Nas leituras ao longo do primeiro semestre no mestrado (2016), me deparei com o poema “Meu corpo é a cidade” de Paula Oliveira²⁴, que interpreta esta relação que nós, através dos nossos corpos, temos com a cidade, uma cidade muitas vezes invisível aos nossos olhares...

[...]

A cidade é como meu corpo/ a cidade sou eu/ as ruas são minhas veias
que cruzam e cortam por toda parte servindo de solo e passagem
para aquele que quer chegar ao outro lado.

As minhas artérias são as avenidas principais/ vias para o trânsito vital e
caótico dão vida e bombeiam o caos.

Convergem num acidente de razão e emoção, causam por ai.

Os carros e motos são glóbulos coloridos/ as pessoas são vermes, bactérias,
/lactobacilos quase sempre vivos/ uns estão para o bem
outros pelo mal ambas sociedades estão vivas.

Meu corpo é a cidade em estado de transformação diversa [...]

meu país é de transformação para o bem meu corpo é a cidade

dentro de um estado alucinado de um país globalizado

em um universo único e ditado em busca de estrelas

guias, cadentes, Dalvas e Marias/ para o pedido de reforma

para este mundo inacabado/ há muito para ser melhorado

meu corpo é a cidade/ e minha alma pertence ao estado de ser e estar

meu corpo é o presente dentro da terra de gigantes

há algo a ser melhorado/ meu corpo é a cidade

sempre em reforma. (OLIVEIRA, 2015).

Como corpo “sempre em reforma”, a cidade não deve ser vista apenas como espaços arquitetônicos, mas como lugares sociais que possibilitam trocas, na construção de inúmeras narrativas, nas suas significações, na construção de subjetividades e também de vidas objetivas. Georges Perec completa: “A cidade está aí. Ela é nosso espaço e não temos nenhum outro. Crescemos nestas cidades. É nas cidades que respiramos. Quando tomamos o “trem”, é para ir de uma cidade à outra. Não há nada de desumano em uma cidade, senão nossa própria humanidade” (PEREC, apud DOSSE, 2013, p. 88).

Percebemo-nos parte dela quando enfrentamos seus dilemas, quando lutamos por condições mais dignas de vida, por exemplo. Fazer parte da cidade e não ser parte dela é possível? É algo que questionamos...

²⁴ Poema recitado. “Meu corpo é a cidade” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jIY6tn47u7I>
Acesso em: setembro de 2016.

PARTE IV

4 PRIMEIROS PASSOS NO ENSINO MUNICIPAL

4.1 Ensino em Rio Grande

Na data de 17 de julho de 1747 surge um dos primeiros registros de que os gentílicos riograndinos começavam a ter contato com o mundo das letras, como consta: “[...], por carta régia, também é instituída a primeira aula pública de primeiras letras na vila do Rio Grande, a ser ministrada pelo mulato²⁵ Manoel Ximenes (ou Simões), Xavier. Este professor se transfere para lecionar em Porto Alegre em 1778”. (CESAR, 2015, p. 76).

No ano de 1790, o professor Victorino Pereira Coelho é contratado para lecionar gramática latina em Rio Grande, algo que acontece um ano após sua contratação. Na verdade não há uma data exata que marque o fim dessas aulas. Através do jornal *O Noticiador* – fundado quase meio século depois em 1832, existem registros que marcam o ensino em Rio Grande. Assim o professor Coelho descreve

Nesta vila se tem edificado muito boas casas de sobrado e outras se estão construindo com elegância e grandeza; tem uma aula regular nacional²⁶ em edificio próprio, uma aula de gramática latina e outra de francês; uma livraria com três mil e tantos volumes [...]. (Jornal O Noticiador apud CESAR, 2015, p. 139).

O depoimento supõe locais elitizados com aulas de latim e francês, presumimos que para uma pequena minoria de riograndinos. Além disso, os registros mostram que em 1868 a cidade do Rio Grande tinha

[...] apenas quatro escolas de ensino primário, duas masculinas e duas femininas, e uma aula de ensino secundário com francês, pouco frequentada. Todas estas escolas são privadas, não há ensino público gratuito. A primeira escola a utilizar “colégio” no nome é o São Pedro, fundado em 1859, que se intitula a mais antiga escola da cidade. (TORRES apud CESAR, 2015, p. 172).

²⁵ Interessante observar que cidades se explicitam quando, por exemplo, ao referir-se ao professor da “primeira aula pública” é adicionado o adjetivo “mulato” e, no segundo caso, do professor contratado para lecionar gramática nada é mencionado. Seria branco?

²⁶ Na época “aula regular Nacional” referia-se ao ensino de língua portuguesa. (CESAR, 2015, p. 139).

Observamos na sua fase inicial um ensino bastante elitizado, posto as informações do excerto anterior. No início do século XX, a cidade do Rio Grande foi crescendo, e concomitantemente a esse crescimento fábricas foram se instalando e produzindo novas configurações no espaço e nas relações sociais (TORRES, 2008, p. 11), sendo necessário a incrementação no campo educacional para dar conta da demanda fabril. Foi em 1906 que o Ginásio Lemos Jr.²⁷ registrou na primeira matrícula 63 alunos, sendo seis meninas e 57 meninos, com idade entre dez e dezessete anos, sendo que as crianças mais pobres não precisavam pagar mensalidade. (CESAR, 2015, p. 243). E no ano de 1913 surgiu o Colégio Público Elementar Juvenal Miller, no ano de 1914 surgiu o Colégio privado São Francisco (atualmente pertence a rede Marista) e a Escola Estadual Bibiano de Almeida e no ano de 1917 a Escola Técnica Agrícola (pública), e em 1918 na rede privada o Colégio Santa Joana D'Arc (atualmente pertence a rede Bom Jesus) (CESAR, 2015, p. 257), ou seja, mais de meio século após o início das atividades de ensino em Rio Grande surge a primeira escola pública.

Segundo informações da Secretaria de Município da Educação do Rio Grande – SMEd e do setor de Recursos Humanos da cidade, consta que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Clemente Pinto foi a primeira escola municipal a ser fundada na cidade do Rio Grande em 1940, sendo chamada primeiramente de “Grupo Escolar”, mas no ano de 1974 passou a Escola de nível Fundamental.

Este breve apanhado sobre o ensino e os “colégios”²⁸ em Rio Grande foi com o objetivo de mostrar, de forma resumida, o surgimento do ensino em nossa cidade. Trouxemos apenas as primeiras escolas, tanto na rede municipal e estadual quanto na privada, pois consideramos importante relatar sobre a fase inicial desse processo de ensino.

Atualmente, a rede municipal disponibiliza a comunidade quatorze (14) E.M.E.I.S²⁹ – Escola Municipal Educação Infantil, quarenta e duas (42) E.M.E.F – Escola Municipal de Ensino Fundamental, uma escola bilíngue, uma escola de belas artes, uma escola de educação especial, duas (2) escolas de educação integral, sendo uma de campo/rural e dezoito (18) escolas do campo/rurais, a rede pública municipal conta também com mais de 2 mil professores atuantes, sendo cerca de trezentos (300) nos anos iniciais.

²⁷Tradicional Centro Educativo que teve um destacado papel na formação intelectual em Rio Grande. (TORRES, 2008, p. 17).

²⁸ Segundo o dicionário Luft (2000), define Colégio como estabelecimento de ensino, Grupo Escolar como estabelecimento de ensino das quatro primeiras séries do primeiro grau/ Conjunto de coisas ou pessoas formando um todo e Escola como conjunto de professores e alunos.

²⁹ E.M.E.I.S. – Escola Municipal de Educação Infantil, estas escolas atendem ao público infantil por categorias: Berçário – Turno Integral (zero a 2 anos), Maternal I - Turno Integral (2 anos), Maternal II (3 anos), Nível I (4 anos) e Nível II (5 anos).

4.2 Cidade como conteúdo programático nos anos iniciais

O ensino sobre a cidade nos anos iniciais do ensino fundamental é de suma importância às crianças, pois fundamentam suas relações sociais, históricas e espaciais. Há uma orientação por parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's sobre abordagens de áreas do conhecimento e temas transversais, orientações estas que para muitos professores são vagas, pois não há um material específico que trate as questões específicas da localidade onde vivemos³⁰. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's elaborado em 1997, os conteúdos estão divididos por ciclos, o primeiro ciclo inclui o 1º e 2º ano do Ensino Fundamental e o segundo ciclo inclui o 3º e 4º ano do Ensino Fundamental. Atualmente os anos iniciais correspondem à primeira fase do Ensino Fundamental incluindo do primeiro ao quinto ano.

Na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's encontramos esclarecimentos acerca de seu papel

Os Parâmetros Curriculares Nacionais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País. Sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual. (PCN, 1997, p. 13).

A abordagem dos Parâmetros Curriculares tem em vista, portanto, normatizar e parametrizar aspectos na educação, levando em conta as dimensões do território brasileiro e dificuldades de parte dos professores acessarem a “produção pedagógica” contemporânea.

O PCN da Geografia, em sua introdução explicita que “A Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula a formação das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da **leitura do espaço geográfico e da paisagem**” (1997, p. 74, grifos da pesquisadora).

Na parte do primeiro ciclo³¹ no ensino fundamental, no PCN de Geografia, embora não cite diretamente “cidade” encontramos expressões como “local”, “lugar”, “paisagem local”, “seu cotidiano” e “meio/lugares em que vivem” nos objetivos

³⁰ Durante a pesquisa constatamos a existência de produção didática sobre Rio Grande, referente à Educação Patrimonial e Ambiental elaborada por professores pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande (ver capítulo V).

³¹ Corresponde atualmente do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental aproximadamente.

reconhecer, na **paisagem local e no lugar** em que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social;

conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na **paisagem local**, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens;

reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer;

conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas e imagéticas utilizando, para tanto, alguns procedimentos básicos;

saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da **paisagem**, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral;

reconhecer, **no seu cotidiano**, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os **lugares onde vivem e se relacionam**;

reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o **meio em que vivem**, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza. (PCN, 1997, p. 89 – grifos da pesquisadora).

Os PCN'S orientam os professores dentro dos objetivos esperados ao final de cada ciclo, mas também propõem que trabalhem por blocos/eixos temáticos, e levando em consideração a proposta desta investigação, iremos abordar um bloco/eixo específico que é chamado de “O lugar e a paisagem”, nele encontramos estes objetivos específicos

observação e descrição de diferentes formas pelas quais a natureza se apresenta na **paisagem local**: nas construções e moradias, na distribuição da população, na organização dos bairros, nos modos de vida, nas formas de lazer, nas artes plásticas;

identificação de motivos e técnicas pelos quais **sua coletividade** e a sociedade de forma geral transforma a natureza: por meio do trabalho, da tecnologia, da cultura e da política, no passado e no presente;

caracterização da **paisagem local**: suas origens e organização, as manifestações da natureza em seus aspectos biofísicos, as transformações sofridas ao longo do tempo;

conhecimento das relações entre as **pessoas e o lugar**: as condições de vida, as histórias, as relações afetivas e de identidade com o lugar onde vivem;

identificação da **situação ambiental da sua localidade**: proteção e preservação do ambiente e sua relação com a qualidade de vida e saúde;

produção de mapas ou roteiros simples considerando características da linguagem cartográfica como as relações de distância e direção e o sistema de cores e legendas;

leitura inicial de mapas políticos, atlas e globo terrestre;

valorização de formas não-predatórias de exploração, transformação e uso dos recursos naturais;

organização, com auxílio do professor, de suas pesquisas e das conquistas de seus conhecimentos em obras individuais ou coletivas: textos, exposições, desenhos, dramatizações, entre outras. (PCN, 1997, p. 91 – grifos da pesquisadora).

Já nas orientações para o segundo³² ciclo do Ensino Fundamental o conceito cidade fica explícito na relação com o campo e encontramos como objetivo central

[...] o estudo da Geografia deve abordar principalmente as diferentes **relações entre as cidades e o campo** em suas dimensões sociais, culturais e ambientais e considerando o papel do trabalho, das tecnologias, da informação, da comunicação e do transporte. O objetivo central é que os alunos construam conhecimentos a respeito das categorias de **paisagem urbana e paisagem rural**, como foram constituídas ao longo do tempo e ainda o são, e como sintetizam múltiplos espaços geográficos. (PCN, 1997, p. 93 – grifos da pesquisadora).

Com base nestas orientações, os professores do segundo ciclo devem proporcionar para estes jovens, aspectos voltados as paisagens urbanas e rurais e as relações sociais aí travadas.

Nas orientações, referentes aos objetivos para o segundo ciclo destacamos

reconhecer e comparar o papel da sociedade e da natureza na construção de diferentes **paisagens urbanas e rurais** brasileiras;
reconhecer semelhanças e diferenças entre os **modos de vida das cidades e do campo**, relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura;
reconhecer, **no lugar no qual se encontram inseridos**, as relações existentes entre o mundo urbano e o mundo rural, bem como as relações que sua coletividade estabelece com coletividades de outros lugares e regiões, focando tanto o presente e como o passado;
conhecer e compreender algumas das consequências das transformações da natureza causadas pelas ações humanas, **presentes na paisagem local** e em **paisagens urbanas e rurais**;
reconhecer o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de **paisagens urbanas e rurais** e na estruturação da vida em sociedade;
saber utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas;
utilizar a linguagem cartográfica para representar e interpretar informações em linguagem cartográfica, observando a necessidade de indicações de direção, distância, orientação e proporção para garantir a legibilidade da informação;
valorizar o uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da preservação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida;
adotar uma atitude responsável em relação ao meio ambiente, reivindicando, quando possível, o direito de todos a uma vida plena num ambiente preservado e saudável;

conhecer e valorizar os modos de vida de diferentes grupos sociais, como se relacionam e constituem o **espaço e a paisagem no qual se encontram inseridos**. (PCN, 1997, p. 94 – grifos da pesquisadora).

³² Corresponde ao quarto e quinto ano do Ensino Fundamental aproximadamente.

As alterações realizadas pelo homem na relação com outros homens e com a natureza modificam o aspecto natural de um local e produzem impactos nos convívios e nas relações resultando no espaço geográfico.

E no bloco/eixo temático “Urbano e Rural: Modos de Vida” para o segundo ciclo do ensino fundamental encontramos como objetivos

identificação de processos de organização e **construção** de **paisagens urbanas e rurais** ao longo do tempo;
caracterização e comparação entre as **paisagens urbanas e rurais** de diferentes regiões do Brasil, considerando os aspectos da espacialização e especialização do trabalho, a **interdependência entre as cidades e o campo**, os elementos biofísicos da natureza, os limites e as possibilidades dos recursos naturais;
comparação entre o uso de técnicas e tecnologias por meio do **trabalho humano nas cidades e no campo**, envolvendo modos de vida de diferentes grupos sociais, aproximando-se do debate entre o moderno e o tradicional;
reconhecimento do papel das tecnologias na transformação e apropriação da natureza e na construção de paisagens distintas;
reconhecimento do papel da informação e da **comunicação** nas dinâmicas existentes entre as **cidades e o campo**;
compreensão das funções que o **transporte** assume nas relações entre as **cidades e o campo**, observando seu papel na interdependência que existe entre ambos;
comparação entre os diferentes meios de transporte presentes **no lugar onde se vive**, suas implicações na organização da vida em sociedade e nas transformações da natureza;
levantamento, seleção e organização de informações a partir de fontes variadas, como fotografias, mapas, notícias de jornal, filmes, entrevistas, obras literárias, músicas, etc.;
representação em linguagem cartográfica das características das paisagens estudadas por meio da confecção de diferentes tipos de mapas, observando a necessidade de indicar a direção, a distância, a proporção para garantir a legibilidade das informações;
leitura e compreensão das informações expressas em linguagem cartográfica e em outras formas de representação do espaço, como fotografias aéreas, plantas maquetes, entre outras;
organização de pesquisas e reapresentação dos conhecimentos adquiridos em obras individuais ou coletivas: textos, exposições, desenhos, dramatizações, seminários, etc.;
valorização do uso refletido da técnica e da tecnologia em prol da reabilitação e conservação do meio ambiente e da manutenção da qualidade de vida;
respeito e tolerância por modos de vida e valores de outras coletividades distantes no tempo e no espaço. (PCN, 1997, p. 98 – grifos da pesquisadora).

Estes documentos instrucionais são de fácil acesso aos professores, principalmente na *web* e são compostos por dez módulos distribuídos nas orientações das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História e Geografia, Arte, Educação Física, Apresentação dos Temas Transversais e Ética, Meio Ambiente e Saúde, Pluralidade Cultural e

Orientação Sexual. No primeiro capítulo de Geografia a introdução é sobre a importância de se trabalhar com a Geografia, tendo como título “Aprender e ensinar Geografia no ensino Fundamental” e é um texto explicativo e argumentativo sobre os porquês dessa área na escola.

Já nas orientações para a disciplina de História, dentro do PCN, encontramos

A proposta de História, para o ensino fundamental, foi concebida para proporcionar reflexões e debates sobre a importância dessa área curricular na formação dos estudantes, como referências aos educadores, na busca de práticas que estimulem e incentivem o desejo pelo conhecimento. O texto apresenta princípios, conceitos e orientações para atividades que possibilitem aos alunos a **realização de leituras críticas dos espaços, das culturas e das histórias do seu cotidiano**. (PCN, 1997, p. 13 – grifos da pesquisadora).

O texto também não faz menção explícita à cidade, mas deixa entrever em seus objetivos expressões e conceitos que se aproximam do local da vida da criança seja na cidade ou no campo.

No PCN de História os objetivos gerais são

identificar o **próprio grupo de convívio** e as **relações** que estabelecem com **outros tempos e espaços**;
organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado;
conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes **grupos sociais, em diversos tempos e espaços**, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;
reconhecer **mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade** e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;
utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros;
valorizar o **patrimônio sociocultural** e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia. (PCN, 1997, p. 32 – grifos da pesquisadora).

No documento consta a preservação e o respeito por artefatos, patrimônios materiais e imateriais e também por crenças, histórias de vida, memórias que ajudem as crianças a se perceberem com histórias que estão na base da construção do local.

No primeiro ciclo do Ensino Fundamental encontramos categorias como grupos sociais, temporalidades, permanências e transformações, cultura, etc., e os seguintes objetivos

comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência anterioridade, posterioridade e simultaneidade;

reconhecer algumas semelhanças e diferenças sociais, econômicas e culturais, de dimensão cotidiana, existentes no **seu grupo de convívio escolar e na sua localidade**;

reconhecer algumas permanências e transformações sociais, econômicas e culturais nas **vivências cotidianas das famílias, da escola e da coletividade, no tempo, no mesmo espaço de convivência**;

caracterizar o modo de vida de uma coletividade indígena, que vive ou viveu na região, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais, artísticas e religiosas;

identificar diferenças culturais entre o **modo de vida de sua localidade** e o da comunidade indígena estudada;

estabelecer relações entre o presente e o passado;

identificar alguns documentos históricos e fontes de informações discernindo algumas de suas funções. (PCN, 1997, p.39 – grifos da pesquisadora).

Através destes objetivos, para o ensino de História, valorizam a necessidade de proporcionar atividades que ajudem esta criança na identificação e reconhecimento com/no grupo de convívio, na família, na escola, na relação com outras culturas e comunidades.

E nos objetivos para o segundo ciclo, encontramos questões relacionadas a relações sociais e poder, ascendências e descendências, etnias, etc.

reconhecer algumas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que a sua coletividade estabelece ou estabeleceu com outras localidades, no presente e no passado;

identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertence à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais;

identificar as relações de poder estabelecidas entre a sua localidade e os demais centros políticos, econômicos e culturais, em diferentes tempos;

utilizar diferentes fontes de informação para leituras críticas;

valorizar as ações coletivas que repercutem na melhoria das condições de vida das localidades. (PCN, 1997, p. 45 – grifos da pesquisadora).

O documento dos PCNs traz após estas indicações de objetivos aos componentes curriculares de geografia e de história algumas sugestões para os professores articularem o ensino dessas áreas com os espaços vivenciais das crianças. Todo ensino é contextualizado, ocorre em determinado tempo e espaço, a questão que nos moveu em direção a esta investigação foi: Será que observamos isso no ensino da cidade às crianças dos anos iniciais em nossa localidade?

Na análise de outro importante documento brasileiro que reconheceu a cidadania das crianças, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1997, p. 13), encontramos, de forma indireta, sobre a “cidade” no “Art. 16 O direito à liberdade – Inciso I – ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais”, este inciso confirma o direito a cidade que as crianças e os adolescentes tem, mas que, muitas vezes, não

lhes são oportunizados. Outra questão que vale ressaltar é sobre o Estatuto da Cidade, criado em 2001 a partir da Constituição Brasileira, que pretende regulamentar a política urbana. Em seus artigos e respectivos incisos, as crianças e seus lugares não são mencionados, cabendo assim a nós, supormos que estes lugares de “praticantes” também são seus, apesar de não serem ouvidas na construção dos espaços urbanos, elas participam de suas significações, tem opiniões sobre espaços públicos e os praticam construindo territórios infantis, lugares de afeto e com isso acabam atuando nesta sociedade.

O tema Cidade geralmente é trabalhado em sala de aula entre o terceiro e quarto ano do Ensino Fundamental. Como podemos perceber na tabela abaixo sugerida pela Secretaria de Município da Educação do Rio Grande – SMed, dentro dos “Objetivos de aprendizagem dos Anos iniciais da rede municipal de ensino da cidade do Rio Grande”, são apresentados os seguintes objetivos na tabela 6 e 7.

Tabela 6: Objetivos para o 3º ano do Ensino Fundamental Municipal

História 3º Ano	Geografia 3º Ano
Identificar e comparar os diferentes tipos de registros documentais utilizados para a construção, descrição ou rememoração dos fatos históricos: textos manuscritos e impressos, imagens, mapas, monumentos, obras de arte, objetos, dentre outros.	Reconhecer as mudanças do espaço no seu ambiente cotidiano (casa, escola)
Reconhecer os direitos e deveres enquanto cidadão, bem como a sua importância para a convivência em grupos dos quais participa .	Representar as paisagens do seu espaço cotidiano .
Distinguir e ordenar temporalmente os fatos históricos (sociais, familiares e pessoais, locais , regionais e nacionais).	Conhecer e valorizar as relações do seu espaço cotidiano com outros lugares próximos (casa-escola/bairro) , representar o espaço por meio de mapa simples (desenho dos estudantes).
Identificar dados sobre a história da localidade (escola, bairro e/ou município): origem do nome, data de criação, localização geográfica, etc).	Utilizar os elementos da linguagem cartográfica: orientação, escala, cores e legendas (representação da sala de aula, campo de futebol, pracinha , etc.), na construção de mapas ou roteiros.
Identificar e diferenciar os patrimônios culturais (materiais e imateriais) da localidade (escola, rua, bairro, município e estado) sob o ponto de vista multicultural.	Reconhecer os problemas ambientais existentes em sua comunidade e as ações básicas para a proteção e preservação do meio ambiente lixo, enchentes, etc.).
Identificar os fatos históricos ou as práticas sociais que dão significado aos patrimônios culturais identificados na localidade .	Ler o espaço geográfico trabalhando com as noções de lugar e paisagem (Ex: casa, fotografia, superfície)

História 3º Ano	Geografia 3º Ano
Vivenciar os eventos rememorativos (locais, regionais e/ou nacionais) , identificar os fatos históricos aos quais se referem.	Identificar as razões e os processos pelos quais a sociedade transforma a natureza e seus recursos, observando as formas de apropriação destes (Ex: agricultura, pesca, comércio, estradas, construções).

FONTE: SMEd - Tabela elaborada pela pesquisadora. (Grifos da pesquisadora).

De acordo com os objetivos estabelecidos para o 3º ano, o professor deve propor atividades voltadas ao (re)conhecimento do espaço e tempo das crianças e trabalhar desde o contexto de sua casa, da sua rua, bairro, escola, etc.

Tabela 7: Objetivos para o 4º ano do Ensino Fundamental Municipal

História 4º Ano	Geografia 4º Ano
Identificar a si mesmo, e as demais pessoas como membros de vários grupos de convívio (familiares, étnico-culturais, profissionais, escolares, de vizinhança, religiosos, recreativos, artísticos, esportivos, políticos, etc...), distinguindo as práticas sociais, políticas, econômicas e culturais específicas de cada grupo.	Conhecer e valorizar as relações entre as pessoas e o lugar : os elementos da cultura, as relações afetivas, e de identidade com o lugar onde vivem.
Dialogar e formular uma reflexão a respeito das semelhanças e das diferenças identificadas entre os membros dos grupos de convívio , locais e regionais, atualmente e no passado.	Ler, interpretar e representar o espaço geográfico por meio de mapas, localizando o nosso município no estado do Rio Grande do Sul e no Brasil.
Articular as vivências dos grupos de convívio atuais e regionais, as dos grupos locais e regionais do passado.	Localizar em mapas os limites e distritos do nosso município, destacando os aspectos físicos (clima, relevo, hidrografia, vegetação).
Ordenar (sincrônica e diacronicamente) os fatos históricos de ordem pessoal e familiar, dos grupos de convívio dos quais participa, e os de alcance regional e nacional.	Reconhecer a relação entre sociedade e natureza na dinâmica do seu cotidiano e na paisagem local (zona urbana e zona rural), enfatizando os diferentes tipos de vida (sociais, econômicos e culturais).
Identificar dados governamentais sobre a história da localidade (rua, bairro e município): fundação, origem do nome, símbolos e serviços públicos municipais, localização geográfica e extensão territorial, população, produção econômica e aspectos socioculturais.	Elencar os aspectos econômicos do município, destacando as empresas importantes no seu desenvolvimento.
Identificar os fatos históricos e/ou as práticas sociais que dão significado aos patrimônios culturais, identificados na localidade , bem como os seus vultos históricos, diferenciando a cultural material da imaterial.	Reconhecer os problemas ambientais existentes em sua comunidade e as ações básicas para a proteção e preservação do ambiente e sua relação com a qualidade de vida e saúde.

História 4º Ano	Geografia 4º Ano
Construir a sua identidade como sujeito individual e coletivo, por meio do desenvolvimento do conceito de cidadania (preservação do patrimônio, importância do voto, educação para o trânsito, respeito ao meio ambiente, etc.).	Identificar as razões e os processos pelos quais a sociedade transforma a natureza e seus recursos, observando as formas de apropriação destes (Ex: agricultura, pesca, comércio, estradas, construções, etc.).

FONTE: SMEd - Tabela elaborada pela pesquisadora. Grifos da pesquisadora.

As orientações visam dar suporte às professoras para que elas possam auxiliar as crianças a se localizarem no tempo-espaço local e regional e o seu papel na mesma, criando um olhar crítico e analítico referente às questões complexas que as cercam, estabelecendo conexões entre as informações recebidas na escola e as de outros lugares vividos.

O respaldo a um ensino contextualizado encontra um forte aliado em Paulo Freire (2001), pois podemos perceber o quanto o professor, ao trazer para o contexto da sala de aula a *leitura de mundo* da criança, proporciona a esta superação, respeito e uma cumplicidade

Sem bater fisicamente no educando o professor pode golpeá-lo, impor-lhe desgostos e prejudicá-lo no processo de sua aprendizagem. A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento. [...] Respeitar a leitura de mundo, do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção de conhecimento. (FREIRE, 2001 p. 138-139).

A leitura de mundo ao qual se refere o autor pressupõe um ser professor, que considera o contexto no qual a educação se passa, desde as condições precárias das escolas, a falta de incentivo e valorização da profissão, a falta de investimentos na própria educação e faz com que todo dia tenha que lutar não só pelos seus direitos, mas também pelos direitos de seus alunos, sejam crianças ou jovens.

PARTE V

5 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

5.1 Sobre os procedimentos da investigação

As análises, a seguir foram feitas no ano letivo de 2017 e tiveram os dados coletados no segundo semestre de 2016. Como forma de organização, descreveremos segundo o instrumento utilizado com a respectiva análise correspondente às questões levantadas. Com isso elencamos sete categorias especificadas de A a H como análise dos materiais que foram admitidos para realizarmos a inferência a seguir descritos.

Para construí-las catalogamos os materiais didáticos disponibilizados pelas professoras, os classificamos segundo a tipologia, lemos e analisamos os materiais capturados pelos instrumentos investigativos como o questionário e o registro de notas. Em cotejo com nossos objetivos e problemas de pesquisa, realizamos as análises que serão descritas na sequência.

5.1.1 *Questionário aberto, registro de notas e material didático*

A. Escolas, localização e primeiras aproximações

Como já mencionado, esta investigação contou com seis escolas da rede municipal de ensino em Rio Grande e com oito professoras parceiras, sendo que três são lotadas na Escola Mercúrio e nas demais escolas uma professora representou cada instituição.

Com o auxílio do questionário que apresentava questões abertas (APÊNDICE III), e do registro de notas (LUDKE e ANDRÉ, 1986), como mencionado anteriormente, foi possível conhecer um pouco sobre as professoras parceiras que fizeram parte desta investigação, e os dados aqui abordados foram apresentados por elas e nos ajudaram a compor o relatório final. Vale destacar que na ocasião, optamos em não interferir e tão pouco induzir, possíveis respostas das professoras, com isso em alguns momentos algumas informações ficaram vagas, visto que as respostas foram escritas, deixando muitas vezes escapar detalhes para compor nossa escrita final.

A primeira visita ocorreu no dia 20 outubro de 2016, na escola Mercúrio, localizada no bairro Frederico Ernesto Buchholz em Rio Grande, RS. Antes de conhecer as professoras parceiras fui atendida pela coordenadora da escola e foi neste momento que descobri que as três professoras do 4º ano desejavam conversar comigo, já que faziam os roteiros de trabalho juntas e com isso explicar como era o processo do planejamento delas. Antes de começarmos, de fato, foi lida para as professoras a proposta da pesquisa. Nossa conversa durou, em média, uma hora, e durante esse período as professoras, ao mesmo tempo, que respondiam ao questionário, teciam comentários sobre seus processos em sala de aula e como os articulavam com o tema *Cidade e o quanto é difícil falar sobre a cidade, pois não há material oficial, e através dos passeios podemos juntar prática com a teoria*, conforme relataram durante a conversa.

A segunda visita ocorreu na escola Vênus, que está localizada no bairro Cassino, Rio Grande, RS. No início da conversa, foi lida a proposta da pesquisa e após o término da leitura a professora pediu licença para mostrar para sua coordenadora a referida proposta bem como a autorização de participação. A professora também explicou que era a primeira vez que atuava com o 4º ano do ensino fundamental.

Na Escola Marte, as visitas ocorreram nos dias 19 e 25 outubro de 2016. Havíamos combinado com a professora para o dia 19 de outubro, mas chegando lá e em contato com esta professora, ela considerou que não estava apta para fazer parte da pesquisa, pois estava atuando em uma turma de 1º ano e não estava trabalhando com o tema Cidade, logo indicou outro professor, mas o mesmo não mostrou interesse em participar. Com isso, a direção interveio e entrou em contato, via telefone, com outra professora, nossa parceira, explicando sobre a proposta e se gostaria de participar. A partir disto, no dia 25 outubro de 2016 no bairro Vila Santa Rosa, sede provisória³³ da escola ocorreu a terceira visita. Na ocasião, a professora explicou como funcionava a escola, com isso soubemos que é uma escola de tempo integral e vai ao encontro da Escola da Ponte³⁴, que organizam o período escolar em blocos de iniciação³⁵ e blocos de consolidação³⁶, como relatou a professora *Kastra*. A consolidação 1 é destinada

³³ Um novo prédio está sendo construído na Estrada Roberto Socoowski.

³⁴ Escola da Ponte é uma proposta de ensino pautada na democracia e na educação inclusiva em Portugal.

³⁵ Bloco de Iniciação *consiste em acolher os educandos que estão no estágio da alfabetização, onde os educandos adquirirão as atitudes e competências básicas que lhes permitam integrar-se de uma forma equilibrada na comunidade escolar e trabalhar em autonomia no quadro de uma gestão responsável de tempos, espaços e aprendizagem.* FONTE: Regimento da escola Marte.

³⁶ Bloco Consolidação *é o espaço onde o educando sedimenta seus conhecimentos e está com mais autonomia, direcionando-se para atividades planejadas, conforme suas necessidades e potencialidades, refletindo sempre sobre o seu aprendizado e suas atitudes.* FONTE: Regimento da escola Marte.

para os alunos do 3º ano do ensino fundamental, a consolidação 2 é destinada para os alunos do 4º ano do ensino fundamental e a consolidação 3 para os alunos do 5º ano.

Cabe salientar que a nossa rede municipal de ensino trabalha com a proposta de ciclos³⁷, mas a escola Marte por ser inspirada na Escola da Ponte tem esse respaldo de trabalhar com blocos de iniciação e consolidação. Com isso, os jovens da escola estudam o tema Cidade na consolidação 2, apesar da professora defender o ensino desse conteúdo em todos os anos, segundo relatou no questionário.

A visita na escola Júpiter, localizada no bairro Centro, Rio Grande, RS ocorreu no dia 27 de outubro de 2016 e na ocasião a visita acabou sendo mais rápida que as anteriores, a proposta foi lida e o questionário respondido. A professora explicou sobre a necessidade em adaptar os materiais didáticos, posto se tratar de jovens cegos ou com grande dificuldade para enxergar, o quanto o uso dos textos tradicionais (que na ocasião eram dois jovens entre 14/16 anos), não significavam tanto. Além do mais sua intenção era desenvolver a localização espacial, partindo do micro (bairro), com ajuda dos familiares até a localização da escola, bairros próximos, cidade, estado e país. A professora lamentou por não ter mais materiais didáticos para nos mostrar, porque ao final de cada trabalho ela devolvia à família dos jovens estudantes. Estes materiais, que foram disponibilizados para registros fotográficos (disponíveis no corpo da dissertação), nos ajudaram a entender como é a proposta da escola e da professora para ensinar sobre a cidade.

A professora *Electra* da escola Saturno nos recebeu no dia 24 novembro de 2016, e após a leitura da proposta, começou sua fala contextualizando seu amor pela cidade do Rio Grande, explicando que sua primeira experiência como professora ocorreu em outra cidade. E foi quando saiu de Rio Grande que começou a olhar para sua terra com outra perspectiva, com outro sentimento. Narrou que durante a semana morava em outra cidade para lecionar e retornava aos finais de semana para ver a família, e era justamente nesse trajeto fluvial, entre Rio Grande e São José do Norte³⁸ que ela via e percebia melhor sua cidade, e a partir desse movimento que ela decidiu abordá-la para estes jovens, despertando desde cedo esse sentimento de pertença, que para ela só lhe ocorreu quando saiu de sua terra.

Para finalizarmos nossa coleta de dados relativa aos questionários, a última escola a ser visitada foi a escola Netuno que ocorreu no dia 30 novembro de 2016, no bairro Miguel de

³⁷ A partir de 2014 o Ensino Fundamental foi reorganizado por ciclos e não mais séries, ou seja, o primeiro ciclo é destinado para o 1º, 2º e 3º ano, o segundo ciclo é destinado para o 4º, 5º e 6º ano e o terceiro ciclo para o 7º, 8º e 9º encerrando assim o ensino fundamental. Vale lembrar que o primeiro ciclo tem destaque por progressão continuada, não podendo assim haver retenção. Como já explicado em nota de rodapé de número 8 na página 23.

³⁸ As cidades são separadas pela Laguna dos Patos e o transporte entre elas é fluvial.

Castro Moreira. A professora *Lucida* optou em fazer a leitura da proposta e a responder ao questionário em sala de aula. Na ocasião a escola estava se direcionando para o final do ano letivo, por isso ela preferiu estar em sala de aula e foi assim que ocorreu nossa conversa, por questões pessoais, essa visita foi marcada e remarcada algumas vezes.

Vale ressaltar, que ao final de cada encontro, fazíamos registros fotográficos, considerando que nossas parceiras estavam utilizando os materiais didáticos em suas aulas, não podendo dispô-los fisicamente e, por isso, se fez necessário registros via fotografia. Salvo a escola Saturno que nos enviou seus arquivos por e-mail e a escola Netuno, pois a professora *Lucida*, não iria utilizar mais o material já que essa visita ocorreu nas semanas finais do ano letivo de 2016, logo, ela entregou seu acervo para fazermos uma fotocópia.

Com o auxílio dos questionários obtivemos informações importantes, acerca de nossas professoras parceiras, para que, a partir disto, pudéssemos compreender como são seus processos docentes e de planejamentos, seguem alguns apontamentos.

B. Tempo na carreira e carga horária

Na escola Mercúrio, contamos com três professoras na pesquisa porque fazem seus planos em conjunto, e todas possuem o curso de Magistério. São elas:

A professora *Adhara* possui graduação em Pedagogia e possui pós-graduação em Educação Escolar e Orientação Educacional. Trabalha na rede municipal há oito anos com uma carga horária de 40h semanais, sendo 20h na orientação da escola e as outras 20h como professora do 4º ano do Ensino Fundamental, sua turma tem 20 alunos, a professora sempre lecionou com esse adiantamento.

A professora *Mayara* também da escola Mercúrio, está cursando Licenciatura em Pedagogia e tem uma carga de 40h semanais sendo 20h como professora da Educação Infantil e 20h como docente do 4º ano. Há três anos trabalha na rede municipal, e sua turma conta com 20 alunos.

E a professora *Polaris* possui graduação em Matemática e é Mestre em Educação em Ciências, trabalha 60h semanais divididos em 20h na rede municipal, na rede estadual e na rede privada respectivamente. No município trabalha há dois anos, sua turma conta com 20 alunos e é sua primeira experiência com o 4º ano.

Na escola Vênus, a professora *Nashara* possui graduação em Pedagogia e pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado – AEE, e trabalha na rede municipal há

oito anos com uma carga horária de 40h semanais, e sua turma possui 24 alunos, sendo sua primeira experiência com o 4º ano.

Na escola Marte, a professora *Kastra* é formada em Artes Visuais e possui pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, trabalha na rede há 21 anos e tem uma carga horária de 40h semanais, sua turma possui 33 alunos e atua no 4º ano (consolidação 2), pela primeira vez. No período da pesquisa não conseguimos confirmar se ela fez ou não o curso Normal no Ensino Médio.

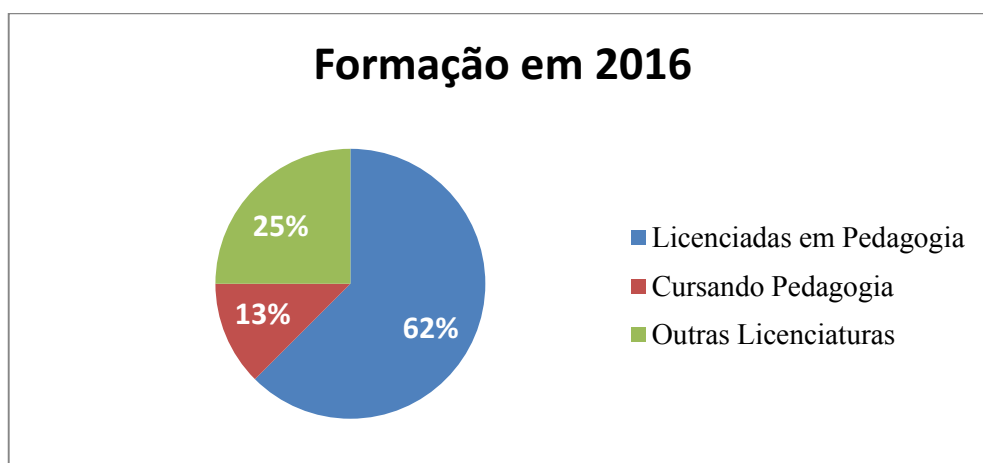
Na escola Júpiter a professora *Jih* é pedagoga e possui pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado – AEE, trabalha na rede há 32 anos e tem uma carga horária de 40h semanais. Leciona há quatro anos no 4º ano e possui dois alunos, ambos cegos congênitos.

Na escola Netuno, a professora *Lucida* é formada no curso de Pedagogia em Educação Infantil e Anos Iniciais e possui pós-graduação em Gestão em Orientação e Supervisão. Trabalha na rede há 10 anos com uma carga horária de 40h semanais divididos em duas escolas da rede municipal. Sua turma possui 20 alunos e há 10 anos trabalha com o 4º ano do Ensino Fundamental.

Na escola Saturno a professora *Electra* possui graduação em Pedagogia, pós-graduação em Alfabetização e Letramento e é Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Trabalha na rede básica de ensino municipal há cinco anos com uma carga de 40h semanais, há dois anos trabalha com o 3º ano e sua turma tem 17 alunos.

Considerando as informações contidas nos questionários foi possível elaborar alguns gráficos, a partir da análise de conteúdo, pautadas em Bardin (2012). No gráfico 1, baseados nas informações/dados sobre a formação de nossas professoras atestamos que

Gráfico 1: Formação acadêmica das professoras (2016)

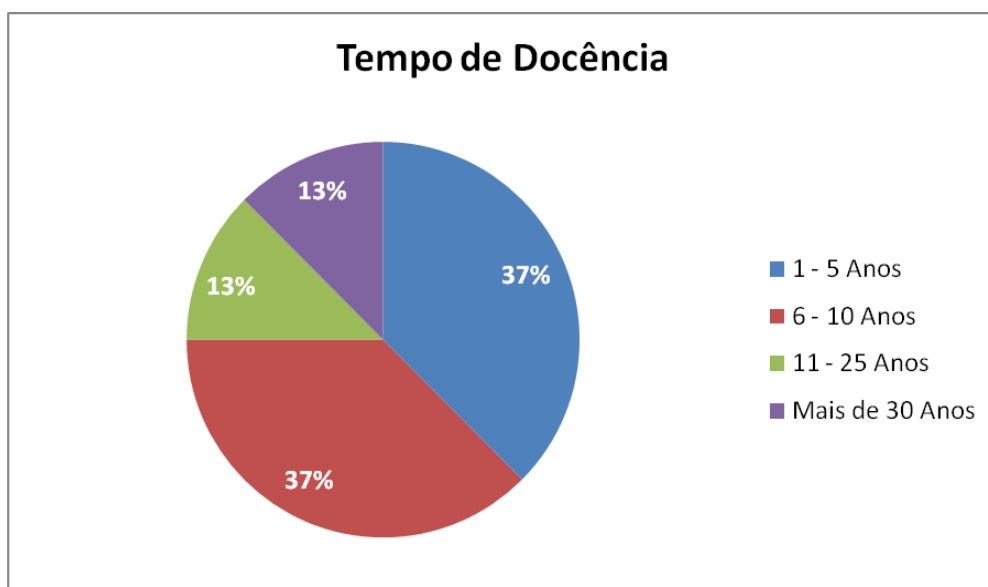


FONTE: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Essas informações referem-se ao quadro docente das professoras em 2016, logo, muitos dos dados se comparados a data final desta dissertação poderão estar alterados. Nossos dados, do período pesquisado, atestam que 62,5% das professoras são licenciadas em Pedagogia, 12,5% está cursando Licenciatura (corresponde a um sujeito apenas), e 25% possui outras licenciaturas, ou seja, a maioria possui a formação prevista na LDB art. 62, para atuação nos anos iniciais. Destacamos ainda que 87,5% possui pós-graduação em algum campo educativo.

Na sequência temos o gráfico 2 que elucida o tempo que nossas professoras trabalham no magistério

Gráfico 2: Tempo docência em sala de aula (2016)

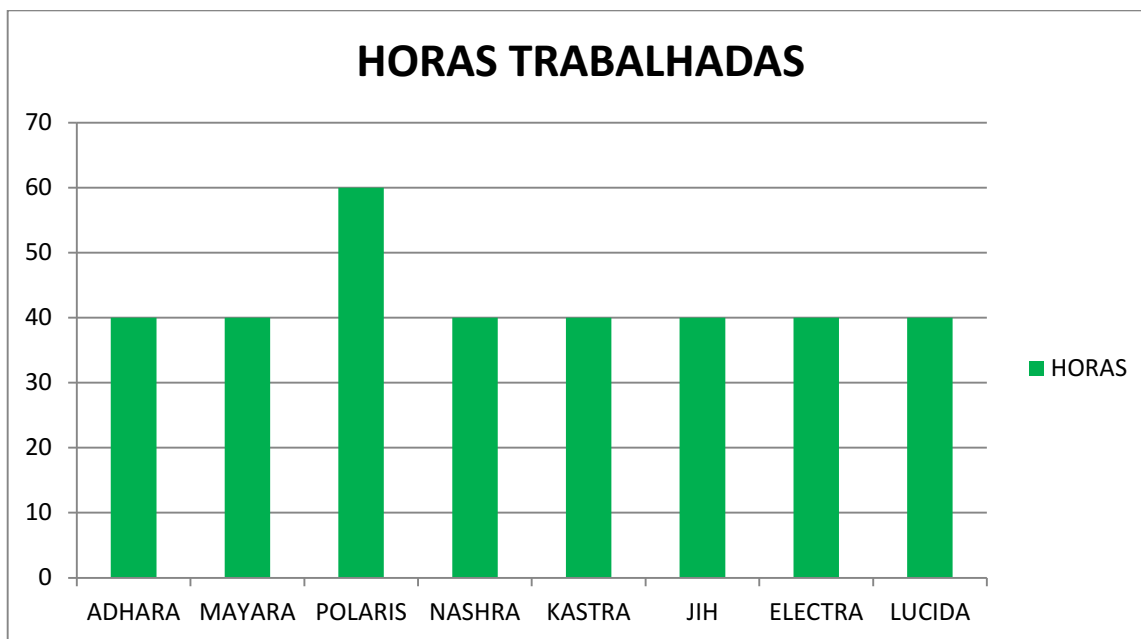


FONTE: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Como vimos no gráfico, nossas professoras possuem seu tempo de magistério entre dois (02) a trinta e dois (32) anos de atuação. O que denota que existem, professoras parceiras em início de carreira e ao mesmo tempo professoras com mais de duas décadas de atuação docente, mas a maioria, 74%, atua na profissão há até 10 anos. Sobre isso discorreremos que independente do tempo de docência há a “esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir [...]” (FREIRE, 2001, p. 80), visto que o ato de ensinar está atrelado a estas questões segundo o educador.

Já no gráfico 3, podemos identificar a carga horária que nossas professoras trabalham durante a semana

Gráfico 3: Carga horária semanal de trabalho na(s) escola(s)



FONTE: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Conforme os dados elencados anteriormente, constatamos que a carga horária das professoras são semelhantes, sendo que temos uma totalidade de 87,5%, correspondente a sete professoras, com 40h semanais e 12,5%, com 60h semanais, equivalente a apenas a professora *Polaris* da escola Mercúrio. Temos, portanto, uma carga horária elevada entre as professoras, visto que nenhuma delas trabalha menos que dois turnos, mesmo no caso de quem ainda está estudando.

C. Ano de ensino e conteúdos sobre a cidade

No questionário que foi entregue as professoras, haviam questões diretivas, para que pudéssemos perceber dados e/ou informações mais precisas junto às pesquisadas sobre o trabalho da cidade com as crianças. Nesse sentido, será abordado nas páginas que seguem detalhamentos mais específicos para tentarmos compreender as questões suleadoras da investigação, bem como, a problemática da pesquisa aqui apresentada.

No instrumento de coleta do material empírico, o primeiro questionamento foi sobre o ensino da cidade. O mesmo versava entre o ano que este tema/conteúdo era trabalhado no contexto escolar com as crianças. A tabela abaixo sintetiza as informações que foram prestadas pelas professoras no questionário sobre o período (ano), em que o ensino sobre a cidade costuma ocorrer, conforme na tabela 8 a seguir

Tabela 8: Quando ocorre o ensino sobre a cidade do Rio Grande

<i>Em que ano/s costuma/m ocorrer o ensino sobre a cidade do Rio Grande?</i>	
Escola Mercúrio	<i>“O ensino ocorre no 4º ano.”</i>
Escola Vênus	<i>“Costuma ser no 4º ano.”</i>
Escola Marte	<i>“A meu ver em todos os anos.”</i>
Escola Júpiter	<i>“No 3º ano.”</i>
Escola Saturno	<i>“O currículo do município e o currículo mínimo da escola colocam o ensino da cidade do Rio Grande no 4º ano, mas como sou Riograndina nata e tenho prazer de falar, de aprender sobre minha terra procuro sempre trazer para as aulas o meu Rio Grande, o Rio Grande através do meu olhar nos Projetos que desenvolvo no 3º ano.”</i>
Escola Netuno	<i>“4º ano.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

As professoras responderam que o ensino da cidade costuma ocorrer entre o 3º e o 4º do ensino fundamental, salvo a professora *Kastra* da escola Marte, que independentemente do período em que consta nos Programas escolares, considerando importante trabalhar sobre o tema em todos os anos, como explicado anteriormente.

Todas as professoras são cientes sobre o ensino da cidade como conteúdo programático, conforme na parte IV na página 56, desta dissertação, que tem como orientação os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s ou ainda as que regem o município, como mencionado na parte IV das páginas 56 a 64.

O ensino sobre a cidade, assim como pondera Francisco Alves (2013, p. 170), numa perspectiva de historiador da cidade do Rio Grande, possibilita uma interface entre o ensino, patrimônio e turismo, e completa ao dizer que se torna um documento material conhecer e registrar o passado, e que todas as sociedades estabelecem elos de continuidade ou de ruptura cultural em relação a esse passado (2013, p. 171), cabendo, muitas vezes ao professor estabelecer uma relação entre esse passado (através dos prédios históricos, das praças, das festas culturais, paisagens, etc), e o presente.

Pensando nessas abordagens sobre o ensino da cidade e o quanto as professoras concordaram em fazerem parte deste estudo, tivemos acesso aos “Projetos Políticos Pedagógicos – PPP” das escolas Mercúrio, Marte e Saturno e na escola Marte também tivemos acesso ao seu regimento escolar.

Ao consultarmos esses materiais, notamos que uma das escolas mencionou, sutilmente, o ensino da cidade

O espaço de aprendizagem não se restringe à escola, sendo proposta atividades que ocorram fora dela. Como passeios, excursões, teatro, cinema, visita a outros locais, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar. (Projeto Político Pedagógico - de uma das escolas parceiras).

Dentre os documentos que lemos, foi essa escola que trouxe esta perspectiva sobre o ensino da cidade, as demais trataram também de outros pontos, desde questões materiais das escolas, a seus quadros de funcionários, de alunos e a outras questões imateriais.

Como sabemos o ensino da cidade é conteúdo programático (ainda que não apareça especificamente com essa denominação), e nossas professoras especificaram que o ensino costuma ocorrer no 4º ano dos anos iniciais. Já a professora *Electra* explicitou que apesar do PME e do PPP da escola orientarem para esse ano letivo, justificou que mesmo atuando com o 3º ano trabalha esse conteúdo. Apesar dessa afirmação, ao lermos tanto o PME como o PPP da escola também não encontramos estas informações. Apesar de nossas parceiras, de certa forma, desconhecerem algumas informações contidas no PME, elas reconhecem a importância de estudar este tema.

Tabela 9: Os conteúdos que constam no programa escolar

<i>Quais conteúdos que geralmente constam no programa e/ou são trabalhados?</i>	
Escola Mercúrio	<i>“Fundação de Rio Grande, aspectos físicos, econômicos e geográficos, símbolos e pontos turísticos.”</i>
Escola Vênus	Não respondeu à pergunta sobre os conteúdos.
Escola Marte	<i>“Limites, fundação, zona rural e zona urbana, aspectos físicos, relevo, hidrografia, aspectos socioeconômicos, culturais, poderes e símbolos.”</i>
Escola Júpiter	<i>“Pontos turísticos, mapa da cidade, limites, fundação.”</i>
Escola Saturno	Não respondeu à pergunta sobre os conteúdos.
Escola Netuno	<i>“Localização, zona urbana e zona rural, o município e suas atividades, os meios de comunicação e transporte, os poderes públicos, os símbolos de Rio Grande, pontos turísticos, os eventos culturais.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Observamos que a ênfase recai sobre o município e não especificamente à cidade. Para as professoras *Adhara, Mayara, Polaris, Kastra, Jih* e *Lucida*, os conteúdos que constam no programa e precisam ser trabalhados são: Pontos Turísticos; Aspectos Físicos, Socioeconômicos e Geográficos (relevo, hidrografia); Símbolos; Limites (mapa da cidade); Fundação; Zona Rural e Zona Urbana; Poderes Públicos; Município e suas atividades; Meios de Transporte e Comunicação e Eventos Culturais. Destacamos que a professora *Nashra* da escola Vênus não mencionou objetivamente os conteúdos; indicou a área/componente

curricular (Geografia e História), e a professora *Electra* da escola Saturno destacou a metodologia de trabalho da escola (Pedagogia de Projetos). Logo, constatamos que 33,32% das escolas representadas não responderam a esta questão.

Ressaltamos que, ao ser mencionado “localização e/ou limites”, as mesmas fizeram referência a zona urbana ou rural com o objetivo de identificar suas diferenças. Além disso, nos chamou a atenção que nenhuma professora, além de *Jih* que parte do micro para o macro espaço, pois a escola trabalha com uma proposta de desenvolver a autonomia em seus jovens deficientes visuais ou cegos. A professora defende que para tal, eles precisam perceber seus espaços próximos para depois reconhecerem outros não tão explorados e/ou vivenciados pelos jovens. Mencionou trabalhar com o micro espaço, como a rua ou o bairro deles, pois é lá, provavelmente, que eles se percebem – ou não – como cidadãos, é lá que constroem seus lugares de afeto, singularidades e, complementamos que “praticam a cidade” (CERTEAU, 1998).

Logo, questionamos, se esses lugares da cidade, que muitas vezes são tidos como lugares marginalizados e não como praticados, são conteúdos trabalhados, ou continuam distantes da cidade que é apresentada na escola, pois como pondera Yi-Fu Tuan (2013, p. 12), “os lugares são centros aos quais atribuímos valor [...]”, sendo assim, como essas crianças podem atribuir valores a seus lugares se não são incentivadas a reconhecê-los como parte da cidade que é abordada/apresentada por suas professoras?

D. Materiais didáticos disponibilizados pela mantenedora

Uma das questões que buscamos levantar foi sobre aportes fornecidos pela mantenedora do Município para referendar o ensino da cidade. O questionamento suscitou respostas que divergem, embora a maioria tenha apontado a mesma réplica, conforme pode ser analisado na tabela 10 abaixo

Tabela 10: Sobre os materiais didáticos que são fornecidos pela Secretaria de Educação

<i>A Secretaria de Educação fornece algum tipo de material como suporte para o ensino sobre a cidade do Rio Grande? Qual/is?</i>	
Escola Mercúrio	“Não.”
Escola Vênus	“Não.”
Escola Marte	“Não.”
Escola Júpiter	“Não.”

<i>A Secretaria de Educação fornece algum tipo de material como suporte para o ensino sobre a cidade do Rio Grande? Qual/is?</i>	
Escola Saturno	<i>“Não, temos somente o ônibus do patrimônio histórico com 20 lugares, difícil de conseguir vaga na agenda e poucos lugares.”</i>
Escola Netuno	<i>“Sim, Caderno de Estudos Sociais - Cidade do Rio Grande.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora. (Grifo da pesquisadora).

Podemos observar que apenas a professora da escola Netuno informou que recebeu e/ou conhecia algum tipo de material didático disponibilizado pela Secretaria de Município da Educação. A mesma não nos informou o ano que esse material foi cedido ou confeccionado, mas ao lermos em sua capa nos chamou atenção que ele fazia referência aos “Estudos Sociais”. A denominação caiu em desuso desde meados dos anos 1990, devido a nova LDB, possibilitando que as áreas de Geografia e História pudessem ressurgir como conhecimentos autônomos e científicos.

A professora *Electra* citou o ônibus do patrimônio histórico do município como material didático, mas ele pode ser considerado como um aporte para coleta de dados, passeios e visitas, visto que as professoras da escola Mercúrio abordaram que os passeios ajudam as crianças a sintetizarem sobre o conteúdo estudado em sala de aula acerca da cidade.

A professora *Lucida* foi a única entre as pesquisadas que afirmou ter recebido material didático, as demais professoras informaram que não receberam nenhum tipo de suporte didático fornecido pela Secretaria de Município da Educação.

Torna-se importante relatar que, no primeiro semestre de 2016, esta pesquisadora, ainda definindo o projeto, procurou via *email* a referida Secretaria para solicitar dados para compor esta pesquisa e também procurou a Secretaria de Município da Cultura para conhecer outros possíveis materiais didáticos. Na ocasião fui encaminhada para a Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer, pois seria a responsável pela produção/divulgação dos materiais.

Numa conversa informal, foi relatado pela secretária e turismóloga da época, que todas as escolas haviam recebido material didático sobre a cidade do Rio Grande. A informante afirmou que de 2009 a 2015 foi oferecido a algumas escolas (por meio de sorteio), um curso de formação, com duração de cinco encontros, contendo palestras sobre a cidade na perspectiva turística. Eram ministrados pela própria secretária e tinha como principal objetivo discernir sobre a importância do turismo, fortalecendo assim, a atividade turística local, mas por falta de verba o projeto foi cancelado. Afirmou ainda que todas as escolas municipais possuíam no acervo da sua biblioteca o material titulado de “Apostila – Um olhar Turístico sobre Rio Grande”, e com o mesmo título um caderno de exercícios. Junto a esse material, as professoras

participantes da formação teriam recebido um livro digital, produzido em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, através do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, titulado “Patrimônio, Ambiente e Ensino em Rio Grande: elementos para interpretação e valorização dos bens culturais”, volume 3. Naquele ano (2015), o curso teria ocorrido na mesma época em que a cidade do Rio Grande comemorava a I Semana Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande.

A professora *Lucida* nos confirmou que recebeu tal material da mantenedora, mas cabe relatar que o material que ela utiliza em sala de aula não é o mesmo que a Secretaria citada acima relatou.

Na sequência, podemos identificar através das imagens 6 e 7 esses materiais, apesar da apostila estar com data de 2014, a formação que *Electra* participou ocorreu em 2015, estes volumes foram fornecidos pela própria professora, fazendo parte de seu acervo pessoal.

Imagem 6: Materiais didáticos disponibilizados pela Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer



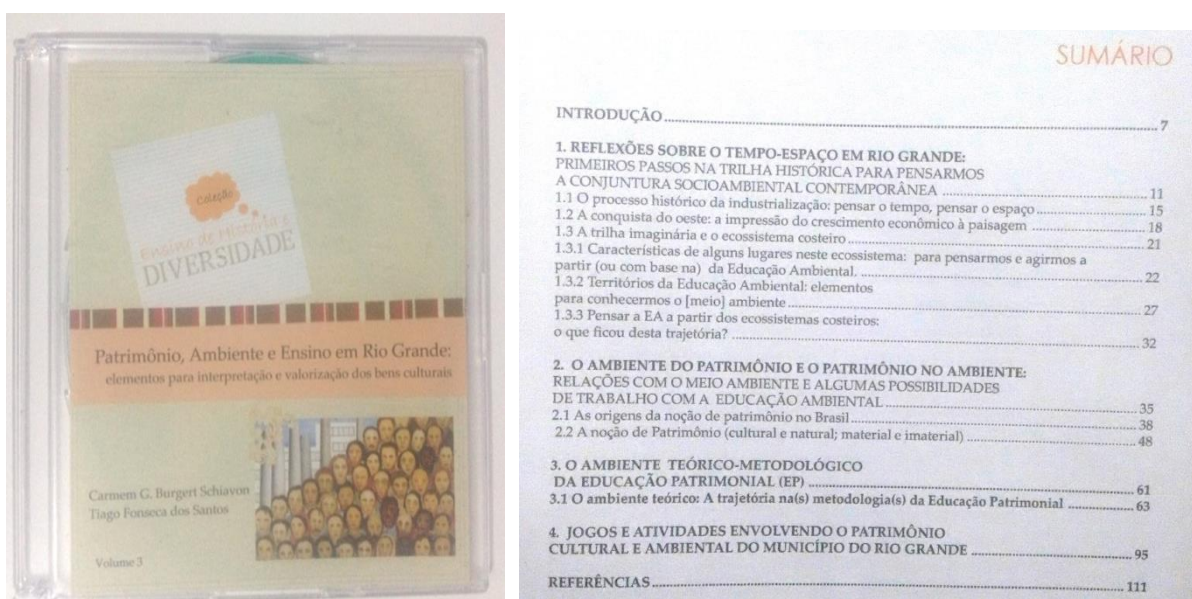
FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Através da imagem 6, podemos afirmar que, de fato, este material didático existiu tendo um teor focado na cidade turística (a julgar pelo seu título), e os responsáveis pela sua produção

são formados pela coordenação da Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer. Ratificamos, entretanto, ele não foi mencionado entre os suportes didáticos recebidos pelas demais professoras das escolas da rede municipal pesquisadas.

Já o outro material mencionado, foi disponibilizado em formato digital – DVD – *Digital Versatile Disc*, que vem a ser um livro sobre o patrimônio, ambiente e ensino, que na imagem sete, à esquerda, podemos visualizar sua capa e à direita encontramos o sumário que segue: Introdução; Reflexões sobre o tempo-espaço em Rio Grande: Primeiros passos na trilha histórica para pensarmos; A conjuntura socioambiental contemporânea; O processo histórico da industrialização: pensar o tempo, pensar o espaço; A conquista do oeste: a impressão do crescimento econômico à paisagem; A trilha imaginária e o ecossistema costeiro; Características de alguns lugares neste ecossistema: para pensarmos e agirmos a partir (ou com base na), da educação ambiental; Territórios da educação ambiental: elementos para conhecermos o [meio] ambiente; Pensar a EA a partir dos ecossistemas costeiros: O que ficou desta trajetória?; O ambiente do patrimônio e o patrimônio no ambiente: Relações com o meio ambiente e algumas possibilidades de trabalho com a Educação Ambiental; As origens da noção de patrimônio no Brasil; A noção de patrimônio (cultural e natural; material e imaterial); O ambiente teórico-metodológico da Educação Patrimonial (EP); O ambiente teórico: a trajetória na(s) metodologia(s) da educação patrimonial jogos e atividades envolvendo o patrimônio; Cultural e ambiental do município do Rio Grande; Referências.

Imagem 7: Livro digital e sumário



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Esse livro foi titulado de “Patrimônio, Ambiente e Ensino em Rio Grande – elementos para interpretação e valorização dos bens culturais”, autoria de Carmem Gessilda Burgert Schiavon e Tiago Fonseca dos Santos, sendo presenteado para as professoras da rede municipal que participaram do curso de extensão, e também existe em formato impresso.

Este material, como seus autores mencionam na obra, não deve ser considerado como apoio pedagógico mecanicista ou prescritivo, mas, sim, como um conjunto de sugestões sobre a valorização do patrimônio e do meio ambiente em Rio Grande

Todavia, destacamos que as atividades propostas não constituem uma proposta fechada, mecânica, ou seja, não há "receita de bolo", muito menos a indicação de trabalhos isolados. As sugestões apresentadas visam o desenvolvimento de um trabalho integrado, voltado à valorização do patrimônio da cidade do Rio Grande. [...] Vale lembrar que não pretendemos - de forma alguma – apresentar uma "caixa-preta", com soluções acabadas, exóticas e extemporâneas, mas, sim, convidar vocês para que se permitam investigar possibilidades em educação, desde nosso ecossistema, nosso patrimônio cultural local. (SCHIAVON e SANTOS, 2013, p. 9-10).

Podemos considerar que esse pode ser um material didático ainda inexplorado, pois, pelo que sabemos, apenas uma das professoras parceiras participou da formação mencionada e o recebeu. O registro fotográfico desse material só foi possível, porque a professora *Electra* nossa professora parceira, no mês de agosto de 2015, participou da “I Semana Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande”, uma realização da Prefeitura Municipal do Rio Grande, Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer - SMTEL, Secretaria de Município da Educação do Rio Grande – SMEd, Secretaria de Município da Cultura – SeCult, do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, do Centro de Documentação Histórica da Universidade Federal do Rio Grande - CDH e do Instituto de Arquitetos do Brasil – Núcleo Cidade do Rio Grande.

Para finalizar essa Semana comemorativa que ocorreu paralela ao evento, aconteceu um concurso cultural “Olhares sob o Patrimônio do Rio Grande”, segundo consta no edital

[...] as turmas de quartos anos das escolas da rede municipal de ensino, cujos professores que participaram das atividades da semana e receberam o material didático, poderão, a partir disso, desenvolverem junto aos alunos atividades didáticas que abordem o patrimônio municipal³⁹. (RIO GRANDE, Prefeitura Municipal, 2015, p. 1)

³⁹ Disponível em:

http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/arquivos/noticia_arquivo/programacao_semana_do_patrimonio!.pdf.

Acesso em: 15 novembro de 2017.

Esse edital, ainda encontra-se disponível para acesso *online* e podemos ratificar a informação da professora *Electra* de que todos os “professores da rede pública de ensino e demais interessados pela temática”, estavam convidados e aptos para a inscrição, sendo ela de cunho gratuito.

O referido concurso voltado para às crianças das escolas participantes foi dividido em duas categorias, texto ou desenho; nesta última categoria uma das alunas da professora *Electra* teve premiado um desenho alusivo à imagem de Iemanjá⁴⁰, e em decorrência a isso, a professora foi homenageada com uma placa grafada de “Amiga do Patrimônio Histórico”. Mesmo com sua participação no evento e empenho em envolver as crianças na atividade, pelo que entendemos não considera o material didático fornecido suficiente para falar da cidade, tanto que nem o citou durante a coleta do material empírico.

A minoria, das professoras investigadas, teve acesso a esse material ou a outros que abordam um estudo acerca da cidade, de uma história que ressignifique a memória de um povo, de um tempo, como Alves discorre (2013, p. 196-197), que “a historicidade faz parte de um processo epistemológico e espelha a produção intelectual, política, social e cultural de um certo momento do passado”, visto que “os homens a refazem continuamente partindo da organização material de uma determinada sociedade”.

E. Fontes e materiais didáticos utilizados em sala de aula

Este item do questionário ensejou identificar as fontes e os materiais didáticos que as professoras utilizam em sala de aula, no ensino da cidade para/com as crianças dos anos iniciais. O professor é um ser curioso e está em constante pesquisa, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2001, p. 32), e abordamos então o que nossas professoras fazem nesse processo de pesquisa. Muitas foram as respostas, como a tabela 11 apresenta a seguir

⁴⁰ A imagem de Iemanjá encontra-se no Balneário do Cassino e é um ponto turístico edificado como forma de homenagem as pessoas que creem no Orixá. Trata-se da escultura “Rainha do Mar”, do escultor riograndino Érico Gobbi. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+566f..estatua-de-iemanja.html> Acesso: 02 novembro de 2017.

Tabela 11: Sobre as fontes e materiais que são selecionados e utilizados

<i>Costuma utilizar outras fontes/materiais? Quais? Como são utilizados? Como são selecionados?</i>	
Escola Mercúrio	<i>“Sim. Apostilas, folders, vídeos, passeios e pesquisas/apresentação de trabalhos.”</i>
Escola Vênus	<i>“Sim. Jornais, internet. São selecionadas conforme os conteúdos.”</i>
Escola Marte	<i>“Sim. Conteúdo de internet, livros, filmes, passeios, iniciamos pelo Turismo para falar da fundação, em conformidade com as condições oferecidas.”</i>
Escola Júpiter	<i>“Sim. Materiais adaptados (em alto relevo) utilizando barbante, tinta relevo, cartona, papelão.”</i>
Escola Saturno	<i>“Sim, internet, aula passeio, visita para pesquisar e construir o material da sala de aula, vídeos, textos coletivos através de vivências, cópia e cola de sites da internet, produção de textos informativos para os alunos.”</i>
Escola Netuno	<i>“Pesquisas, passeios de campo.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora. (Grifos da pesquisadora).

O quadro sintetiza respostas que, por vezes, misturam fontes, materiais didáticos e metodologias, que talvez signifiquem um todo para as professoras. Nesta investigação, entretanto, faremos distinções entre eles e destacaremos especialmente as fontes e os materiais didáticos apontados. Sendo assim, optamos em manter os grifos, visto que os “passeios”, “aulas passeio” ou “passeios de campo”, conforme dizem não são considerados materiais didáticos, mas, sim, um aporte metodológico.

As professoras *Adhara*, *Mayara* e *Polaris* da escola Mercúrio citaram outras fontes de consulta na construção dos seus materiais didáticos sobre a cidade que foram apostilas e *folders* turísticos; as escolas Mercúrio, Saturno e Netuno citaram também a “pesquisa” como material didático, que é uma metodologia de ensino, entretanto não informaram o tipo de pesquisa (bibliográfica, documental, etc.), e nem a/s fonte/s utilizadas.

Complementando, as professoras das escolas Mercúrio, Vênus, Marte e Saturno citaram os objetos virtuais de aprendizagem – OVA’s⁴¹, desde o uso de vídeos do *youtube*, há textos informativos *online*, filmes e o próprio *Google*, mas somente a professora *Electra* nos informou que o vídeo⁴² titulado como “Rio Grande-RS” foi utilizado para contextualizar com o conteúdo em sala de aula.

⁴¹ Objetos Virtuais de Aprendizagens – OVA’s “[...] são recursos digitais reutilizáveis que podem contribuir na aprendizagem de uma teia de conceitos ou teorias, e estimular o desenvolvimento da imaginação, da percepção e da criatividade através de atividades práticas”. (TAROUÇO et al, 2006, p. 147).

⁴² Vídeo utilizado pela professora *Electra*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6baRizt8MY>. Acesso em: 18 novembro de 2017.

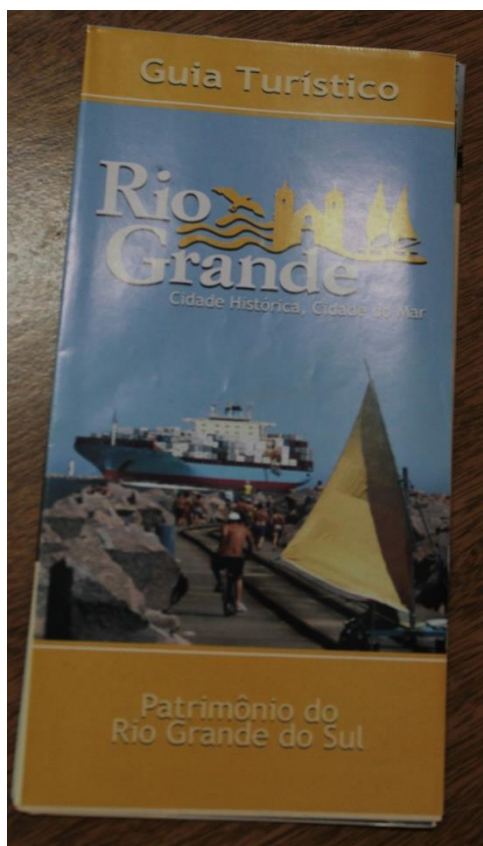
Na escola Mercúrio as professoras também citaram o uso de jornal (local), e livros (não especificaram quais), e para finalizar a professora *Jih*, da escola Júpiter citou os materiais com caráter adaptado, ou seja, construídos pelos e para eles, lembrando novamente que se trata de uma escola que acolhe deficientes visuais e cegos.

As apostilas utilizadas pelas professoras *Nashra* da escola Vênus e a professora *Lucida* da escola Netuno, foram elaboradas por outras colegas da rede municipal que acabaram sendo difundidas entre as docentes, não ficando, de fato, explícito sobre as autorias e o período de construção desses materiais. Conferimos que alguns dados estão desatualizados, mas segundo as duas professoras, são atualizados por elas, quando necessário. A professora *Lucida* afirmou que faz uso fielmente do “Caderno de Estudos Sociais”, e que não utiliza outro material didático, conforme relatado oralmente, no entanto, no questionário informou que utiliza “pesquisas e passeios de campo”, mostrando assim que complementa o ensino da sala de aula com atividades fora da escola, como iremos ver através de registros fotográficos fornecidos por ela em um passeio a Estação Ecológica do Taim⁴³ com as crianças.

Na escola Mercúrio, as professoras citaram o *folder* como material didático utilizado. O mesmo é titulado como “Guia Turístico”, normalmente disponibilizado em eventos ocorridos na cidade ou até pela Secretaria de Município de Turismo, Esporte e Lazer, e no material que nos foi fornecido não consta o ano e nem o número de tiragens. Nele existem informações referentes a pontos turísticos e históricos, algumas imagens da cidade como: Sobrado dos Azulejos, antiga Alfândega; Museu Sacro; Mausoléu Bento Gonçalves; antigo Quartel General; Pórtico de entrada da cidade; Igreja do Carmo; Eco-Museu; Praia do Cassino; Eco-Museu Ilha da Pólvora; Doca do Mercado Público; Catedral de São Pedro; Igreja do Salvador; Ilha dos Marinheiros; Museu Náutico; Museu do Porto, e na outra face do *folder*, encontramos o mapa da cidade, incluindo do bairro Cassino, onde se localiza o Balneário do Cassino e os endereços referentes aos pontos citados anteriormente. Podemos visualizá-lo na imagem 8

⁴³ É uma Estação ecológica localizada entre os municípios do Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, cujo principal objetivo é a proteção integral da fauna e flora nativa da região.

Imagem 8: Foto do *folder* turístico da cidade do Rio Grande⁴⁴



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Como já foi descrito, esse *folder* é de caráter turístico e logo, sua linguagem é voltada para tal finalidade, seus textos são curtos e possuem algumas imagens alusivas a locais considerados turísticos e históricos da cidade. Para as professoras ele serve de suporte para falar sobre/da cidade, segundo observamos.

A professora *Adhara* da escola Mercúrio fez uso de uma antiga agenda de natureza pessoal que versava sobre a cidade e também era voltada aos pontos turísticos do Rio Grande. Ela selecionou imagens desta agenda e as destacou para que pudesse utilizá-las em sala de aula visando compor seu acervo de materiais didáticos. Disponível na imagem 9 a seguir

⁴⁴ Imagem dos Molhes da Barra, Praia do Cassino, Rio Grande, RS.

Imagem 9: Imagem de excertos da agenda pessoal da professora *Adhara*



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Neste material não consta a fonte e nem o ano de publicação, mas estes desenhos foram feitos com a técnica aquarela em folha tamanho A5 e retratam, da esquerda para a direita, a Rua Henrique Pancada (que costeia a Laguna dos Patos), as Docas do Mercado Municipal e antiga Estação Ferroviária, todos considerados como locais turísticos, e que são parte da história e da geografia destacadas na cidade.

O jornal que serviu de consulta para as professoras da escola Mercúrio foi o *Agora*, o *Jornal do Sul*⁴⁵, que contribuiu com uma reportagem comemorativa aos 250 anos da cidade (datando de fevereiro 1987), que as professoras *Adhara*, *Mayara* e *Polaris* utilizaram para falar da cidade do Rio Grande. O jornal traz um caderno comemorativo e apresenta os “Transportes Coletivos da Década de 20 a 40” e “Praças e Jardins”, mas na cópia das professoras só constava um cronograma, através de fotos, datadas de 1900 a 1930 somente da Praça Tamandaré, localizada na parte central da cidade. Maiores informações e detalhes não puderam ser

⁴⁵ O jornal foi fundado em 1975 e enfatiza notícias locais e regionais. Disponível em: <https://jornalagora.com.br/o-jornal/> Acesso em: 02 novembro de 2017.

observados visto que nos foi apresentado uma fotocópia desse material e o original teria em torno de trinta anos, como podemos entrever a seguir

Imagem 10: Caderno comemorativo aos 250 anos do Rio Grande – Jornal Agora (1987)



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Estas imagens, apesar da baixa qualidade que obtivemos, são utilizadas, segundo a professora para que as crianças possam comparar como esses locais da cidade eram no período destacado e como as praças e jardins encontram-se atualmente, com a função de fazer um paralelo, provavelmente. Não sabemos, contudo se as crianças frequentam esses locais, o que pensam deles, se existem praças e jardins nas imediações de suas residências ou escolas, ou seja, qual a proximidade desses materiais com o contexto das crianças.

Devemos pensar, entretanto, que não são apenas alguns locais planejados para o centro das cidades que servem de referência na construção de nossas espacialidades. O pátio da casa e a rua onde brincamos, o colo de quem amamos, os lugares ‘secretos’ que adoramos desbravar, a árvore que suporta o balanço, a casa de amigos, etc. Dizem-nos que

Os espaços são formadores de nossa subjetividade. Não é possível constituirmo-nos como humanos se estamos situados em espaços-tempos, de onde, dialeticamente vamos geografizando-nos. É um processo que se inicia com a nossa entrada no mundo (no nascimento ou antes dele?), quando nos colocamos nos diferentes colos/ lugares que nos são oferecidos, no seio da mãe, no colo da avó, de um amigo; quando engatinhamos pelos cantos da casa; quando exploramos o universo de uma escola, de uma rua, da cidade. Existe, portanto, um contínuo movimento entre sociedade e sujeito, que faz com a nossa geografia esteja preñe de espaços, de territórios e lugares; que nos formaram e formam e que carregamos para o resto da sua vida. (LOPES, 2007, p. 52).

Estamos contribuindo e construindo a nossa geografia, pois é uma forma de estar no mundo, considerando que somos históricos e estamos, a todo momento, estabelecendo nossos lugares de afeto, fazendo e sendo história.

A *internet* também foi citada como fonte, mas não foi explicitado que tipo de pesquisas foram utilizadas usando-a como ferramenta digital e tampouco se as professoras usam esse OVA como uma forma de mediação pedagógica. Também na escola Mercúrio, as professoras mencionaram que deixam as crianças como protagonistas na construção/organização dos dados, para que posteriormente eles apresentem aos demais colegas as pesquisas que fizeram sobre a cidade do Rio Grande. Segundo as professoras, as crianças fazem a pesquisa fora do ambiente escolar e sem a supervisão delas, eles – as crianças – organizam seus materiais utilizando textos e informações extraídas, principalmente da *internet*, organizando cartazes em tamanho A1 para exposição de suas pesquisas.

A professora *Kastra* da escola Marte citou trabalhar com produção de textos, mas não mencionou se foram produzidos em conjunto ou somente por eles, e não vimos seus registros também.

As professoras *Nashra* da escola Vênus e *Lucida* da escola Netuno afirmaram que não produzem seus materiais didáticos, já que fazem uso fielmente, como elas disseram, de apostilas produzidas sobre a cidade. *Nashra* explicou que apesar de trabalhar a oito anos como professora, foi no ano letivo de 2016 sua primeira experiência com alunos do 4º ano, e sendo assim, ela optou em trabalhar com uma apostila produzida por outros professores e não adicionou outro material para falar sobre a cidade, segundo depôs. A apostila em questão tem um caráter positivista e traz Rio Grande através de um olhar histórico da oficialidade, físicos, turísticos e destaca as festividades da cidade. Este material é uma fotocópia, em que não foi possível identificar o ano que foi elaborado/organizado. Observando o sumário, constatamos que a apostila apresenta sessenta e sete páginas, mas a fotocópia que obtivemos compõe sessenta e quatro páginas; também não foi possível identificar sua capa original. O material é

composto por mini textos e exercícios alusivos ao conteúdo, algumas fotos são apresentadas para ilustrar e/ou referenciar o local, e não são datadas.

A professora *Lucida* trabalha com o 4º ano há dez (10) anos e relatou que faz uso fiel de apostila também. A seguir, na tabela 12, podemos identificar o sumário de cada apostila, que são utilizadas por nossas professoras

Tabela 12: Sumário das apostilas utilizadas

Escola Vênus – “Município do Rio Grande: Aspectos Históricos e Geográficos”	Escola Netuno – “Caderno de Estudos Sociais – A cidade do Rio Grande”
<p>Destaques do nosso Município; Um pouco da história do nosso município; Fundação do Presídio do Rio Grande de São Pedro; Os primeiros habitantes; Os Açorianos; A Escravidão; A vila do Rio Grande na época da Independência; elevação da vila à categoria de Rio Grande; Rio Grande – Passado e Presente; Pessoas importantes da história do Rio Grande; Como podemos nos orientar; Localização; Área e Limites; Aspectos Físicos; Hidrografia, Clima e Vegetação; Distritos; Praia do Cassino; Ilha dos Marinheiros; Povo Novo; Taim; Quinta; População; Recursos Naturais; Agricultura; Pecuária; Pesca; Complexo Portuário; Indústria; comércio; Transporte; Comunicação; Atividades Sociais e Militares; atividades Religiosas; Símbolos do Município; Poderes que Governam o Município; Serviços Públicos existentes no Município; Pontos Turísticos e Festividades.</p>	<p>E tudo começou assim/Localização; Zona Urbana e Rural; O município e suas atividades; Os meios de Comunicação e Transporte; Os poderes públicos; Os símbolos de Rio Grande; Os pontos turísticos, Os eventos Culturais; Destaques históricos do município; Glossário e Bibliografia (não consta – observação da pesquisadora).</p>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Como podemos perceber através da tabela 12, a cidade apresentada às crianças do ensino fundamental neste caso, parte de uma cidade positivista e abstrata, pois as pessoas “ordinárias” (CERTEAU, 1998), e seus quefazeres não são contemplados ou parte de uma cidade turística, focada em classificações generalistas e pontos turísticos que necessitam de cuidado na hora de “apresentar” aos pequenos, sob pena de pouco ou nada lhes dizerem. A apostila também contém exercícios sobre o conteúdo abordado numa perspectiva tecnicista, onde o professor, como Paulo Freire refletiu, apenas transfere o conhecimento (2001, p. 52), fazendo referência ao ensino bancário.

Na imagem 11 podemos ver exemplos acerca dos exercícios encontrados na apostila

Imagem 11: Exercícios da apostila: Caderno de Estudos Sociais – A cidade do Rio Grande

Atividades

1) Escreve (V) para as frases verdadeiras e (F) para as falsas:

- () Vieira é o nome de um rio de nosso município.
- () O Oceano Atlântico localiza-se a Leste de Rio Grande.
- () Rio Grande é um dos maiores municípios de Santa Catarina.
- () O terreno de nossa cidade é alongado.

2) Observa o mapa de Rio Grande e localiza:

-Os municípios de Arroio Grande, Santa Vitória do Palmar, o 3º e 4º Distrito de Rio Grande.

Fonte: jornal Agora Edição Comemorativa aos 250 anos da cidade.
O bonde, transporte coletivo utilizado em Rio grande na década de 30.

Rio Grande possui um aeroporto chamado Comandante Gustavo Cramer e está localizado na Avenida Alameda Unigui s/nº no bairro Vieira, distante a 8 km do centro da cidade.

O nosso Superporto é a única saída Marítima do estado gaúcho. Constituído pelo Porto Velho, Porto Novo e Superporto, exerce dupla importância: através dele realizamos a exportação e a importação de produtos e insumos.

Atividades

1) Escreve uma frase para cada um dos meios de transporte que aparece acima.

.....

.....

.....

FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Estes exercícios foram extraídos da apostila e podem ser encontrados, respectivamente, nas páginas 8 e 20, através deles evidenciamos uma abordagem, como já mencionamos, tecnicista onde a criança é estimulada a reproduzir o conteúdo, numa prática em que ela copia e pouco reflete sobre o assunto. Outro ponto que destacamos, é a qualidade do mapa, a professora *Lucida* trabalha com uma fotocópia e é com essa imagem cartográfica que as crianças têm contato sobre a representação da cidade. Logo questionamos, essa é a Rio Grande que eles conhecem? Essa é a cidade que eles praticam e vivenciam no dia-a-dia? Através dessa imagem, é possível reconhecê-la? Sobre isso não temos como constatar...

Na fotocópia de *Lucida* não consta a bibliografia, e a professora acrescentou à mesma, três desenhos de um chargista local abordando os locais: Catedral de São Pedro⁴⁶, Estação Ecológica do Taim e Molhes da Barra. Os desenhos estão à parte da apostila e não estão datados, foram incluídos na fotocópia para que as crianças o pintassem.

⁴⁶ Primeira Paróquia do Rio Grande do Sul pertencente a Diocese do Rio Janeiro/RJ. Em 1756 a Matriz de São Pedro inicia sua vida paroquial com a administração dos Sacramentos. Disponível em: <<http://www.catedraldesaopedro.com.br/site/>> Acesso em 22 Janeiro de 2018.

A professora *Kastra*, informou não utilizar livro(s) didático(s), e mostrou os exemplares que a escola disponibiliza. Segundo ela, os professores optaram em não usá-los, pois entendem que os livros não retratam a cidade do Rio Grande, mas, sim, o estado do Rio Grande do Sul, mas comentaram que, ao elaborarem o roteiro eles serviram de aporte para pesquisa. Sobre o roteiro de aprendizagem, a professora informou que eles são elaborados pela equipe pedagógica da escola e tem como objetivo traçar questões comuns aos PCN's e a proposta da escola da Ponte. Quando tivemos acesso ao PPP da escola, constatamos que ela trabalha com “Projetos de Aprendizagem” e “Roteiros Temáticos”. As imagens seguintes são dos livros que a escola Marte possui em seu acervo

Imagem 12: Livros do PNLD fornecidos pela mantenedora na Escola Marte



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Esta imagem serve para elucidar que os livros didáticos estão disponíveis na escola e foram distribuídos pela SMEd, para o ano letivo referente a 2016, 2017 e 2018, salvo o exemplar de História que era referente a 2013, 2014 e 2015. Apesar disso podemos constatar que são livros atualizados e com isso questionamos: Se eles realmente não são bons, porque os professores os usaram para compor o roteiro de aprendizagem da escola? Qual será o destino desses livros? As crianças não terão acesso a eles? Será que não possuem nenhum conteúdo que possa ser contextualizado pelas professoras em sala de aula? Ficam aqui nossas interrogações...

As professoras da escola Mercúrio também citaram uma apostila, de autoria de Maria de Lourdes da Rocha Piragine, e esta é utilizada por elas como um dos suportes didáticos, sendo datada em 1992 e é considerada como um informativo turístico, já que sua edição é

comemorativa a III Festa do Mar, que é um evento local que apresenta artesanato riograndino, além da culinária regional, tendo shows de cantores locais, entre outras atrações. Abaixo podemos identificar esta apostila

Imagem 13: Apostila informativa – Escola Mercúrio



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

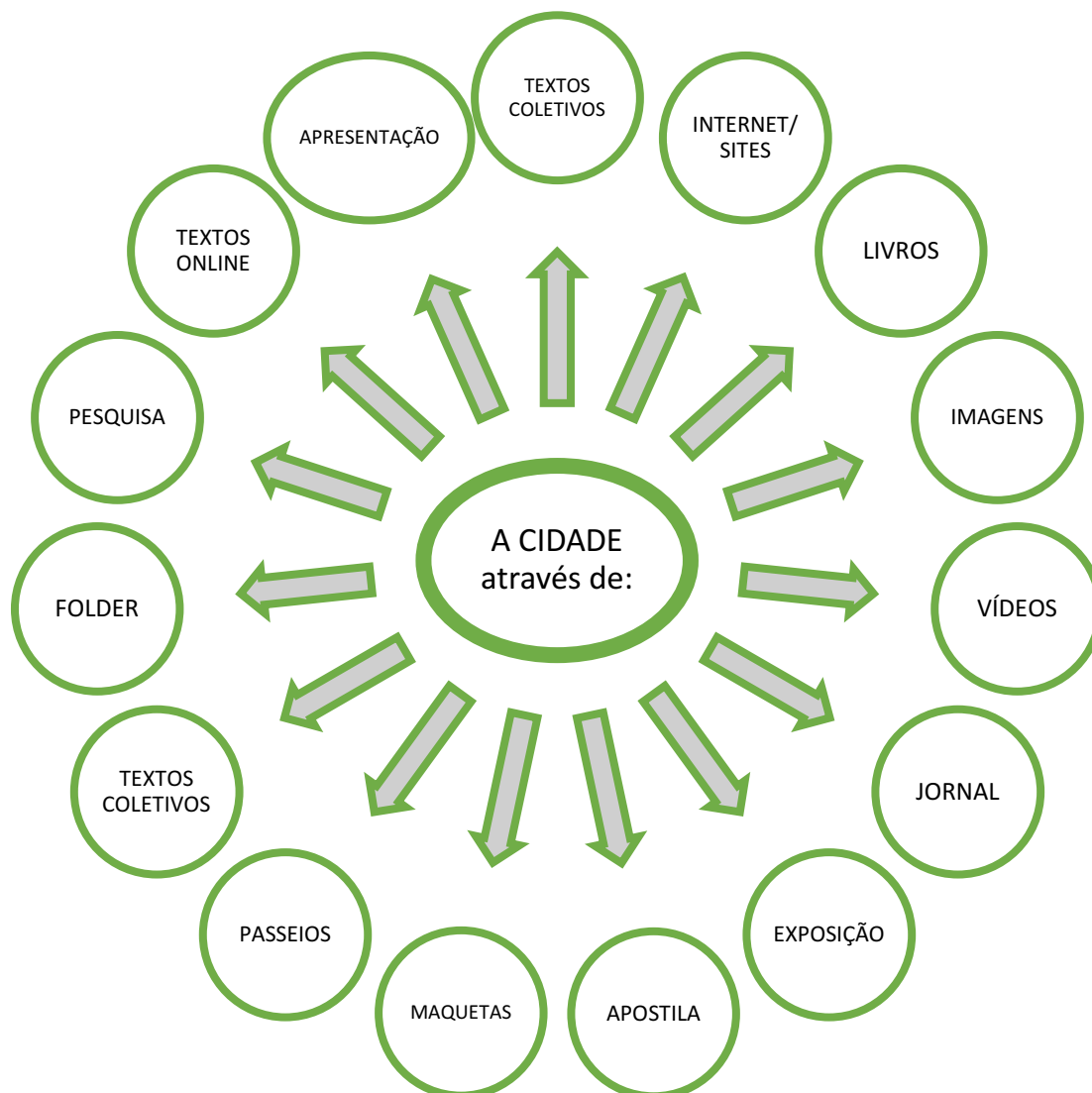
Este material aborda os tradicionais pontos turísticos e históricos do Rio Grande de A a Z, como o próprio título traz; é uma apostila com medidas de A5 e com micro textos informativos sobre o local e com imagens ilustrativas. Ao olharmos para esse material percebemos que ele tem uma abordagem que permite à criança se colocar mais próxima da cidade que pratica, através dos exercícios que possibilitam à criança se perceber nessa cidade: *desenha como tu achas que era tua cidade na época em que foi construída a Alfândega* ou *faz uma visita à biblioteca da tua escola e escreve que tipos de livros ela possui*, entre outros exemplos que favorecem um outro olhar para a cidade. Apesar da apostila trazer essa proposta, não sabemos até que ponto as professoras da escola Mercúrio a utilizam, porque as mesmas nos citaram este material, mas em nenhum momento comentaram como o abordam em sala de aula.

Sobre os passeios pela cidade, é disponibilizado o ônibus escolar da prefeitura, conforme informações das professoras *Adhara*, *Mayara*, *Polaris* (Escola Mercúrio), *Kastra* (Escola Marte), *Electra* (Escola Saturno), *Nashra* (Escola Vênus) e a professora *Lucida* (Escola Netuno), e tendo o roteiro como escolha da docente (na escola Mercúrio são as crianças que escolhem os locais de visitação). As professoras informaram, ainda, que é necessário um projeto que justifique o uso do ônibus, e outro dado que vale ser repetido, é que o veículo comporta vinte (20) lugares e o número de crianças por turmas são por vezes em maior número. As professoras *Nashra*, *Jih* e *Electra*, informaram que fizeram o passeio, mas não com o ônibus disponibilizado pela prefeitura, visto que na escola que a professora *Jih* trabalha existe uma *van* própria; na escola da professora *Electra* há uma parceria com a Universidade Federal do Rio Grande que fornece transporte, desde que ocorra um pré-agendamento e nas escolas Mercúrio e Vênus foram os pais que pagaram pelos passeios das crianças. O passeio da turma da professora *Nashra* da escola Vênus foi à Estação Ecológica do Taim na escola Marte os pequenos visitaram o Super Porto e locais turísticos da cidade. Nessa perspectiva para a professora *Kastra* *trabalhamos primeiro com o turismo para ensinar, falar sobre a cidade, a fundação. É o retorno dos alunos que enriquece o trabalho.*

Ao usarem passeios como aporte no ensino da cidade, as professoras, podem estar oportunizando a essas crianças aproximações com outras fontes e versões da história.

O organograma a seguir serve para sintetizar os materiais didáticos e outros aportes que as professoras citaram para falar da cidade.

Imagem 14: A cidade através dos materiais didáticos e alguns aportes citados



FONTE: Organograma elaborado pela pesquisadora.

Este organograma traz todos os itens citados por nossas professoras, ao listarem os materiais didáticos que mencionaram utilizar como suporte para o ensino da cidade com as crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. É interessante a grande quantidade de materiais mencionados, embora a ênfase seja no uso de apostilas, conforme descrito anteriormente. Não incluímos no organograma os itens citados pela professora *Jih* (papelão, cartona, barbante, etc.), apesar de termos ciência que eles contribuem no ensino da/sobre a cidade, e são materiais utilizados, também para atividades voltadas para o desenvolvimento espacial de jovens cegos.

Apoio-me em Paulo Freire (2001), ao trazer um exemplo e que aqui cabe, pois mostra o quanto nos acostumamos e o quanto nossos olhos, muitas vezes, deixam de ver os espaços que praticamos...

Certa vez, numa escola da rede municipal de São Paulo que realizava uma reunião de quatro dias com professores e professoras de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. [...] um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver essa exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante todos estes anos, como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? (FREIRE, 2001, p. 154).

Tendo esse relato e a prática pedagógica da professora *Jih*, fica claro o quão necessário é *estar aberto ao contorno geográfico*. Ela, muitas vezes com o auxílio dos familiares, procura relacionar os espaços que as crianças praticam, que exploram e isso vemos aqui, nessa parceira um trabalho que evidencia uma busca por apropriação espacial, além, é claro de um olhar, aos invisuais e aos seus lugares.

F. Professoras e a produção de materiais didáticos

Quando começamos a definir essa dissertação, um dos pontos que mais nos fomentavam estavam relacionados em entender e obviamente saber sobre os materiais didáticos produzidos por nossas parceiras, quais os materiais que elas se apropriavam e qual a linguagem usavam para falar sobre a cidade e qual era a Rio Grande abordada em sala de aula. A partir da tabela 13 poderemos entender um pouco esse processo, segundo seus relatos

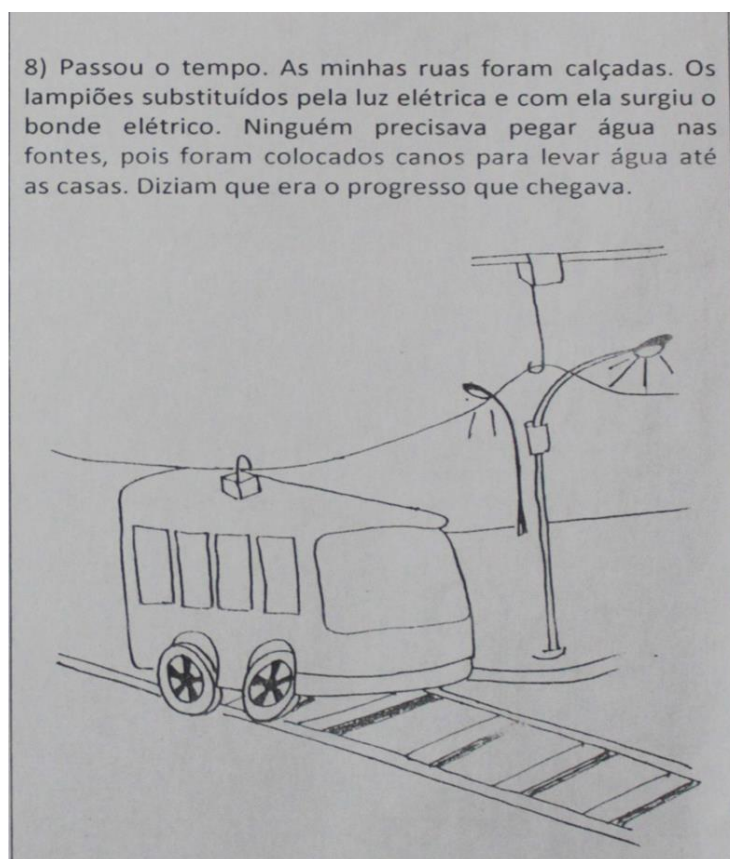
Tabela 13: O que pensam as professoras sobre a sua produção de materiais didáticos

<i>Você produz algum material didático para ensinar sobre a cidade? Qual/is Como o/s elabora?</i>	
Escola Mercúrio	<i>“Sim. História em quadrinhos, pesquisas e apresentação de trabalhos.”</i>
Escola Vênus	<i>“Não. Já temos um material produzido por outra escola.”</i>
Escola Marte	<i>“Produzimos um roteiro de aprendizagem.”</i>
Escola Júpiter	<i>“Sim. Mapa da cidade com material adaptado.”</i>
Escola Saturno	<i>“Sim, vídeos, textos coletivos e informativos, elaboro através de visita de pesquisa, aula passeio, oficinas com pessoas de fora da escola....”.</i>
Escola Netuno	<i>“Não.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora. (Grifo da pesquisadora).

A tabela indica que 50% das docentes produzem ou fazem menção à produção de materiais didáticos de cunho autoral. Dentre os materiais mencionados destacamos Histórias em Quadrinhos - HQ, uma produção da professora *Kastra* da escola Marte, mas que é utilizada também pelas professoras da escola Mercúrio. Ao olharmos para esse material, conseguimos perceber que não se trata de uma história em quadrinhos propriamente e sim uma narrativa composta por desenhos sobre Rio Grande. A seguir podemos visualizar um trecho dessa produção.

Imagem 15: Material didático produzido (desenho e texto) pela professora *Kastra*



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

A imagem anterior é um recorte do material que nos foi disponibilizado, e a história narrada tem uma personagem central, que curiosamente é a cidade do Rio Grande e com o auxílio de pequenos textos e desenhos, como o exemplo da ilustração, vai explicando como a cidade se constituía em outro período histórico, sob sua ótica.

Já a escola Júpiter tem produção total do material didático, em que professores e os jovens são os construtores. Os materiais apresentados são todos táteis, pois os cegos congênitos

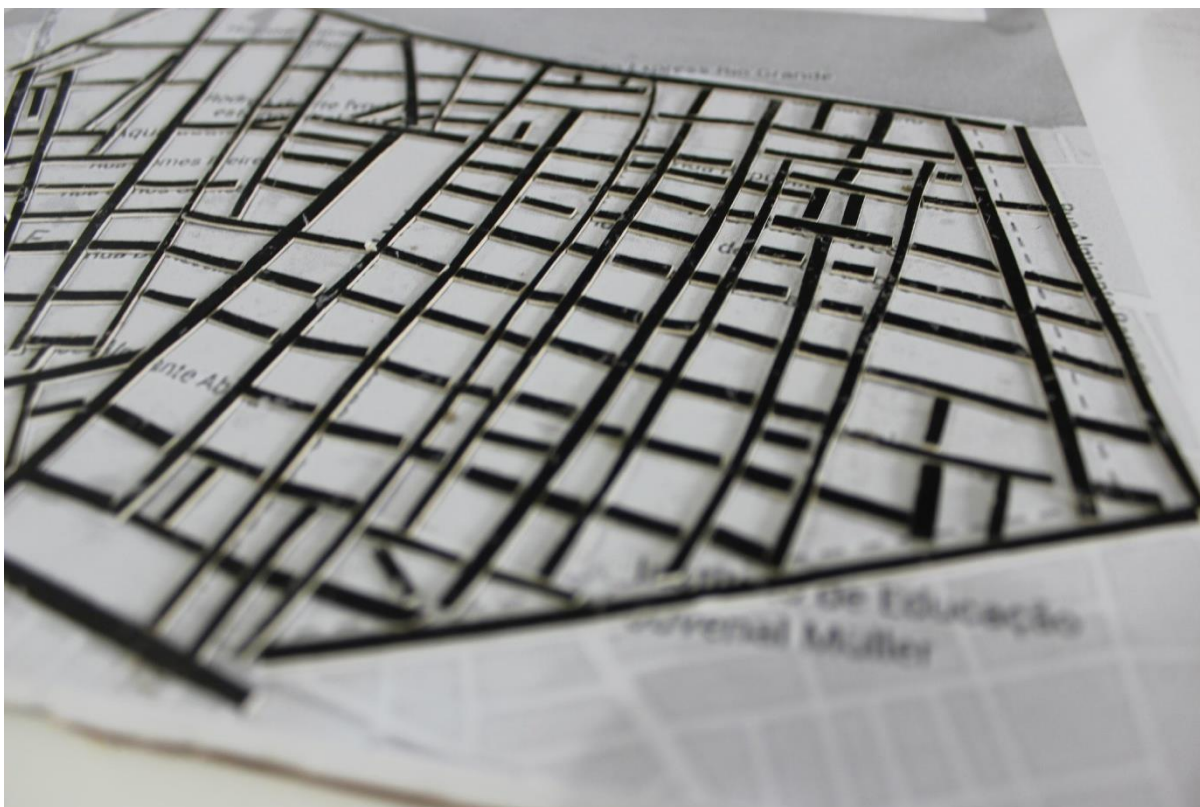
ou com baixa visão precisam significar e se apropriar de questões espaciais, por exemplo, sendo que os mapas e as maquetas fazem parte dessas construções. A professora nos citou que na construção desses materiais são utilizados barbantes, tinta relevo, cartona, mas que os papelões são a base, pois permitem aos jovens, através de suas várias espessuras, realizarem exercícios sobre os limites do espaço. É na troca de espessura que eles começam a perceber e a desenvolver sua percepção espacial, visto que, é muitas vezes uma maquete, que representa o tamanho, as funções, os limites e as formas de algo que a professora quer referenciar sobre o real.

A professora *Jih*, que atua nessa escola, sempre que trabalha com o tema Cidade, tem em suas mãos uma responsabilidade, que até então, não imaginávamos. Ela começa a falar da cidade partindo do contexto espacial dos jovens e para isso ela precisa da colaboração dos responsáveis e/ou familiares. Seus alunos são jovens adolescentes e com cegueira congênita, o que torna o trabalho da professora mais complexo, pois os jovens não partem de uma referência visual; partem de algo que sentem, vivenciam ou imaginam através do tato⁴⁷, por isso o trabalho de *Jih* busca a construção do conhecimento do micro para o macro, que vai possibilitando aos cegos maior autonomia de locomoção e em suas atividades cotidianas. Por isso, o mapa da sala de aula é o primeiro a ser explorado e depois o mapa do bairro que é feito com o auxílio da família, pois é ela que sabe quais são os locais que esses jovens praticam (CERTEAU, 1998), e posterior o da cidade, estado, país e continente.

Ela comentou que esse trabalho, tem um maior significado para eles, a turma era composta por apenas dois adolescentes. Através das imagens 16, 17 e 18 podemos exemplificar o trabalho deles

⁴⁷ Esse foi o principal sentido destacado pela professora para ensinar os jovens cegos.

Imagem 16: Mapa tátil do bairro – feito de papelão



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

A professora pondera que este trabalho é fundamental para o conhecimento espacial, e pudemos constatar in loco o quanto o mesmo contribuiu para eles, considerando a deficiência visual e a cegueira como um grande desafio ao verem a cidade do Rio Grande através dos dedos.

Dentro do programa de Pós-Graduação em Educação/PPGEdu-FURG, tivemos a pesquisa intitulada como “O cego e/na cidade: Resignificando saberes na interlocução com o outro”⁴⁸ da professora Priscila Wally V. Chagas e membro, na ocasião da sua investigação, do grupo RECIDADE. Nesse estudo Chagas (2016), buscou resignificar a cidade dos invisíveis, que foram sujeitos de sua pesquisa, através de percepções e memórias que tinham sobre a cidade, visto que perderam sua visão na fase adulta. Neste trabalho, especificamente, a professora (re)visitou espaços selecionados por esses sujeitos, tendo uma narrativa que versava de memórias e sensações sobre estes lugares de afeto e significados.

Em contrapartida, as crianças, que fazem parte implicitamente desta dissertação, considerando que suas professoras estão representando-as, tem uma média de 9 a 10 anos

⁴⁸ “O cego e/na cidade: Resignificando saberes na interlocução com o outro”. Disponível em <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/btd/0000011420.pdf> Acesso em: 02 janeiro de 2018.

descobrimos a cidade, auxiliados pelo sentido da visão, mas na turma da escola Júpiter, seus alunos têm 14/16 anos e veem a cidade através do tato e de outros sentidos, que, por vezes os visuais deixam secundarizados, frente ao excesso de estímulos visuais contidos na cidade.

Nesse sentido, Freire discorre sobre estarmos no mundo, sobre sermos parte dele, sobre percebermos que estamos inseridos independente de sermos visuais ou invisuais, pois na verdade somos praticantes da cidade e construímos nossos lugares de afeto. Por isso,

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História. (FREIRE, 2001, p. 60)

E este trabalho, de colocá-los no mundo, acaba sendo possível com auxílio de atividades que a professora faz ao leva-los em passeios táteis. Os alunos são os praticantes na construção do conteúdo trabalhado, tendo em vista que a professora nos relatou que a partir das vivências eles constroem um relatório que acaba se transformando em conteúdo, e é nesse movimento de estar no mundo que eles deixam de ser “invisíveis” e passam a fazer parte da história do Rio Grande, “por meio do tato e do coração, coleciona seu monte de bugigangas” (TUAN, 2013, p. 177), e criando assim a sua cidade. Retomo, mais uma vez a pesquisa da professora Priscila Chagas, ao relatar sua experiência protagonizando com seus sujeitos/alunos: “As inúmeras vivências sensoriais experimentadas a cada inserção nos lugares visitados... Do toque inusitado em uma tela... De um tapete de pétalas... Até um acervo que para nós se abriu, diversos foram os sentidos aflorados” (CHAGAS, 2016, p. 98), e nesses movimentos que foram oportunizados por ambas as professoras, os lugares foram (re)visitados, mas agora com um movimento de pertença, que possivelmente em outro momento não fosse oportunizado.

Na sequência o mapa sensorial produzido pela professora *Jih* e os jovens sobre o estado do Rio Grande do Sul

Imagem 17: Mapa tátil do Rio Grande do Sul – feito com papelão



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Após o contato tátil sobre a cartografia do bairro de cada jovem, a professora trabalha os limites do estado mediante o mapa tátil do Rio Grande do Sul. Neste caso o material utilizado na atividade foi o papelão com espessuras diferentes, tendo o intuito de demarcar seus limites. Neste trabalho a professora se utilizou do *Braille*⁴⁹ para compor a legenda do mapa.

Já na imagem 18 teremos a representação da América do Sul, também produzida na escola

⁴⁹ O *Braille* é um sistema de escrita com pontos em relevo usados para que as pessoas com deficiência visual possam fazer leitura de textos. A turma em questão da escola Júpiter contou em 2016, com dois alunos, sendo que um deles tinha total autonomia com o *Braille*, enquanto o outro pouco dominava.

Imagem 18: Mapa tátil da América do Sul – feito com papelão



FONTE: Foto do acervo da pesquisadora.

Com o uso da mesma técnica, a professora faz uso de espessuras diferentes para demarcar os limites, inclusive individualizar o Brasil na América do Sul. Enquanto nós visuais, conseguimos identificar as cores como legenda, no caso dos jovens da escola Júpiter, isso não ocorre porque as cores não foram demarcadas nem em *Braille*, demonstrando assim um trabalho mais voltado a questões espaciais táteis.

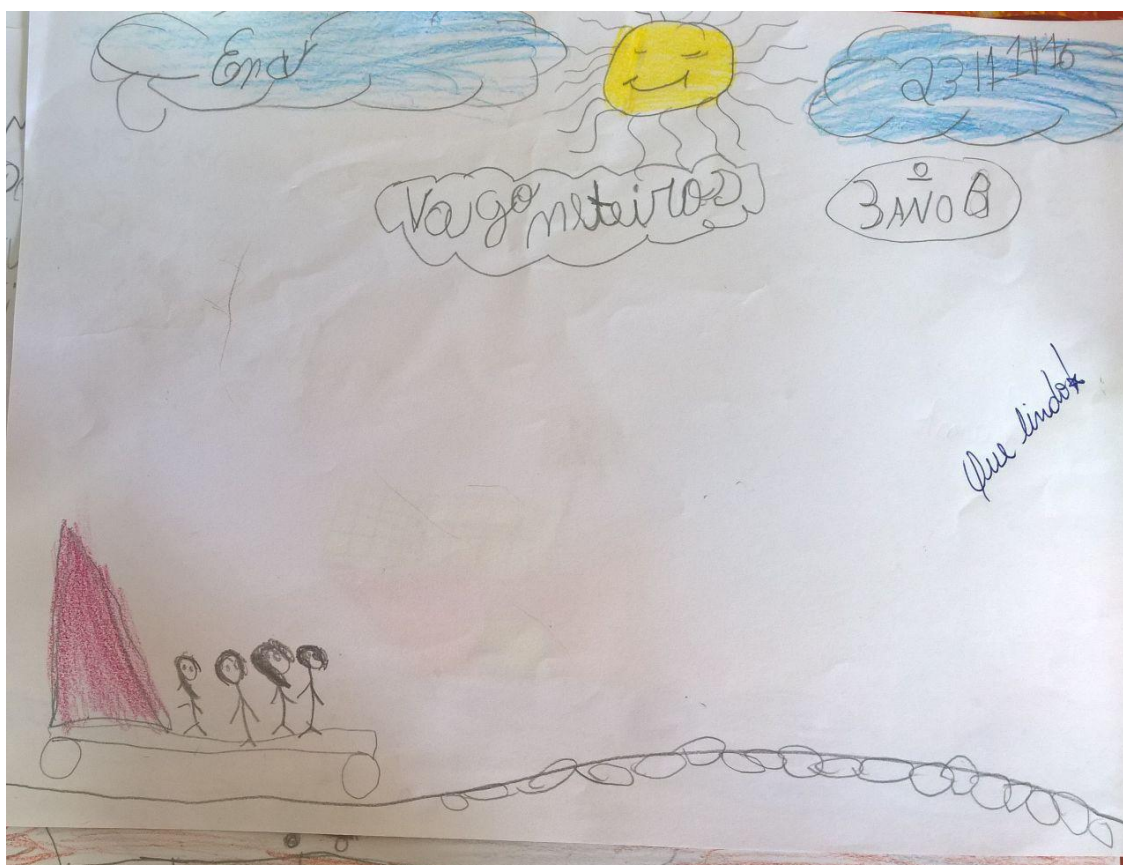
A professora explicou que todos os materiais são adaptados e voltados para trabalhos táteis, incluindo os de outros conteúdos. Na ocasião da visita somente os trabalhos representados, nas três imagens anteriores, constavam na escola, posto que ao serem finalizados são encaminhados para as famílias, possibilitando assim a compreensão acerca do que está sendo desenvolvido e trabalhado na escola. Na construção desses materiais táteis, o recorte fica a cargo da professora, e a pintura ou outros detalhes com os jovens. Outra experiência que nos foi relatada pela professora, foi que ao visitarem alguns museus da cidade, os jovens puderam tocar as obras, para poderem ter uma dimensão e apropriação do que se tratava.

Já nossas professoras das escolas Mercúrio e Saturno mencionaram a produção de textos coletivos e informativos, mas somente na escola Saturno que tivemos contato com os textos: “Rio Grande; A noiva do mar” e o texto “Os vagoneteiros”, e foram extraídos da *internet* pela

professora *Electra*, e optamos em não trazê-los na íntegra, pois não encontramos sua fonte. As crianças receberam uma fotocópia e ambos são de cunho informativo.

Através da imagem 19, iremos perceber o quanto o olhar da criança tem peculiaridades, pois vemos um desenho feito pela aluna Maria (optamos em usar pseudônimo), da professora *Electra*, ao qual faz menção a visita feita ao local – Molhes da Barra.

Imagem 19: Os vagonheiros através dos olhos de uma criança



FONTE: Arquivo pessoal da professora *Electra*.

Em um primeiro momento poderíamos considerar que é mais um desenho retratando um ponto turístico, mas nós, de fato, não sabemos o quanto essa experiência significou para essa criança, o quanto o seu olhar hoje, tem novas propriedades para descrever os Molhes da Barra e os vagonheiros, o quanto o passeio com seus colegas marcou essa criança. Possivelmente, essa experiência lhe apresentou uma cidade não tão praticada assim por ela, e concordamos que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 2013, p. 167). Quem sabe agora faça parte de sua memória e quem sabe de seus lugares também.

Na escola Marte a professora *Kastra* mencionou que a coordenação pedagógica produz um roteiro de aprendizagem que é construído tendo em conta, os sumários de livros didáticos, muito embora não façam uso deles em sala de aula.

A professora nos mostrou os livros que a escola recebeu em 2015 e que são distribuídos pela SMEd, mas salientou que não fazem uso dos mesmos, pois ela e as demais colegas consideram que os livros não abordam a cidade do Rio Grande, e que o conteúdo é muito amplo (as obras podem ser consultados na página do PNLD⁵⁰ e estão disponíveis, através da imagem 12 na página 88 desta dissertação). A professora nos explicou inclusive que os livros enviados à escola não foram os escolhidos pela coordenação pedagógica da instituição. Nesse caso ficamos sem saber se os professores participam do processo. Embora cada escola envie para a SMEd uma relação dos livros selecionados, nem sempre esses são os enviados para que os professores trabalhem. Nesse sentido, na escola acabam sendo mais um recurso didático à disposição na biblioteca.

Quando a visita foi realizada, a professora informou que a escola Marte fazia o roteiro pedagógico e que o denominam de “Sugestão Curricular Anos Iniciais – 4º ano Estudos Sociais”⁵¹. Dele listamos os itens indicados nesse roteiro e são: Localização do Rio Grande do Sul e Rio Grande; Localização do Rio Grande do Sul e do Rio Grande no mapa do Brasil; Limites e distritos do Rio Grande; História e Fundação do Rio Grande (visão geral); História da fundação de Rio Grande, salientando a importância de Silva Paes e Cristóvão Pereira de Abreu; diferença entre Zona Rural e Zona Urbana, enfatizando diferentes tipos de vida; Aspectos físicos do Município; Aspectos do relevo e hidrografia do Município, destacando a importância do meio ambiente; Reservas Indígenas; Localização das principais reservas indígenas no Estado, bem como, enfatizar como ocorrem as relações homem x índio; Aspectos humanos do município; Aspectos sócio-econômico-culturais da cidade, fazendo um paralelo destes entre si, nos aspectos: humanos, econômicos e sócios culturais; Aspectos econômicos e destacando as empresas importantes no desenvolvimento do município; Poderes do município, símbolos municipais e serviços públicos municipais e a importância do voto; Educação para o trânsito.

Este roteiro, na verdade serve aos professores de guia sobre o conteúdo a ser trabalhado com as crianças nos anos iniciais.

⁵⁰ Para consultar sobre os livros, acessar a página do MEC. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2016/> Acesso em: 22 novembro de 2017.

⁵¹ A LDB 9694/96 apresenta de forma clara as disciplinas de história e geografia nos Anos Iniciais, bem como os PCNs de 1997 e mais recentemente a Base Nacional Curricular Comum - BNCC.

Após observarmos a proposta de roteiro da escola e o que nos foi apresentado, não podemos afirmar se há, de fato, uma produção autoral do material didático, visto que em nenhum momento a professora *Kastra* nos apresentou seu acervo, ou seja, seus materiais didáticos utilizados, mas tão somente uma atividade que foi construída pelas crianças sobre a cartografia da cidade, como podemos observar na imagem 20 sobre o passeio realizado pelas crianças na cidade.

Imagem 20: Desenho da cidade trazendo em destaque a hidrografia e a península

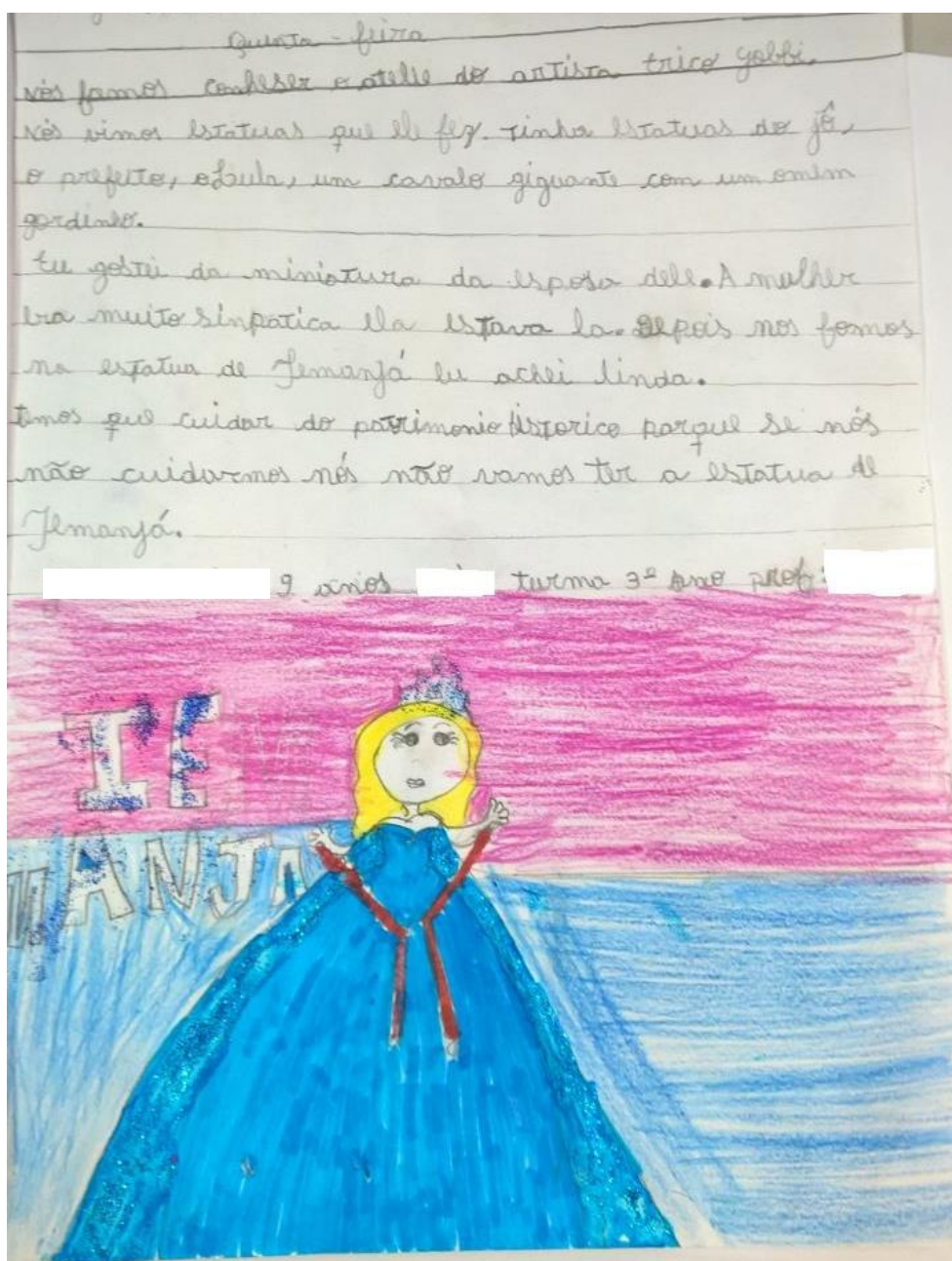


FONTE: Foto tirada pela pesquisadora.

Neste desenho, autoria de uma criança da escola, vemos um mapa da cidade do Rio Grande; a sudeste observa-se a península onde se localiza a região central da cidade. Na ocasião, não nos foi explicado o contexto do desenho.

Já a imagem seguinte reproduz um resumo sobre uma aula passeio que as crianças da escola Saturno tiveram, conforme eles foram conhecendo estes locais da/na cidade, visto que “a cidade é uma história que se conta para nós à medida que caminhamos por ela” (HILLMAN, 1993, p. 39), e nesse processo eles foram descobrindo uma Rio Grande talvez não tão fácil de decifrar assim... A professora *Electra* nos brindou com trabalhos autorais das crianças, como este exemplo. Ressaltamos que a reprodução foi ampliada para possibilitar sua leitura

Imagem 21: Trabalho realizado por uma criança após a aula passeio⁵²



FONTE: Foto do arquivo pessoal da professora Electra.

Este texto foi elaborado por Júlia, (optamos em usar pseudônimo), uma aluna de *Electra*, após a uma aula passeio ao atelier do escultor riograndino Érico Gobbi e ao Balneário do Cassino. Como foi mencionado pela professora, muitos dessas crianças estavam indo pela primeira vez à praia e também tendo um contato com um atelier de arte. Segundo ela *o fato deles não conhecerem o local ajuda no trabalho, pois dá outra significação*. Isso fica evidente

⁵² A professora da escola Saturno foi a única a fazer menção ao vocábulo “aulas passeio”, as demais usaram “passeios” ou ainda “passeios de campo”.

ao olharmos para o texto acima quando a aluna admirada relata: *Tinha estátuas do Jô (Jô Soares), o prefeito (ex-prefeito Wilson Mattos Branco - já falecido), Lula (ex-presidente da República), um cavalo com um homem gordinho*⁵³.

Tuan discorre que “a experiência é constituída de sentimento e pensamento” (2001, p. 19), logo esse movimento de viver a cidade, provavelmente proporcionado com passeios, denota novas experiências e olhares, visto que a cidade que o adulto, enxerga e vive não é a mesma que a criança percebe, como seus espaços e suas significações.

Analisamos que essa vivência significou para as crianças, que esse movimento, em sair da escola para perceber e praticar uma cidade, até então desconhecida, foi importante para eles, mas também para a professora *Electra* porque pôde evidenciar aos pequenos o olhar que ela direciona para a sua cidade natal ou, como ela mesma nos mencionou, na importância em refletir sobre a história de onde se vive. Na imagem abaixo podemos “espiar” como foi um momento da visita ao atelier do artista Érico Gobbi, localizado na Rua Marechal Deodoro, Rio Grande, RS.

Imagem 22: Imagem do atelier do Érico Gobbi



FONTE: Imagem do arquivo pessoal da professora Electra.

⁵³ O homem gordinho que a aluna descreve, na verdade é uma estátua de Rafael Pinto Bandeira, um militar que teve grande importância na fundação da cidade. (TORRES, 2015).

Desde os apontamentos no questionário da investigação como em nossos registros de notas, a professora *Electra* deixou bem claro o quanto essas crianças vêm de uma posição de vulnerabilidade social e economicamente e muitos em condições de marginalização, mas nem por isso ela deixa de proporcioná-los oportunidades, até então inéditas, como já citamos sobre a primeira experiência no mar, visto que moram a muitos quilômetros da praia do Cassino. Ela nos relatou que eles possuem uma diversidade tanto cultural como social e econômica e que faz uso do conteúdo “profissões” para contextualizar com o bairro e a cidade, pois discorre que *antes de qualquer história, a nossa história, naquele local é a mais importante*, ou seja, as histórias de vida das próprias crianças e de seus familiares.

Sobre essa aula passeio desenvolvida pela professora *Electra*, além de textos e desenhos as crianças também fizeram um trabalho com maquete alusivo às vagonetas, como vemos no exemplo da imagem na sequência

Imagem 23: Miniatura das vagonetas produzida pelas crianças



FONTE: Arquivo pessoal da professora Electra.

Electra considera relevante trabalhar a cidade e a melhor forma de proporcionar, isto é, levar as crianças aos locais estudados, visto que muitos desconhecem essa cidade “oficial”, vivenciam outras cidades mais invisibilizadas socialmente, mas que *trabalhar de onde se é, é valorizar onde se vive*, pondera a professora.

Sobre um segundo passeio, este feito à Ilha dos Marinheiros⁵⁴, ela destacou outra questão importante, que, normalmente começa seu trabalho pela Ilha, pois para ela há um significado nesse local, visto ter grande influência sobre a cultura riograndina, constituindo patrimônio do município. A professora nos forneceu imagens que comprovam esse passeio e em que as crianças exploram a sua travessia e a própria Ilha. Podemos visualizar tal experiência na imagem 24

Imagem 24: Passeio na Ilha dos Marinheiros

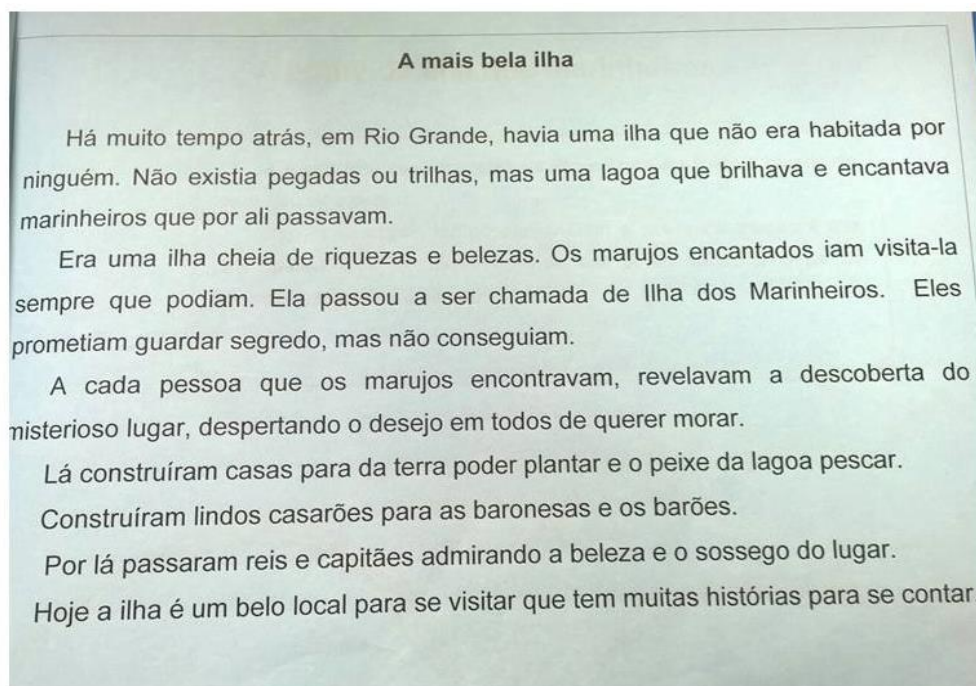


FONTE: Arquivo pessoal da professora Electra.

⁵⁴ Maior ilha da Laguna dos Patos; constitui um distrito do município do Rio Grande. Disponível em: <http://www.ilhadosmarinheiros.com.br/> Acesso em: 8 dezembro de 2017.

A imagem do passeio mostra crianças das duas escolas passeando e assim dizer, explorando a Ilha dos Marinheiros. Na imagem 25, podemos ler o texto que foi distribuído as crianças da escola Saturno

Imagem 25: Texto elaborado por crianças da E.M.E.F Renascer – Ilha dos Marinheiros



FONTE: Arquivo pessoal da professora Electra.

Segundo a professora, juntamente com esse texto, as crianças receberam exercícios, retirados do *Google*, que trazemos na íntegra

Imagem 26: Mapa da Ilha dos Marinheiros



FONTE: *Google* (como informou a professora)

- 1) Tu sabes o que é uma ILHA?
- 2) A ILHA DOS MARINHEIROS antigamente se chamava a ILHA DOS TRÊS ANTONIOS. Por que será que a Ilha tinha este nome?
- 3) Tu sabes quem foram os primeiros habitantes da Ilha?
- 4) O que as pessoas buscavam na Ilha dos Marinheiros?

As crianças da escola Saturno receberam, na semana posterior ao passeio, uma fotocópia em tamanho A4, com o texto e os exercícios acima. A professora *Electra*, comentou que sempre proporciona esse passeio aos pequenos. As crianças da Escola Renascer foram os guias, e apresentaram a Ilha, mas é, principalmente a escola, que eles mais adoram. Antigamente o prédio da escola era uma senzala, mas agora, além de ser uma escola é, também, um mini museu, construído com achados que foram e são escavados no quintal da escola e que vão (re)contando partes da história da Ilha dos Marinheiros. *Electra* completa que essa experiência enriquece e dá um maior entendimento para os exercícios propostos.

Até aqui trouxemos materiais didáticos e também algumas atividades realizadas pelas professoras no trato da cidade para/com as crianças dos anos iniciais em seis escolas investigadas na rede municipal de ensino do Rio Grande, RS.

A seguir trazemos uma breve apresentação sobre nossa indagação sobre as contribuições das crianças nesse processo.

G. Contribuições das crianças

Desde o início do processo de escrita, tínhamos nosso foco direcionado para as crianças, sobre que/qual cidade é apresentada às mesmas, tendo em vista os materiais didáticos utilizados por professoras dos anos iniciais e, conforme fomos estreitando e definindo os detalhes deste processo investigativo, questionávamos sobre as contribuições das crianças em sala de aula, o quanto elas participavam do processo junto à professora. Os questionamentos fizeram parte do questionário dirigido às professoras, conforme tabela a seguir

Tabela 14: As contribuições das crianças no trabalho com a cidade

<i>As crianças contribuem com fontes e informações sobre a cidade? De que maneira?</i>	
Escola Mercúrio	<i>“Através de pesquisas e conhecimento que possuem.”</i>
Escola Vênus	<i>“Sim. Costumam relatar coisas que os pais, avós contam para eles.”</i>
Escola Marte	<i>“Sim. Por meio de pesquisas por livros.”</i>
Escola Júpiter	<i>“Sim. Pesquisando com familiares.”</i>
Escola Saturno	<i>“Sim, através de suas vivências, contribuições das famílias, curiosidades... até as carências culturais...”</i>
Escola Netuno	<i>“Sim através de pesquisa e imagens.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Nossas professoras foram unânimes ao mencionarem as contribuições das crianças, que segundo elas, partem de pesquisas com seus familiares e de seus próprios conhecimentos e vivências, de pesquisas através de livros (não especificaram quais), e de imagens antigas que consigam obter. A professora *Lucida* mencionou o uso de imagens, mas não comentou que tipo de imagem, se a fonte eram revistas, jornais ou até mesmo do arquivo pessoal da família. A professora *Electra* narrou que as crianças com muita empolgação parafrasearam relatos de seus familiares sobre a cidade de anos passados. Nesse sentido, em cerca de setenta 70% das escolas houve menção sobre trabalhos que envolvem familiares e vivências e/ou conhecimentos infantis.

Como a investigação envolveu apenas materiais didáticos e a perspectiva da professora, e não conversamos com as crianças pouco podemos inferir sobre essa participação a não ser o que já apontamos através das narrativas docentes. Trata-se, sem dúvida, de um campo importante a ser pesquisado, levando em conta que considerarmos as crianças “praticantes” da cidade que segundo a perspectiva de Certeau (1998), significa que se apropriam do espaço e produzem leituras da cidade a partir de uma “língua espacial” exercitada por deslocamentos e convívios na cidade. Essa leitura e escrita da/na cidade revela modos peculiares de conceber e viver a cidade, seja por adultos ou crianças. Praticantes subvertem, inventam, escrevem cidades!

Procede, no entanto, refazermos questionamentos indagados por Jader Lopes (2011): Por que não lemos registros da presença das crianças nas histórias e geografias das nossas cidades? Por que não levamos em conta suas representações e o que contam sobre seus deslocamentos e espaços de vivências? Onde estão os jovens praticantes?

Para o autor, essa ausência representa que

[...] a perspectiva adulta, muitas vezes, pensa o espaço para as crianças numa dimensão única: a do mero arranjo físico, associado a uma infância sem autoria. As crianças o experienciam não como superfície, mas como interação, aprendendo e refazendo suas histórias e geografias pessoais e coletivas, tornando-se humanas a cada pedaço (espaço) e momento (tempo) pisado (eu/outro). (LOPES, 2011, p. 102).

São crianças cidadinas, contudo, que experienciam o espaço como interação, de um outro modo, mas como fazem parte de grupos invisibilizados socialmente que têm sua condição de autoria negligenciada, continuam a permanecer ausentes de narrativas sobre histórias e geografias da cidade, conforme ratifica o autor.

H. Aspectos que as professoras consideram importante ensinar sobre a cidade

Todas as professoras consideram importante abordar esse tema em sala de aula, pois como pondera a professora *Lucida* a “*cidade é importante de trabalhar porque eles [as crianças], precisam disto, pois não conhecem espaços sobre a cidade.*” Consideramos que, ao analisarmos todos esses materiais didáticos, desde os produzidos, os adaptados ou os reproduzidos, percebemos que as crianças e jovens são percebidos na condição de “praticantes”, especificamente em dois estudos: Escolas Júpiter e Saturno, nas demais pouco vimos.

Há professoras que se empenham em oportunizar vivências na/com a cidade, e, por vezes, saírem do espaço escolar para explorações com as crianças. Apesar desse movimento, percebemos uma reprodução grande acerca dos conteúdos e exercícios trazidos através dos materiais didáticos, deixando explicitado, em alguns casos um trabalho mecanicista sobre uma cidade alegórica

Tabela 15: Aspectos importantes de ensinar sobre a cidade

<i>O que é importante saber/ensinar sobre a cidade?</i>	
Escola Mercúrio	<i>“Desde a fundação, fator econômico, a valorização das belezas e riquezas da cidade.”</i>
Escola Vênus	<i>“Acho importante a parte histórica, já que a colonização começou por aqui.”</i>
Escola Marte	<i>“História e Cultura.”</i>
Escola Júpiter	<i>“É importante que nossos alunos deficientes visuais vivenciem, através de passeios a pontos turísticos, museus, praças a necessidade de valorização e conhecimento de nossa cidade.”</i>

<i>O que é importante saber/ensinar sobre a cidade?</i>	
Escola Saturno	<i>“Acredito ser de suma importância valorizar o patrimônio material e imaterial de um lugar, não faz sentido falar de uma praça apenas contando datas de fundação e objetivo da construção quando tu contas os dados da praça e a tua vivência dali, aquele lugar se materializa para as crianças e começa a fazer sentido. Além disso, é preciso gostar do espaço que se vive e não apenas conhecê-lo. Antes de relatar a história e construir nossa percepção sobre aquele lugar.”</i>
Escola Netuno	<i>“Tudo o que se refere a cidade do Rio Grande considero importante ensinar e saber.”</i>

FONTE: Tabela elaborada pela pesquisadora.

Dentro de um contexto geral, as professoras mencionaram o valor em destacar o ensino da cidade do Rio Grande, sem mencionarem, entretanto os conteúdos. Algumas professoras foram mais específicas ao elencarem conteúdos programáticos como fundação da cidade, belezas e riquezas locais, patrimônio material e imaterial, pontos turísticos. Apenas a professora *Electra* citou a valorização do patrimônio material e imaterial e utilizou esse conceito, e o quanto a cidade precisa ser representativa para as crianças para que o ensino sobre *ela* tenha sentido para os pequenos, visto que muitas vezes nem se percebem como cidadinas, devido ao distanciamento entre a cidade praticada na vida e a cidade apresentada na escola.

Na sequência apontaremos alguns dados extraídos do registro de notas que, em nosso entender, auxiliaram a compreender questões que o questionário por si só, não possibilitou.

5.1.2 Registro de notas: Algumas reflexões

Com auxílio dos registros de notas, alguns elementos serviram para acrescentarmos outras informações a esta investigação, que a princípio, não haviam sido abordadas no questionário. Muitas destes subsídios são frutos das observações que nossas professoras nos fizeram enquanto respondiam ao questionário, e com isto, acabamos registrando-as. Vale lembrar que alguns dados estão abordados de forma literal, porque não interferimos enquanto as professoras respondiam as perguntas. Em certos momentos alguns detalhes nos fugiram como, por exemplo, o título dos livros que as crianças da escola Marte têm acesso ou sobre as fontes das imagens trazidas pelas crianças da escola Netuno. Como processo humano a investigação ganha contornos peculiares até mesmo por suas lacunas e está impregnada pelas pessoas envolvidas, pesquisadora e pesquisadas.

Destacaremos em tópicos algumas peculiaridades e distinções em relação à organização do trabalho sobre a cidade nas escolas pesquisadas.

Sobre a disponibilidade de veículo para os “passeios”, “passeios de campo” ou “aulas passeio”: As professoras das escolas Mercúrio, Vênus, Marte, Saturno e Netuno informaram sobre a liberação de um ônibus, pela Prefeitura, para percorrer locais pré-selecionados por elas ou pelas próprias crianças, como relataram as professoras da escola Mercúrio, todos de cunho turístico da cidade. Ao agendar o passeio, os professores precisam enviar para a SMEd um projeto para terem direito a esse recurso, e também informaram que o ônibus possui apenas vinte (20) lugares e considerando o número total de crianças em sala de aula, muitas vezes esse passeio se tornava inviável. As professoras das escolas Mercúrio, Vênus, Saturno e Netuno fizeram esse passeio no ano de 2016, mas com um ônibus pago pelas crianças, enquanto a escola Júpiter que possui *van* própria consegue organizar suas saídas de campo com menos burocracia. Já a Escola Marte conseguiu o ônibus da Prefeitura duas vezes e seus passeios ocorreram sem a presença de um guia. As crianças, junto com a professora fizeram previamente uma linha do tempo, representando uma ordem cronológica da fundação e assim, escolheram os locais para visitação. Nessa escola não houve dificuldades em agendar o veículo.

Em relação ao planejamento do trabalho e produção de material didático: Nas escolas Mercúrio e Marte as professoras elaboram seus planos em conjunto e organizam o material sobre os pontos turísticos locais.

Na escola Mercúrio as professoras, com auxílio de jornais impressos, *folders*, imagens antigas da cidade (retiradas de uma agenda), constroem seus materiais para falarem da cidade e selecionam pontos turísticos, ainda não trabalhados. Sorteiam esses locais entre as crianças, para realizarem pesquisas que, posteriormente, deverão ser apresentadas aos demais colegas. Cartazes, por exemplo, são confeccionados pelas crianças com imagens alusivas as suas pesquisas. Ao final dessas apresentações, no ano de 2016, as professoras os levaram para conhecer os locais que foram estudados. Essa atividade ocorreu porque as professoras da escola Mercúrio acreditam na *importância em juntar as experiências da sala de aula com as da cidade*. E segundo as professoras *é difícil falar sobre a cidade, pois não há material oficial*. E este é um dos principais motivos que *Adhara, Mayara, Polaris e Electra* pedem por uma “formação continuada” que forneça subsídios para falarem sobre/com Rio Grande.

Entendemos que as professoras devam estar se referindo a material pedagógico e multicultural, posto que o acervo levantado não incluía as crianças, suas vidas, seus bairros, etnias ou culturas. Porções grandes de histórias e geografias riograndinas, portanto não foram divisadas nesse ensino da cidade oferecido na maioria das escolas investigadas, levando em conta nossos instrumentos de pesquisa.

A ênfase do trabalho sobre a cidade debruça-se sobre o conteúdo do turismo. A opinião da professora *Kastra* é elucidativa e diz: *através do turismo é possível ensinar a cidade, a fundação e o retorno dos alunos enriquece o trabalho*. O destaque ao que denominam “pontos turísticos” anuncia vazios no entendimento da cidade como espaço relacional, tenso, intenso, e que explicita localmente as contradições do mundo globalizado em que vivemos. O turismo não é algo neutro, desprovido de intencionalidades ou inocente como pode parecer. É uma atividade econômica e social, envolvem interesses, lobbys, disputas. E por que é tão fundamental de fazer parte da narrativa sobre a cidade na escola? O que isto está a nos dizer?

Fica nossa reflexão que a ênfase na atividade turística como destaque no ensino sobre/da cidade, inclusive com produção de material didático desafia a compreensão da cidade como espaço existencial, no qual cidadãos enxergam o mundo e produzem relações sociais concretas que superam em muito a cidade de locais e monumentos decorativos ou de apreciação duvidosa. Afinal, quem os definiu como “pontos turísticos” e com que intenção? Em que momento esta cidade acabou sendo mais importante daquela praticada pelas crianças? Por que estas questões acabam sendo consideradas mais importantes para o ensino sobre/na cidade e aquela à qual eles vivenciam deixa de ser abordada pelas professoras?

De todo modo, sempre é bom diferenciar, também que aula passeio não se confunde com turismo. As “aulas passeio” também chamadas de “estudos de campo”, foram cunhadas por Célestin Freinet⁵⁵, pedagogo francês, associado à Escola Nova, que ainda nos anos 1920 insurgiu-se contra as chamadas aulas tradicionais, centradas no professor em que as crianças, apenas reproduziam mecanicamente de lousas ou livros sem se envolverem nas aprendizagens. E refere-se aos trabalhos de aprendizagens proporcionadas por imersões na vida cotidiana em que as crianças são ativas na relação com o conhecimento e cooperam entre si.

Nesse sentido, em alguns casos observamos o exercício da aula passeio, pois compromissada com o envolvimento de crianças e com suas aprendizagens.

Sobre o lugar da cidade no programa: Na escola Vênus, foi a primeira vez que a professora trabalhou com o 4º ano, e sua atividade foi, além do uso da apostila, direcionada a passeios à Estação Ecológica do Taim e ao Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental - Nema⁵⁶. A professora *Nashra* nos comentou que esses passeios ocorreram em função de uma

⁵⁵ Existem várias obras traduzidas para a língua portuguesa como Educação pelo Trabalho; Pedagogia do Bom Senso; O texto Livre. Ensaio de Psicologia Sensível; Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular, entre muitas outras.

⁵⁶ Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – “Atua em toda a costa brasileira, principalmente na região costeira do Rio Grande do Sul, através de projetos apoiados em ações coordenadas de educação, monitoramento,

professora/aluna estagiária da Universidade Federal do Rio Grande, que propôs e se envolveu com a atividade. Após esses passeios a estagiária, junto com a professora, pediu para que as crianças criassem maquetas alusivas ao passeio na Estação Ecológica do Taim. Nesse caso deduzimos que o conteúdo foi município ao invés de cidade e o enfoque ambiental foi o destaque.

Quando nossa visita ocorreu, chegamos a presenciar algumas apresentações das maquetas, construídas pelos grupos de crianças, e apresentadas a seus colegas em sala de aula.

Na próxima imagem podemos ver uma maqueta alusiva ao passeio realizado.

Imagem 27: Maqueta construída por crianças alusiva ao passeio a Reserva Ecológica do Taim



FONTE: Acervo pessoal da professora Nashra.

Esta maqueta foi construída após a aula passeio, as crianças se organizaram em grupos e retrataram o que mais gostaram nesta representação. Nessa maqueta eles utilizaram papelão, isopor, argila, folhas e água para compô-la, e sua construção foi uma tarefa realizada fora do espaço escolar, sem a presença da professora. A argila serviu para moldar e reproduzir os animais da fauna, demonstrando assim, aprendizagens que esse passeio trouxe ao grupo. Na imagem seguinte temos outra perspectiva sobre o passeio.

pesquisa e conservação, com vistas à gestão ambiental.” Disponível em: <http://www.nema-rs.org.br/sobre> Acesso em: 22 novembro de 2017.

Imagem 28: Maqueta construída por crianças sobre outra perspectiva do passeio a Reserva Ecológica do Taim



FONTE: Acervo pessoal da professora Nashra.

Nesta maqueta o grupo trouxe outra abordagem, pois além de retratarem a flora e fauna da Estação, eles representaram a BR471 que a divide, que é uma realidade nessa região, e retrataram também o ônibus que viajaram. Ambos os grupos foram fidedignos ao produzirem os elementos da Estação Ecológica, trazendo elementos que acharam relevantes e marcantes do passeio. Refletimos que o passeio repercutiu positivamente em suas aprendizagens, levando-se em conta as representações construídas e partilhadas que testemunhamos.

Sobre o trabalho com cegos congênitos ou baixa visão: O trabalho proposto pela professora *Jih* da escola Júpiter segue uma proposta adaptada ao contexto dessas crianças. Todos os passeios são explorados principalmente pelo sentido tátil e os mapas decorrentes são em alto relevo, possibilitando assim uma melhor compreensão sobre o espaço representado. A professora parte de um trabalho sobre o bairro, com o auxílio da família e de relatos sobre vivências desses jovens e vão montando um relatório e um roteiro para começarem a abordar a cidade, fazendo isso através dos passeios. Para ela *os passeios são momentos únicos de vivência e de experiência*. Como mencionado anteriormente, a escola possui uma *van* e isto possibilita a locomoção. A professora explicou que após os passeios é proposto aos jovens confecções de maquetas tendo o auxílio, quando necessário da professora. Os apontamentos realizados a partir

da narrativa da professora enunciam um trabalho em que as vivências de crianças e jovens são valorizadas, sendo um ponto de partida para o ensino da cidade.

Sobre a valorização do contexto das crianças: A professora *Electra* da escola Saturno deixa explícito seu amor em trabalhar com o tema Cidade porque acredita na importância em que *cada aluno tem seu Rio Grande e que a beleza do bairro não é física*. Para a professora é de suma importância esse olhar sobre o contexto espacial da criança, pois conforme já ficou aqui registrado *antes de qualquer história, a nossa história naquele local é a mais importante*. Com isto deixa claro em sua narrativa a necessidade de trabalhar este tema principalmente porque as crianças não possuem uma *miséria cultural*, conforme define, e têm muito a contribuir e a ensinar. Seus materiais são elaborados no coletivo, tendo as crianças como praticantes e ajudando-os na construção de uma identificação com o espaço local visto que *cada aluno tem seu Rio Grande*.

Para a professora *Electra* é necessária uma formação continuada sobre o tema Cidade, visto a insuficiência de materiais didáticos e teóricos sobre o local. Neste caso, a cidade ensinada, pelo que apanhamos das notas, aproxima-se da cidade das crianças, seus contextos sociais, históricos e espaciais.

Sobre o uso de apostila: Na escola Netuno a professora *Lucida* informou que faz uso da apostila denominada “Caderno de Estudos Sociais – A cidade do Rio Grande” há dez anos e, quando necessário, faz atualizações na mesma. Afirmou que considera a apostila criada pela professora Denise de Ávila Santos bem completa. Para a docente a *cidade é importante de trabalhar porque eles [as crianças] precisam disto, pois não conhecem muitos espaços sobre a cidade*.

Os registros de notas suscitam mais perguntas do que respostas neste caso, pois vários questionamentos ocorrem: Por que caderno de Estudos Sociais? Isso será problematizado na escola? Será um caso de mera reprodução? O que contém a apostila que a torna digna de tanta fidelidade? Por que vinte anos após a LDB 9394/96 os Estudos Sociais persistem? Estas e outras questões deixam-nos com inquietações epistemológicas sobre a cidade apresentada às crianças e que não ficaram suficientemente esclarecidas nos questionários.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final de qualquer processo, é natural pensar na trajetória que foi realizada, mas principalmente na ideia do acabado, do finalizado, mas aqui é algo que não nos acontece, pois, desde os primeiros contatos que tivemos com nossas professoras parceiras o pedido para que pudéssemos, de alguma forma, contribuir ou até mesmo retornar com um *feedback* de como abordar uma cidade que não tivesse um teor tão positivista e considerasse aquela vivida pelas crianças era algo que nos desafiava, pois ao longo dessa investigação, pontuamos em nossas conversas, entre orientadora e orientanda e o RECIDADE, de como colaborar no processo pedagógico de nossas professoras.

Com isso, no decorrer da produção empírica, conforme as conversas com as professoras foram ocorrendo, percebemos que estas profissionais necessitavam e clamavam por algum material de apoio para falar sobre/com a cidade em sala de aula, porquanto, segundo apontaram os materiais didáticos produzidos sobre o local ou sobre o ensino da cidade do Rio Grande, especialmente para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, eram voltados para o turismo e sob o viés positivista, conforme apontado na página 77, na imagem 6.

O documento Parâmetros Curriculares Nacionais elaborado no âmbito nacional nos anos 1990 apresenta parâmetros para o ensino, mas não traz subsídios para a exploração da cidade com as crianças e nem a exploração de suas territorialidades, embora aponte objetivos que envolvem categorias importantes no ensino de Geografia e História, pensado para/com as crianças.

Ao olharmos para os documentos pesquisados (Parâmetros Curriculares Nacionais, Estatuto da Criança e do Adolescente, Estatuto da Cidade, Plano Municipal da Educação e Objetivos de Aprendizagem dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino do Rio Grande), percebemos que os mesmos não abordam a cidade e a criança, e encontramos alguns objetivos muito subjetivos sobre essa relação e foi pensando nesse anseio como “ouvinte”, mas também como professora que esta pesquisa começou a ganhar forma.

Espero que esta investigação, de alguma forma, possa ajudar os professores, não só os colaboradores, mas os demais que procuram refletir acerca do processo em relação a uma prática pedagógica e a maneira de falar sobre e com a cidade, seja através de seus lugares, de espaços praticados, de seus territórios... e buscando conhecer estas crianças como “co-construtoras da sociedade que fazem parte” (LOPES, 2007, p. 54).

Durante o período de leituras, coletas de dados, mas, principalmente, reflexões, percebi o quanto esse trabalho contribuiu para que meu olhar ficasse mais atento às diversas concepções e conceitos sobre cidade, o quanto o mesmo alterou minha ideia sobre lugares e o quanto situou o(s) meu(s). Também percebo que, ao final dessa etapa e considerando que estou “no chão da escola” e sendo professora do 4º de uma das escola que participou dessa investigação, percebo o quanto tenho, mais do que nunca, responsabilidade com minhas crianças em trabalhar além de uma cidade histórica e turística, mas com aquela que faz parte do que elas vivem e reconhecem, com uma cidade que vá ao encontro de um sentimento de pertencimento, que hoje, eu como pesquisadora sei o quanto é importante e o quanto as aproximam e referenciam de quem são.

No decorrer desse processo, foi possível uma aproximação aos materiais didáticos utilizados pelas professoras e com isso perceber a cidade que foi apresentada em 2016 as crianças de algumas escolas de nosso município. Sobre isso, ponderamos que, através de uma seleção de resultados foi possível perceber que, em suma, a cidade apresentada em sala de aula por nossas parceiras é fundamentada na histórica e turística, assim respondendo à pergunta que nos suleou no decorrer dessa pesquisa.

Ponderamos que nossos questionamentos foram respondidos a partir das interpretações, pautadas nesses materiais didáticos e no cruzamento de informações através dos questionários e dos registros de notas obtidos na fase I desta pesquisa. Então:

Que cidade é apresentada às crianças nos anos iniciais?

Conforme destacamos anteriormente e especialmente junto às análises no capítulo V, observamos uma Rio Grande formada por pontos turísticos, boa parte relacionados a sua historicidade e a presença das imagens de figuras que alçaram o nome na história oficial do município, muitas delas visibilizadas em praças e monumentos que compõem parte dos “pontos turísticos”, como descritos pelas professoras. Alguns se relacionam a sua natureza geográfica, como a Praia do Cassino, junto ao Oceano Atlântico, destacada pela sua dimensão, pelos Molhes da Barra e pela escultura em homenagem à Iemanjá, e, também, porque muitas das crianças não a conheciam, mesmo que morando na cidade do Rio Grande. Nesse quesito, também foi incluída a Ilha dos Marinheiros, que contém parte da história do município e é patrimônio histórico e cultural do Rio Grande, sem deixar de relembrar na importância do trabalho das professoras daquela localidade (Escola Renascer), que, junto com as crianças, reconstituem histórias e memórias deixadas através das marcas do passado e recontado a cada

pedaço encontrado em escavações. Outras Rio Grande como a presente no atelier do artista Érico Gobbi (já falecido), ou no passeio a Estação Ecológica no Taim também foram divisadas...

A história apresentada às crianças também enfatiza aspectos de um tempo longínquo, como aqueles atrelados a sua fundação que data do século XVIII e seus fundadores. Todos estão no passado e será que conversam com os homens e mulheres do presente? Não conseguimos, de fato, distinguir!

Entretanto, também há conversas com o patrimônio cultural da cidade, como dividido pela menina que descobriu entre as obras de Érico Gobbi personagens do seu cotidiano como o apresentador de TV Jô Soares, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Há uma cidade também nessa cidade que acolhe e estimula inclusões, como a de jovens cegos que ao percorrerem e mapearem trechos da cidade apropriam-se e criam cidades feita de tatos, olfatos, audições, paladares, sentimentos e imaginação. Provavelmente sejam cidades bem distintas das nossas, os visuais, tomados que estamos pela supremacia da visão.

Quais são os materiais didáticos que os professores dos anos iniciais utilizam na rede municipal para ensinar a cidade? Que critérios são usados nessa escolha?

Através da coleta dos materiais didáticos foi possível constatar que foram utilizados pelas professoras apostilas elaboradas por colegas, apostila turística, jornal local, imagens, vídeos, textos, *folder*, livros. Relembramos que foram citadas pesquisas, passeios, *sites* de busca, maquetas. Sobre os critérios, percebemos que os mesmos ocorreram dentro de suas necessidades e o que as professoras consideravam adequados as crianças ou aos seus contextos de trabalho. Por exemplo, uma professora depôs que como era sua primeira experiência naquele adiantamento optara por usar na íntegra uma apostila que fora elaborada por uma colega da rede de ensino. Enquanto outra tem como critério central os limites dos jovens cegos e organiza seus materiais de modo que outros sentidos assumam o lugar da visão. Para tal, os materiais didáticos são táteis e suas estratégias envolvem familiares dos jovens e saídas de campo.

Que fontes e concepções permeiam esses materiais didáticos?

Ao olharmos para esses materiais percebemos que em alguns deles, as fontes foram retiradas, no caso de uma das apostilas, sendo o mesmo substituído por uma capa improvisada e com o nome de nossa professora parceira; tivemos também imagens extraídas de uma agenda pessoal, além de consulta a jornal local, *folder* turístico informativo, vídeo do *youtube*, livros

distribuídos pela mantenedora que serviram de consulta para elaboração de um roteiro de aprendizagem, e *sites da internet*.

Esses materiais didáticos tiveram uma concepção voltada à cidade histórica de cunho positivista em que praticamente não são percebidos os seus “praticantes”. Prevalece informações sobre fundação, relevo, clima, hidrografia, etc., mas, também, há trabalhos que incluem o espaço próximo da criança, memórias e relações familiares e valorização do patrimônio cultural e ambiental. A outra ênfase que se destacou foi a turística⁵⁷. Praticamente todas as professoras parceiras investigadas citaram essa abordagem. Nesse caso não nos pareceu haver clareza sobre o conceito de turismo e as finalidades também foram distintas, pois em alguns casos assemelhou-se mais a trabalhos de campo ou como uma das professoras citou, “aulas passeio”.

As crianças aparecem como sujeitos de suas geografias e histórias como parte da cidade?

Nossas respostas estão pautadas nos materiais didáticos e nos cruzamentos de informações, como já apresentamos, e apesar das professoras afirmarem, através do questionário que as crianças contribuem e são fontes de informações, pouco vimos; quase não percebemos suas vozes e suas presenças no solo da cidade, logo constatamos que suas geografias e histórias, com exceção da escola Júpiter e Saturno, não são abordadas como parte da cidade. A cidade que eles acabam encontrando em sala de aula é aquela voltada à história de sua fundação, de personagens históricos que não incluem os trabalhadores, mulheres, juventudes e crianças, além daquela mais voltada ao turismo.

Pouca relação encontramos entre a cidade estudada e a praticada pelas crianças e “praticantes” do cotidiano riograndino, não percebemos nesse estudo um destaque para os lugares por elas praticados, e pouco ouvimos de nossas professoras, sobre a importância em se perceber como parte dessa história – professores e crianças -, em perceber como suas ações constroem Rio Grande e o quanto eles fazem parte dela! Muito se falou na importância em conhecer a fundação da cidade, mas no sentido de descobrir sobre sua própria história e de valorizá-la, e no sentido de se compreender como um/a “praticante” dessa narrativa pouco ocorreu.

⁵⁷ Cabe lembrar que é estratégia da Secretaria de Cultura do município o desenvolvimento de uma cultura turística, digamos, a partir da escola. Para tal, elabora apostilas e organiza cursos de formação, conforme abordamos na apresentação.

Neste sentido compreendemos que o projeto que cada escola assume faz grande diferença, posto que duas escolas tiveram suas concepções claramente postas pelas professoras. Uma que trabalha com a pedagogia de projetos (Saturno), e a outra que foca no desenvolvimento da autonomia (Júpiter), ambas carregam a narrativa de um coletivo. E os materiais didáticos utilizados pelas professoras nessas instituições ancoraram um ensino da/na cidade contextualizado, conforme os dados nos sugeriram.

Ressaltamos nosso agradecimento a nossas professoras e parabenizamos por toda dedicação ao Magistério, sobretudo nestes tempos nebulosos que pairam sobre a profissão professor e a escola pública brasileira e, obviamente, a essas crianças e jovens adolescentes. Também destacamos que, em nenhum momento tivemos a intenção em julgar a prática pedagógica de nossas parceiras; nosso intuito desde o início foi compreender esse processo e responder nossos questionamentos frente a esta investigação. Também advertimos que este olhar focou os materiais didáticos apresentados e usados no ano letivo de 2016. Tratando-se de um estudo construído a partir de seis escolas e oito professoras na interlocução com esta pesquisadora que assume seus limites humanos e epistemológicos, mas que se dedicou com rigor e autenticidade na compreensão dos dados, narrativas e teorizações que permitiram a escrita deste relatório.

Por fim, mas longe da ideia do acabado, como pondera Freire (2001), espero que você leitor, possa se questionar sobre as muitas cidades que vivem na sua e, claro, das outras cidades que vivem dentro de você! Com isso finalizo com um trecho de um poema que muito me completa e que pertence ao querido poeta e amigo riograndino

[...]

É preciso viver a cidade, a memória
saber apreciar os mo(vi)mentos
ser o protagonista de si mesmo
deixar-se levar ao sabor dos ventos

É preciso trabalhar o sonho
além de idealizar, miragem
entender que nos tirar a utopia
é tirar o horizonte da viagem. (LIMA, 2018, p. 451).⁵⁸

⁵⁸ LIMA, João Vitor Xavier de. **RECIDADE**. In. V Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo: Cidade & Escola: Formação, Transformação e Cidadania. Rio Grande: Pluscon, 2018.

REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. **Diversidade, identidades e o ensino de História**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

ALVES, Francisco das Neves. **Por uma História Multidisciplinar do Rio Grande**. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2012.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília; Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1997.

BRASIL. **Guia de livros didáticos PNLD**. Ministério da. Educação. Brasília: MEC. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/pnld-2016/>> Acesso em: 22 novembro de 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>> Acesso em: março de 2017.

CATEDRAL DE SÃO PEDRO, Cidade do Rio Grande. **História da Catedral**. Disponível em: <www.catedraldesaopedro.com.br/site/?n_link=sobre> Acesso 22 Janeiro de 2018.

CESAR, Willy. **A cidade do Rio Grande: do Big Bang a 2015**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (v1, As artes de fazer).

CHAGAS, Priscila Wally Virissimo. **O cego e na cidade: Resignificando saberes na interlocução com o outro**. Dissertação de Mestrado em Educação - PPGEdU – Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande, 2017. Disponível em <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000011420.pdf>> Acesso em: 02 janeiro de 2018.

CHAIGAR, Vânia Alves Martins. Aprendizagens e Itinerários Juvenis: cidade e cidadania sob o véu de narrativas e memórias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 295-318.

CHAIGAR, Vânia Alves Martins; REDIN, Marita Martins. A cidade, as crianças e os animais. **XII Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino em Geografia – ENPEG**. João Pessoa, 2013. (E-book).

CORALINA, CORA. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global Editora, 1983.

DICIONÁRIO Aurélio online: Verbete: **Cidade**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/cidade>> Acesso em: 14 setembro de 2016.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel Certeau. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v. 15, n. 27, p. 85-96, jul. dez. 2013. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF27/5.5_O_espaco_habitado_segundo_Michel_de_Certeau.pdf> Acesso em: 18 janeiro de 2017.

FISCARELI, Rosilene Batista de Oliveira. **Material didático: discursos e saberes**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2008.

FONSECA, Wilson da Rosa. **Poesia Rio Grande de Encantos**. 2016. Disponível em: <http://poesiarg.blogspot.com.br/> Acesso em: 14 setembro de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HILAIRE, Saint Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820 - 1821**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1974.

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. **Investigação por Questionário**. Lisboa: Edições Sílabo, 2005.

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

HISSA, Cassio Eduardo Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-Corpo. **Rev. UFMG**, Belo Horizonte: v. 20, n.1, p. 54-77, jan./jun., 2013. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/1777/1274>> Acesso em: 24 julho de 2017.

ILHA DOS MARINHEIROS. **A Ilha**. Brasil. S/D. Disponível em: <<http://www.ilhadosmarinheiros.com.br/>> Acesso em: 08 de dezembro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Rio Grande**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/panorama>> Acesso em: 29 setembro de 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Rio Grande - PIB**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/pesquisa/38/47001?tipo=ranking>> Acesso em: 31 outubro de 2017.

JORNAL AGORA. **O JORNAL**. Rio Grande. Editora do Jornal Agora, s/d. Disponível em: <<https://jornalagora.com.br/o-jornal>> Acesso em: 02 de Novembro de 2017.

LIMA, João Vitor Xavier de. Cartas. In. **V Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo: Cidade & Escola: Formação, Transformação e Cidadania**. Rio Grande: Pluscon, 2018.

LIMA, João Vitor Xavier de. RECIDADE. In. **V Seminário Interfaces Pedagógicas: Licenciaturas em Diálogo: Cidade & Escola: Formação, Transformação e Cidadania**. Rio Grande: Pluscon, 2018.

LOPES, Jader Janer. Geografia das crianças, geografia da infância. In: REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda (Orgs). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007, p. 43-55.

LOPES, Jader Janer. O menino que colecionava lugares. In: TONINI, Ivaine Maria et al (Orgs.). **O Ensino da Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 97-108.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1986.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. São Paulo: Ática, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: O Princípio da pesquisa**. 4. ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2008.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E MONITORAMENTO AMBIENTAL – NEMA. **Conheça o Nema**. Rio Grande, NEMA, 2017. Disponível em: <<http://www.nema-rs.org.br/sobre>> Acesso em: 22 de novembro de 2017.

NETTO, Vinicius. **Cidade e Sociedade**. As tramas da prática e seus espaços. Porto Alegre: Sulina, 2014.

OLIVEIRA, Paula. **Poema meu corpo é a cidade**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jIY6tn47u7I>> Acesso em: 28 setembro de 2016.

PORTO DO RIO GRANDE. **Rio Grande-RS**. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a6baRizt8MY>> Acesso em: 18 de novembro de 2017.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

POSSAMAI, Zita Rosane. Leituras da Cidade: Educação para o Patrimônio Urbano. **III Encontro Nacional de Estudos de Imagem**. Londrina, Paraná. 2011, p. 2977-2981.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **Estátua de Iemanjá**. Rio Grande, 2017. Disponível em <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos/detalhes+566f,,estatua-de-iemanja.html> Acesso em: 2 de novembro de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. **I Semana Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande**. Rio Grande, 2017. Disponível em: http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/arquivos/noticia_arquivo/programacao_semana_do_patrimonio!.pdf Acesso em: 15 de novembro de 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO GRANDE. Secretaria Municipal de Educação e Desporto. **Objetivos de aprendizagem dos Anos Iniciais da rede municipal de ensino da cidade do Rio Grande**. Rio Grande, 2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Narrar a cidade: experiências de etnografias de duração. In: POSSAMAI, Zita Rosane (Org.). **Leituras da Cidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 85.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SCHIAVON, Carmem Gessilda Burget; SANTOS, Tiago Fonseca. **Patrimônio, ambiente e ensino em Rio Grande**: Elementos para interpretação e valorização dos bens culturais. Rio Grande: Editora FURG, 2013.

SEMINÁRIO INTERFACES PEDAGÓGICAS: Licenciaturas em Diálogo. **Interfaces Pedagógicas**. 2017. Disponível em: <<https://seminariofurg.wixsite.com/interfaces5>> Acesso em: 20 agosto de 2017.

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach et all. **Formação de professores para produção e uso de objetos de aprendizagem**. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13886>> Acesso em: 2 janeiro 2018.

TORRES, Luiz Henrique. Cronologia básica da História da Cidade do Rio Grande (1737-1947). **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**. Rio Grande, EdiFurg, 2008. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/957>> Acesso em: 22 fevereiro de 2017.

TORRES, Luiz Henrique. **História do Município do Rio Grande**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE I



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Prezada Professora,

Venho por meio desta, apresentar a proposta do projeto de pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Educação/PPGEdu da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Este projeto tem como objetivo identificar os materiais didáticos que professores da rede municipal utilizam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, para ensinar sobre a cidade compreendendo as concepções que a permeiam.

Sua participação é fundamental para a coleta de dados e materiais empíricos.

Os dados serão utilizados apenas para a produção da escrita da pesquisa e serão tomados como fonte confiável da investigação intitulada *“O ensino da cidade para crianças em perspectiva: Olhares sobre Materiais Didáticos utilizados por professoras dos Anos Iniciais”*, sob orientação da Prof^a Vânia Alves Martins Chaigar.

Deixo claro que a participação na pesquisa é voluntária e que não existirão despesas para nenhum participante, assim, como não haverá compensação financeira relacionada à sua participação. Esta participação também não irá gerar nenhum tipo de certificação.

Sendo assim, conto com sua colaboração e seu consentimento para que a pesquisa possa ser realizada.

Atenciosamente,

Emanuele Lopes
Mestranda em Educação

Rio Grande, outubro de 2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos, da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso das informações contidas no questionário, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, a pesquisadora **EMANUELE DIAS LOPES** do projeto de pesquisa intitulado **“O ENSINO DA CIDADE PARA CRIANÇAS EM PERSPECTIVA: OLHARES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS POR PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS”** a utilizar os materiais didáticos o questionário aberto referente a coleta de dados e que, ao citar alguma parte deste material didático e do questionário poderá referenciar meu nome sem quaisquer ônus a nenhuma das partes.

Rio Grande, RS, _____, _____ de 2016.

Assinatura do participante da pesquisa

Emanuele Dias Lopes – Pesquisadora

APÊNDICE III



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



QUESTIONÁRIO

PESQUISA: “O ensino da cidade para crianças em perspectiva: Olhares sobre Materiais Didáticos utilizados por professoras dos Anos Iniciais”.

Dados para contato: * opcional

Nome: _____

Email: _____

*Telefone/whatsapp: _____

Informações profissionais:

Formação: _____

Ano de formação: _____

Possui pós-graduação? Qual? _____

Tempo de atuação na rede municipal: _____

Atua em outras escolas? Quais? _____

Carga horária semanal: _____

Dados da escola:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

*Telefone: _____

Ano/s (série) que leciona: _____

Tempo que atua com esse/s ano/s (série): _____

Número de alunos: _____

Dados sobre a seleção e uso de materiais no ensino da cidade:

- Em que ano/s (série/s) costuma/m ocorrer o ensino sobre a cidade do Rio Grande? _____

- Quais conteúdos geralmente constam no programa e/ou são trabalhados?

- A Secretaria de Educação fornece algum tipo de material como suporte para o ensino sobre a cidade do rio grande? Qual/is? _____

- Em caso positivo, como você avalia este material? Serve de referência para o ensino sobre Rio Grande? Por quê? _____

- Costuma utilizar outras fontes/materiais? Quais? Como são utilizadas? Como são selecionadas? _____

- Você produz algum material didático para ensinar sobre a cidade? Qual/is? Como o/s elabora?

- As crianças contribuem com fontes e informações sobre a cidade? De que maneira?

- O que é importante saber/ensinar sobre a cidade? _____